ÓRGÃO CENTRAL
DO
PARTIDO COMUNISTA
PORTUGUÊS

Director
António Dias Lourenço

Avante!

Proletários de todos os países: UNI-VOS!

Ano 49 – Série VII – N.º 339
17 de Julho de 1980

Preço: 12$50

SEMANÁRIO

Propriedade do Partido Comunista Português — Dir./Red. – R. Soeiro Pereira Gomes, 1699 Lisboa-CODEX Tel. 76 97 25 – Telex 18390 — Composição e impressão – Heska Portuguesa — Distribuição – *CDL*, R. Pedro Nunes, – 1000 Lisboa

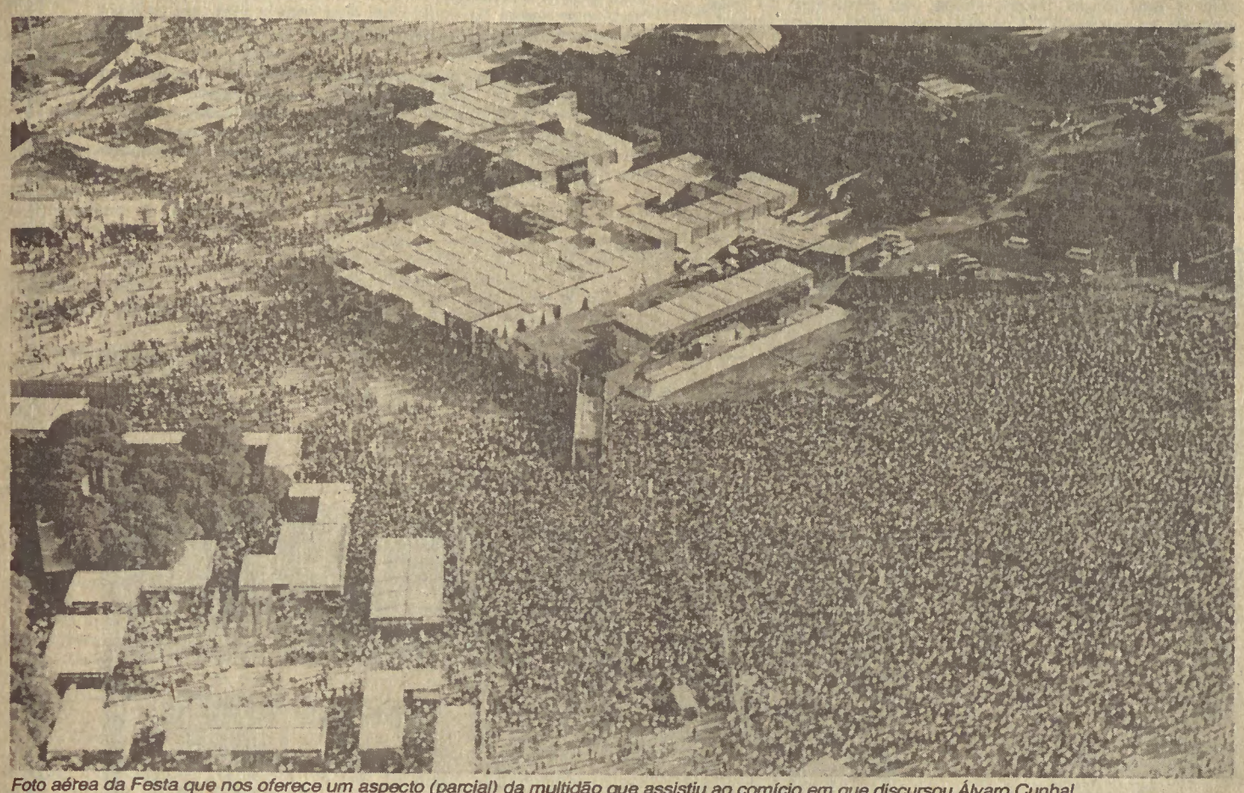


Foto aérea da Festa que nos oferece um aspecto (parcial) da multidão que assistiu ao comício em que discursou Álvaro Cunhal

MAIS DE 700 MIL PESSOAS NA MAIOR FESTA DE SEMPRE!

Nesta edição: Reportagem e comentários sobre o grande acontecimento • Texto integral das intervenções de Álvaro Cunhal e Dias Lourenço • Mais de 50 fotografias sobre os diversos aspectos da Festa

Uma festa à imagem do Partido que fez a Festa

O significado de um grande acontecimento

A Festa do "Avante!" é em si mesma um **incitamento e um apelo à unidade. O abraço fraterno dos comunistas a todos os que aqui vieram traduz o firme empenho do PCP em unir todos os trabalhadores, em unir todos os democratas na luta contra as forças do passado, contra as forças da reacção, contra a Aliança reaccionária, para assegurar o prosseguimento do Portugal da revolução dos cravos.**

A Festa do "Avante!" transcende, na sua realização e no seu significado, a afirmação do que é e do que representa o PCP.

A Festa do "Avante!" é um espelho e uma afirmação do Portugal de Abril em que vivemos, da sua realidade mais profunda, dos grandes valores da democracia portuguesa: a liberdade, o trabalho, a cultura, o progresso, a independência nacional.

A Festa do "Avante!" é uma poderosa afirmação da consciência, da vontade e da determinação da classe operária, dos trabalhadores, do Povo português em derrotar a reacção e defender e prosseguir o regime democrático consagrado na Constituição.

A Festa do "Avante!" é uma afirmação da força do presente democrático e da confiança no futuro democrático e socialista de Portugal.

A Festa do "Avante!" é um testemunho vivo de amizade e solidariedade entre os povos, duma política de paz, da associação do mais firme patriotismo com a solidariedade internacionalista.

A Festa do "Avante!" é uma afirmação do valor criativo do trabalho, do esplendor da cultura ao serviço do povo, do valor moral da militância e da dedicação às causas nobres, da profundidade dos sentimentos de fraternidade humana do humanismo comunista, da saúde, da beleza e da alegria como factores da felicidade do homem.

Ocasionalmente coincidente com um momento da vida política portuguesa dominado pela proximidade das eleições, a **Festa do "Avante!"** confirma que o PCP, partido do povo trabalhador, partido da unidade democrática, partido das nacionalizações, da Reforma Agrária e de todas as grandes conquistas da revolução, partido do presente democrático na luta contra a reacção, partido da verdade, da esperança e do futuro, **é um partido necessário e insubstituível na futura maioria democrática que sairá das próximas eleições; é um partido necessário e insubstituível em qualquer governo verdadeiramente democrático.**

(Álvaro Cunhal no comício de domingo)

No fim do espectáculo de domingo à noite, após o extraordinário êxito que constituiu a apresentação de Chico Buarque e seus companheiros, todos os artistas subiram ao palco e após uma curta intervenção do director do «Avante!» (na foto) cantaram em conjunto a «Grândola»

Editorial UMA FESTA DO PAÍS DE ABRIL

Editorial

UMA FESTA DO PAÍS DE ABRIL

A Festa do «Avante!» – disse Álvaro Cunhal na tribuna do Comício de domingo no Alto da Ajuda – é um testemunho do que é, do quer, do que representa, do que significa o Partido Comunista Português.

Eis uma questão de interesse palpitante e actual, um verdadeiro fenómeno sociopolítico de massas que se oferece à reflexão e à sensibilidade dos que no último fim-de-semana se deslocaram até ao Alto da Ajuda e ali viveram em pleno esta inesquecível realização do PCP.

A edição de 1980 – a quinta desde 1976 na FIL – marca um ponto alto na trajectória que cada vez mais confere à Festa do «Avante!» a sua verdadeira dimensão nacional e humana.

Queiram ou não os inimigos e detractores dos comunistas portugueses, o PCP existe para transformar a sociedade do seu país, é um elemento essencial dessa transformação revolucionária; existe para criar uma nova realidade na vida do seu povo, uma realidade que será nova pelo conteúdo mas que mergulhará as suas raízes numa tradição muito rica de aspirações, trabalho e luta; existe para conduzir a classe operária e todos os trabalhadores portugueses na inevitável e histórica tarefa de liquidar para sempre em Portugal a exploração do homem pelo homem.

MAS não é um caminho feito de abstrações.

Chamou-se no passado, extinto pelo 25 de Abril, luta pela destruição do regime fascista, pela conquista da liberdade política, pela revolução democrática e nacional, pela atribuição ao Povo português da plenitude na condução dos seus destinos históricos.

Chama-se no presente saído do 25 de Abril, defesa e consolidação das conquistas democráticas da Revolução portuguesa: das liberdades, das nacionalizações, da Reforma Agrária, do controlo operário de gestão.

E em cada uma destas grandes categorias, no passado e no presente, a necessária concretização numa gama muito variada de frentes de trabalho e de luta.

Quer dizer: o PCP existe para uma obra histórica que o transcende mas que não é possível sem ele, que não pode ser levada até ao fim sem a sua participação activa, dirigente, criadora.

A Festa do «Avante!» transcende cada vez mais os marcos partidários para assumir uma dimensão nacional e humana que seria, contudo, inconcebível sem essa iniciativa criadora e o trabalho concreto do PCP.

Chamai-lhe «Festa»...

Sim, é «realmente uma festa», «uma grande realidade humana: criativa, convivente, lúdica e popular», uma festa que «introduz a ideia de prazer» e que põe «nos lábios de cada um a palavra amizade», que é «um lugar de convergência da solidariedade»... Tudo isso é uma verdade transparente.

Mas a Festa do «Avante!» é essencialmente o produto não só de uma superior concepção política como de «uma grande capacidade de organização, de um empenhamento no trabalho» de milhares de homens e mulheres, de jovens rapazes e raparigas, numa palavra, de um colectivo de trabalho organizado que é expressão desse outro grande colectivo sobre o qual recairá um trabalho de dimensões históricas que é preciso realizar para travar a ofensiva da reacção contra o 25 de Abril, para lhe infligir uma decisiva derrota, para assegurar a continuidade do nosso processo democrático e revolucionário e conduzir Portugal no rumo do socialismo.

NA Festa do «Avante!» a luta contra a reacção no poder, contra os perigos que representa hoje para a democracia e a liberdade dos portugueses a existência de um Governo fascizante como o da «AD», de Sá Carneiro/Freitas do Amaral, e a necessidade de o derrotar e às forças reaccionárias que o apoiam e que ele representa, estavam em cada pormenor desta grandiosa iniciativa democrática, popular e internacionalista de massas de 1980.

Em cada exposição, em cada colóquio, ao mesmo tempo que era revelada e desmascarada a parte do plano de destuição da democracia e do 25 de Abril já empreendida pela «AD» e o seu Governo, eram também apontados os desaires e derrotas da camarilha governante Sá Carneiro/Freitas do Amaral, demonstradas não somente as possibilidades como as condições reais, concretas, existentes para os aprofundar e lhe infligir uma derrota definitiva.

O Governo Sá Carneiro/Freitas do Amaral atingiu gravemente a Reforma Agrária, roubou terras, máquinas, gados, frutos pendentes, destruiu UCPs, lançou no desemprego milhares de assalariados agrícolas do Alentejo e do Ribatejo; fez tudo isso usando da violência e violando as leis; liquidou os Conselhos de Compartes e voltou a entregar as terras baldias aos caciques reaccionários do PPD e do CDS, que dominam as autarquias do Norte e do Centro do País; impôs uma política de preços, de crédito, de comercialização dos produtos agrícolas que é um atentado contra as condições de vida dos pequenos e médios agricultores, proprietários e rendeiros. Agrediu as instituições, tentou um golpe subversivo contra a democracia.

Tudo isso estava presente na Festa do «Avante!». Mas em sugestivos quadros, nos *stands* da Reforma Agrária e nas intervenções e debates dos auditórios, tal como nas danças e cantares dos corais alentejanos ou das tocadoras de adufe da Idanha-a-Nova, nas estrofes do malhão, do fandango ou do vira, nas expressivas narrações dos contadores de estórias, estava presente também a vontade de defender cada conquista, a confiança de que o Portugal de Abril vencerá, a certeza de que os rumos da Revolução portuguesa serão mantidos pela determinação do Povo português.

DE cada realização da Festa do «Avante!» como do convívio gigantesco de mais de setecentas mil pessoas no recinto do Alto da Ajuda brota sempre um verdadeiro hino à liberdade e à unidade dos portugueses.

Principalmente o povo reunido no Alto da Ajuda quis demonstrar e significar que a unidade, garantia da vitória do «movimento dos capitães» que tornou possível manter através das procelas mais barrascosas a herança libertadora e as conquistas do 25 de Abril é hoje imprescindível para as manter e consolidar.

Aqueles que hoje, afirmando-se democratas, fomentam a divisão de facto entre os portugueses e o mesmo entre as Forças Armadas e os militares de Abril, acendendo surpreendentes e perigosas ambições, estão cavando profundos fossos entre os democratas, estão facilitando as manobras dos inimigos de Abril, estão pondo em perigo tudo o que Abril possibilitou ao Povo português.

Na Festa do «Avante!» o apelo à unidade e o repúdio do divisionismo constituíram nota dominante dessa grande realização popular de massas de conteúdo nacional.

Na defesa da cultura portuguesa, de que a exposição e a evolução de Camões constituiu a mais significativa manifestação; na mensagem de artistas, etnólogos e arqueólogos como na singeleza e expressividade popular de artesãos que trouxeram até à Festa do «Avante!» os primores da sua arte e do seu saber; nas canções dos cantores da Revolução, do canto e da música progressistas de Portugal e do Mundo que encheram os palcos e os ares da Festa; do optimismo e do ritmo de jovens desportistas portugueses e estrangeiros que no Alto da Ajuda encontraram um incentivo para uma prática sã do desporto ao serviço do Povo, de tudo isso saía uma invencível confiança nos destinos da Revolução de Abril, uma grande determinação para defender as conquistas populares e para assegurar a continuidade criadora das instituições democráticas, dos avanços sociais, das conquistas do 25 de Abril.

No Alto da Ajuda encontraram-se unidos, nos mesmos objectivos, portugueses das mais diversas condições sociais, das mais diversas formações políticas, de todas as convicções e crenças religiosas. E todos exprimindo um forte sentimento de fraternidade e solidariedade, a certeza de que os cravos de Abril manterão todo o seu viço e perfume, de que as esperanças do Povo português em dias melhores não serão traídas.

A menos de três meses das eleições legislativas a Festa do «Avante!» constitui uma autêntica antecipação de vitória das forças democráticas, em particular de uma votação maciça no PCP e na APU como grande força unitária da democracia portuguesa e dos ideais de Abril.

A dinâmica unitária da APU empregnou as realizações da Festa do «Avante!» nas iniciativas e propostas do PCP e na participação militante de cada uma das suas organizações.

O interesse pelo programa eleitoral do PCP traduziu-se no quase esgotamento da sua venda no recinto do Alto da Ajuda.

O comício que culminou as manifestações políticas da Festa do «Avante!» constituiu uma gigantesca expressão de força, de unidade política, de confiança no PCP, do valor das suas propostas políticas ao Povo português.

Cerca de 250 000 pessoas na área do comício gritaram em uníssono «Sá Carneiro para a rua!» e tal clamor exprimia a irreprimível vontade da maioria do Povo português.

Esta edição de 1980 da Festa do «Avante!» ficará ainda mais inscrita como uma grande realização internacionalista de partidos, movimentos e povos irmanados nos mesmo ideais de paz, fraternidade e solidariedade, nos mesmo ideais comuns do socialismo. Trinta e oito delegações de órgãos da imprensa operária internacional estiveram presentes.

Na noite, quanto multidões compactas caminhavam nas vias de acesso dizendo o adeus à Festa do «Avante!» de 1980, uma grande confiança brilhava nos olhos e nos corações de muitos milhares de visitantes. Nos rostos dos que partiam uma enorme certeza se lia: Abril vencerá! 25 de Abril sempre! Fascismo nunca mais!

E a quase certeza de que a Festa do «Avante!» de 1981 será a consagração do Portugal de Abril, sem Governo «AD» nem Sá Carneiro e Freitas do Amaral na condução do País. Uma Festa, afinal, do Portugal reencontrado, liberto do pesadelo da reacção no poder, guiado pelas suas instituições democráticas e por um governo democrático.

Avante!
Proletários de todos os países UNI-VOS!
O jornal dos trabalhadores da democracia e do socialismo

PROPRIEDADE: *Partido Comunista Português*. Rua Soeiro Pereira Gomes – 1699-Lisboa CODEX. Tel. 768345.
ADMINISTRAÇÃO: *Editorial Avante, SARL*. Av. Santos Dumont, 57-3.º Dt.º – 1000 Lisboa. Tel. 769744/769751.
DIRECÇÃO E REDACÇÃO: Rua Soeiro Pereira Gomes – 1699 Lisboa-CODEX. Tel. 769725/769722.
DISTRIBUIÇÃO:
CDL, Central Distribuidora Livreira, SARL. **Serviços Centrais:** Av. Santos Dumont, 57-2.º Dt.º – 1000 Lisboa. Tel. 779828/779825.
Centro Distribuidor de Lisboa: Av. Santos Dumont, 57-C/v – 1000 Lisboa. Tel. 769705. (Abrange os distritos de Lisboa, Santarém e Setúbal).
Casa da Venda em Lisboa: Rua do Século, 80 – 1200 Lisboa. Tel. 372238.
Centro Distribuidor do Norte: R. Miguel Bombarda, 578 – 4000 Porto. Tel. 28938.
Casa da Venda: R. do Almada, 18-2.º Esq – 4000 Porto. Tel. 310441.
Centro Distribuidor do Centro: Rua 1.º de Maio 186, Pedrulha – 3000 Coimbra. Tel. 31286.
Centro Distribuidor do Alentejo: Alcarcova de Baixo, 13 – 7000 Évora. Tel. 26361.
Centro Distribuidor do Algarve: Rua 1.º de Dezembro, 23 – 8000 Faro. Tel. 24417.
ASSINATURAS:
Av. Santos Dumont, 57-2.º Esq.º – 1000 Lisboa. Tel. 779828.
PUBLICIDADE CENTRAL:
Av. Santos Dumont, 63-A – 1000 Lisboa. Tel. 776936/776750. *Porto* – Rua do Almada, 18-2.º Esq.º – 4000 Porto. Tel. 381067.
EXPEDIÇÃO:
R. João de Deus, 24 – Venda Nova – 2700 Amadora. Tel. 900044.
Composto e impresso na Heska Portuguesa R. Elias Garcia, 27 – Venda Nova – 2700 Amadora.

Tiragem média do mês de Junho: 70 338

À venda nas livrarias
e nos Centros de Trabalho do PCP

PROGRAMA ELEITORAL DO PCP

para a Vitória de Abril

edições Avante!

A volta a Portugal a pé

Diz-se que a Festa é um mundo. E não é apenas o «Avante!» que o diz nas suas páginas, não são apenas os comunistas que, com a natural satisfação de quem cumpre uma tarefa com êxito, tarefa que ainda por cima é festa, que o dizem. Nos últimos dias, muitos portugueses fizeram essa reflexão, no grande encontro que em três dias se proporcionou no Alto da Ajuda.

Muita gente foi ao imenso convívio pela primeira vez. E muitas vezes ouvimos: **«Não é possível ver tudo. Já sabia que isto era em grande mas não fazia ideia que fosse assim. Isto é um mundo!»** E, para além do mundo internacional concentrado na cidade onde se ordenavam os pavilhões dos jornais de partidos irmãos, para além dos palcos, dos pavilhões centrais, a festa era o mundo que Portugal abarca: o mundo dos combates políticos, o mundo do trabalho, o mundo da arte e da cultura — um mundo «composto de mudança» em que se empenham os trabalhadores e os democratas portugueses.

De toda a parte para o Alto da Ajuda

As organizações regionais do Partido trouxeram à Festa a imagem de como se vive, trabalha, luta e festeja em toda a parte onde os portugueses se encontram: do Minho ao Algarve, como se costuma dizer, e também das ilhas, e também da emigração.

Dar uma volta ao recinto, percorrer com os olhos as exposições políticas, apreciar o artesanato, provar um petisco ou mesmo almoçar aqui ou jantar ali, era uma verdadeira viagem — demorada viagem de fraternidade.

Logo ao entrar, como a abrir as portas do Portugal de Abril, o Alentejo acolhia-nos. O profuso artesanato de três distritos — Portalegre, Évora e Beja — oferecia-se à escolha do visitante. Da cortiça ao cobre, do chifre ao barro, das mantas aos bordados onde os novos temas da revolução se inscrevem com as cores da tradição alentejana, o artesanato foi sempre a tentação de quem queria trazer uma recordação da Festa.

Depois era a exposição da DORA, que logo de início nos contou como de 5 mil militantes em 1974, o PCP passou para 30 mil à data da última Conferência do Partido. As realizações e benefícios que a Reforma Agrária tem levado a cabo, por um lado, os ataques e as sabotagens de que tem sido vítima, por outro, foram os temas centrais da mostra de fotografias que documenta a luta heróica dos trabalhadores. Casquinha e Caravela, os dois camaradas recentemente assassinados, juntam os seus retratos aos dos que foram agredidos e espancados pela ira governamental e lembraram-nos o caminho que tem sido o de cada vez mais trabalhadores — resistir e continuar a defesa da Reforma Agrária!

O reforço do Partido

«Por uma autonomia ao serviço do Povo» foi o lema que Açores e Madeira, que apresentavam um restaurante conjunto, escolheram para mostrar a todos a sua presença na Festa. Para o artesanato havia dois pavilhões distintos — a Madeira com as suas palhas, os Açores com a variedade dos produtos vindos das suas nove ilhas.

Mesmo ao lado, eram os pavilhões da Emigração, um deles destinado ao restaurante. A exposição assinalava os principais problemas dos emigrantes portugueses, a política de incúria da «AD» e as iniciativas políticas do Partido. **«Pelos caminhos do Mundo para os caminhos de Abril»** era a palavra que encimava o certame de artigos em venda. Produtos de todo o mundo, trazidos por comunistas que vendem no estrangeiro a sua força de trabalho e não deixaram de estar presentes na Festa.

Depois o Norte — **o Norte, onde o PCP e a APU, as organizações dos trabalhadores e dos camponeses, das mulheres e da juventude, dia a dia se reforçam, alargam a sua base de massas, multiplicam as suas acções, tomam a iniciativa política e social.** Assim era de facto, e a exposição demonstrava-o.

Enquanto o pavilhão da DORP sublinhava as iniciativas do PCP — encontros, reuniões de quadros, comícios, a Conferência sobre a CEE, a Conferência Eleitoral realizada há semanas na capital nortenha, e reservava um lugar destacado para a vitoriosa campanha dos 20 mil contos — a DORM mostrava a realidade política minhota, na qual era saliente a elevada participação do sector juvenil. A Festa da Alegria, em Braga, e os aumentos significativos nas votações APU, nos distritos de Braga e Viana do Castelo, eram também pontos de referência da exposição.

«Trabalhadores do Campo lutam contra a «AD», dizia Trás-os-Montes. As lutas dos camponeses pela posse dos baldios, a actividade dos compartes que em assembleias discutem as acções a desenvolver na luta contra a lei que lhos retira, a questão das linhas férreas do Tua, Sabor e Corgo, linhas que já o fascismo queria encerrar e o Governo de hoje pretende fazer desaparecer, eram os temas propostos à reflexão para o visitante. Ao mesmo tempo mostravam-nos o crescimento do Partido e o reforço da votação na APU, realidade comum, aliás, em muitos dos pavilhões que visitámos.

Passo a passo imagem por imagem

À medida que o visitante avançava — lentamente, se a sua intenção era demorar-se e tudo ver, rapidamente, se, de programa na mão, se dirigia a algum acontecimento particular (um espectáculo, um colóquio) — as imagens eram sempre diferentes, imagens da variedade e, no entanto, imagens da unidade no combate que todos queremos vencer.

Por isso podia variar a arte que nos apresentavam — por exemplo o artesanato da Beira litoral, com o ferro forjado de Viseu, as loiças de Coimbra, os barros de Aveiro. Podiam variar os petiscos que nos propunham — os presuntos e chouriços de Viseu, as sandes de leitão da Bairrada. Nas exposições da DORBL, os objectivos centrais eram, no fundo os mesmos. E aqui, a par dos avanços que a APU tem conseguido, atenção especial era dedicado aos centros de trabalho do PCP — 12 em Aveiro, 11 em Coimbra, 6 no distrito de Viseu. Reforço do Partido, reforçar a organização dos trabalhadores para conseguir o objectivo anunciado: **diminuir a base social de apoio da direita nos campos.**

A Beira Interior ordenava, na sua exposição dos distritos da Covilhã e Guarda, os instrumentos de trabalho e as vestes dos mineiros da Panasqueira, os trajes dos camponeses do interior, documentando a luta persistente dos operários têxteis, dos mineiros, dos pequenos agricultores.

A arte e o trabalho

Setúbal aparecia a seguir, com grandes restaurantes concelhios. A DORS apresenta depois uma grande exposição de arte — pintura, cerâmica, desenho, miniaturas reconstituindo antigos instrumentos de trabalho ou locais tradicionais da capital do distrito, tapeçaria, esculturas, calçado tradicional. Ali também se podiam encontrar, mais adiante, maquetes de projectos urbanísticos de autarquias APU e dados sobre os principais sectores de actividade do distrito — química pesada, indústria corticeira, construção naval, siderurgia, agricultura, pescas. Nos stands reservados ao artesanato, as organizações concelhias promoviam a venda de uma grande variedade de objectos; ao mesmo tempo, Almada e Palmela (Pinhal Novo) propagandeavam iniciativas para a construção de Centros de Trabalho.

Vamos subindo. O pavilhão da DORSA domina já uma vasta área da Festa. Lá pudemos encontrar dados estatísticos sobre a composição e o número dos militantes do distrito de Santarém, dos centros de trabalho, os resultados eleitorais. A Reforma Agrária e os problemas dos rendeiros da região são ilustrados com fotos. Bares, restaurantes, o colorido artesanato encerra o espaço reservado a Santarém.

Ao lado é a DORLEI. As artes características da região litoral — Peniche, Nazaré —, de braço dado com os barros da Batalha e de Porto de Mós. E os vidros da Marinha Grande em quermesse, as iniciativas para o pagamento e construção do Centro de Trabalho da vila de grandes tradições operárias.

O Algarve encostava-se à cidade internacional. E mostrava os êxitos conseguidos pela primeira administração APU no distrito de Faro, a Câmara de Vila Real de Santo António. Junto dos quiosques de pré-pagamento aglomeravam-se os visitantes, adquirindo senhas para os stands dos assados, para a cervejaria, para o café com medronho.

A palavra na Festa

No mesmo local do ano passado encontrava-se, finalmente, a DORL, de um lado e do outro da Alameda Conquistas de Abril, com os vários pavilhões dos concelhos, do Comité Local, dos Sectores. Mesmo no topo, na Praça Cidade de Lisboa, o pavilhão central da DORL mostrava o mapa político do distrito de Lisboa — mapa «electrónico» que funcionava mostrando os vários concelhos iluminados quando se escolhia, num quadro, o botão respectivo: Ficava a saber-se e a poder comparar-se os resultados obtidos, na eleição para a Assembleia da República de 1976, pelo PCP, com os que a APU conseguiu nas intercalares de 1979.

Seguia-se uma exposição de cartazes e uma mostra de desenhos humorísticos, uns de actualidade, outros da autoria de Bordalo Pinheiro. O Palco/stand da DORL, durante a festa, albergou muitos oradores e muitos espectáculos. A palavra falada e cantada era praticamente uma constante naquele local onde praticamente terminava a volta da festa.

Uma verdadeira volta a Portugal a pé.

Bastidor

PEDIMOS uma senha, com ela comprámos uma água, um sumo, uma sandes, uma refeição; ou uma louça regional, uma peça de cobre, um objecto em madeira; ou um livro, um disco, uma revista. Ou ainda não comprámos nada, pedimos apenas uma informação, utilizámos um serviço qualquer. A Festa oferece-se a quem a visita, profusa de solicitações, atenciosa, amiga, pronta e organizada.

Sabemos quem a fez. Os milhares de camaradas e amigos que durante semanas se deslocaram ao Alto da Ajuda, empunharam ferramentas, abriram valas e levantaram estruturas, pintaram painéis, instalaram água, esgotos, electricidade. Sabemos que em todo o País, milhares de camaradas, nas suas organizações prepararam a contribuição de cada região para a Festa, trouxeram de Portugal inteiro as exposições, o artesanato, os petiscos.

Sabemos que muitos foram os que colaram os cartazes, que tantos foram os que estenderam faixas nas ruas e nas estradas do País, os que venderam EPs e organizaram excursões.

Sabemos – e parece não se dar por eles – que muitos camaradas asseguraram o decorrer da Festa. Viveram nos bastidores da Festa. Com eles a Festa foi possível e foi um êxito. Como sempre, maior e melhor que a anterior. À custa de muito trabalho. Em Festa.

Foram dezenas de milhares. Às vezes víamo-los passar, atarefados. Tinham um cartãozinho ao peito. Um cartão verde, ou azul, ou amarelo, ou laranja, ou roxo, ou vermelho. Mais cores que as do arco-íris, que o serviço era imenso.

Foram eles – homens, mulheres, jovens, reformados – que atrás dos restaurantes preparavam as refeições suando ao calor dos fogões, gelavam as bebidas que bebemos, lavaram a louça que utilizámos. Foram eles que corriam a buscar artistas, organizavam os espectáculos, carregavam instrumentos. Foram eles que davam a informação solicitada, anunciavam que a criança perdida tinha sido achada.

Foram eles que fizeram laboriosamente contas, venderam senhas, serviram o petisco e o copo de vinho regional, nos aconselharam na compra de um objecto de artesanato, nos propuseram um livro.

Eram eles que abriam as portas da Festa. Foram ainda eles que, à noite, as encerravam. E, durante duas madrugadas limpavam a face da Festa para que ela pudesse acontecer de novo ao outro dia.

Estavam cansados. Preocupavam-se. Muitos não dormiram. Resolveram muitos problemas, daqueles que são do domínio do imprevisto. E todos tinham de estar sempre preparados para o imprevisto. Por vezes as coisas não corriam como se esperava. Mas nem por isso o seu entusiasmo acabou. Estavam lá para fazer «andar» a Festa. E a Festa «andou»!

À vezes ouvíamo-los dizer: «Ainda não vi nada da Festa». Outro respondia: «Ainda vi menos que tu».

E diziam isto com orgulho.

Vozes da Reforma Agrária: «junta a tua à nossa luta!»

Vieram do Alentejo e Ribatejo. Trouxeram consigo a experiência sofrida da ofensiva contra a Reforma Agrária. Mas trouxeram também a vitalidade do combate em defesa das UCP's e Cooperativas. Trouxeram imagens, factos, vivência da nova vida, do clima novo que Abril e a Reforma Agrária trouxeram a suas terras. Trouxeram a mensagem da determinação, da não-desistência e da confiança que garantem a vitória.

Trouxeram também o artesanato, sobretudo o alentejano: cortiça, panos, madeiras laborados em arte popular. Trouxeram as comidas típicas. E ainda os produtos que no Mercado da Reforma Agrária se esgotaram «num ver se te avias». E trouxeram, atrás em montes de camionetas, multidões que encheram a Festa de vozes alentejanas, baixas, profundas, arrastadas, e de vozes do Ribatejo, mais abertas as sílabas, mais cantantes os sons.

Trouxeram o canto e a luta através dele. «Nunca vi um alentejano cantar sozinho», disse o poeta. Estas palavras de José Gomes Ferreira estavam repetidas no *stand* político da Reforma Agrária. Estas palavras foram ali vividas. Começava um grupo à beira do restaurante alentejano: um grupo mais pequeno que grande. E em breve o canto ganhava toda a gente do restaurante, ganhava a rua, atraía mais e mais gente: «Junta a tua à nossa voz...», «A terra a quem a trabalha». E mesmo já a Festa acabada, já a multidão debandando, sob a noite alta, a madrugada nascendo da segunda-feira, ainda um grupo, passos lentos, ombro-a-ombro, braço-a-braço, corpo-a-corpo, avançava no sentido contrário à saída, cantando Alentejano, como quem não finda, como se a Festa fosse ainda, como se todo o tempo estivesse ainda por vir ali na Ajuda. E a Festa, como luta que é, sob uma outra forma, mas luta sem dúvida e das rijas, das mais importantes pelo trabalho, organização e pelos resultados, — de certo modo, não acabara de facto.

Trouxeram a experiência sofrida da ofensiva... dizíamos nós. As fotos, os números que impressionaram tanta gente, que fizeram olhos marejarem-se, mãos atrapalhadas limpando as lágrimas:

- 1300 trabalhadores feridos a tiro e a bastonadas;
- Mais de 150 trabalhadores presos e julgados sumariamente;
- 2 trabalhadores assassinados a 27-9-79: José Geraldo, de 60 anos, António Casquinha, de 17 anos. E os assassinos à solta e os assassinos à solta...

Mas mais ainda, a denúncia crua de outros aspectos da ofensiva:

- 350 000 hectares roubados, dos quais mais de 100 000 com o Governo Sá Carneiro;
- Mais de 70 UCP's/Coop. destruídas;
- Mais de 40 latifúndios reconstituídos;
- Mais de 25 000 postos de trabalho destruídos;
- Mais de 100 000 cabeças de gado e mais de 50 000 máquinas e alfaias roubadas;
- Mais de 4 milhões de contos de dívidas às UCP's/Coop.

Mas apesar de tudo isto, a expressão da resistência e luta dos trabalhadores:

800 000 hectares mantêm-se na posse de 480 UCPs/Coop., onde trabalham 40 000 homens e mulheres.

Apesar da ofensiva no ano passado, foram construídas na zona da Reforma Agrária mais 11 creches e 2 lares para a terceira idade, avançou-se no combate ao analfabetismo – viram nas fotos, as mãos calejadas, os dedos grossos de trabalhadores bem adultos segurando o lápis, o jeito de inexperiência mas também de teimosia? – os centros culturais semeando cultura democrática em terras da Reforma Agrária. E tudo o que é, o que se faz, se constrói – mesmo com a ofensiva – dá imagem do que poderia ser, fazer-se, construir-se com um Governo democrático, com estímulos concretos aos trabalhadores, à produção, à consolidação de Abril, ao avanço para o futuro.

Vieram do Alentejo e Ribatejo. Encontraram aqui a solidariedade concreta de todo o resto do país. Saíram mais fortes da Festa, mais determinados ainda. "Junta a tua à nossa voz...", cantavam. Como quem diz: "Junta a tua à nossa luta..."

O programa eleitoral — arranque para um período de importância decisiva

O Programa Eleitoral do PCP, divulgado em conferência de imprensa na passada quinta-feira, foi entusiasticamente acolhido na Festa do «Avante!», tendo sido vendidos milhares de exemplares, e dinamizado muitos dos colóquios e debates sobre a situação política e as perspectivas de acção e luta propostas pelo Partido da classe operária a todo o Povo do Portugal de Abril.

Além da intervenção do camarada Álvaro Cunhal, secretário-geral do PCP, no grande comício realizado no domingo – ponto alto desta parte do programa da Festa – as questões políticas estiveram em foco em diversas iniciativas realizadas nos três dias, quer a nível central, quer a nível das organizações regionais, em debates e colóquios que mobilizaram a participação de muitos camaradas e amigos que foram orientados por dirigentes e quadros do Partido.

O Programa Eleitoral esteve na base da parte política da Festa. Por isso se poderá dizer que esta constituiu o arranque para o importante e decisivo período pré-eleitoral que agora se inicia, durante o qual a tarefa imperiosa e inadiável é a divulgação das propostas dos comunistas na luta por uma alternativa democrática e por um governo democrático – para que Abril vença!

Semana

9
Quarta-feira

1978 – Termina a "Festa da Alegria", em Braga.

É noticiado na imprensa que a comissão administrativa da RDP nomeada pelo Governo "AD", pretende admitir nos serviços de administração, de uma vez só, mais 28 indivíduos, 12 dos quais não sendo sequer jornalistas; a admissão é feita à revelia dos Conselhos de Redacção, cuja consulta é obrigatória, nos termos da lei ■ Em comunicado, as organizações sindicais representativas de cerca de 97% dos trabalhadores da TAP manifestam-se dispostas a manterem-se unidas na defesa dos postos de trabalho e dos direitos e regalias em vigor, face à ameaça do Governo em encerrar esta empresa pública ■ A Federação dos Sindicatos dos Ferroviários anuncia uma greve na CP a partir do dia 18 caso o conselho de gerência da empresa e o Governo não desloqueiem as negociações para a revisão do Acordo Colectivo de Trabalho (ACT) da CP, que se arrastam infrutiferamente há nove meses.

10
Quinta-feira

1372 – É assinado o tratado de Tagilde, o primeiro de uma série de convénios que dariam lugar à "aliança luso-britânica".

Cidade do Porto

Em conferência de imprensa, o PCP apresenta em Lisboa o seu programa eleitoral para as próximas eleições legislativas, onde ressalta a necessidade de derrotar a "AD" e criar condições para a formação de um governo democrático ■ A Câmara do Porto, por deliberação unânime da vereação, decide solicitar ao Ministério da Administração Interna um inquérito à sua actividade; a notícia foi divulgada no final da reunião reservada do executivo municipal e corresponde ao avanço do pedido de, sindicância formulado pela APU e rejeitado na passada segunda-feira pela maioria "AD" da Assembleia Municipal ■ Uma delegação da ASDI informa o Presidente da República da passagem daquela associação a partido político ■ Em telegramas enviados ao ministro dos NE e ao secretário de Estado da Comunicação Social, o sindicato dos jornalistas protesta contra a decisão do Governo de recusar a entrada no País a jornalistas soviéticos.

11
Sexta-feira

1822 – As Cortes Constitucionais votam a primeira Lei Eleitoral portuguesa, estabelecendo eleições directas e voto secreto.

O escândalo

O Supremo Tribunal Administrativo suspende a execução do despacho do secretário de Estado da População e Emprego que autorizou o despedimento de 212 trabalhadores da Standard Eléctrica; o acórdão do STA considerou procedente o pedido de suspensão de executoriedade apresentado em 30 de Maio pelos trabalhadores, juntamente com um pedido de impugnação dos despedimentos, considerando-o nulo ou anulado ■ Começa, no Alto da Ajuda, a 5.ª Edição da Festa do "Avante!" ■ A direcção da Aliança das Ligas Agrícolas do Norte (ALAN) propõe a todos os agricultores e às organizações da lavoura a realização de encontros para o estudo de acções comuns que chamem a atenção dos órgãos de soberania para a aflitiva situação nos campos portugueses ■ Um porta-voz da Comissão de Luta dos Jornalistas da RDP considera extremamente significativa a adesão à greve de 24 horas que decorreu a partir das zero horas de hoje e decretada em protesto contra a admissão na empresa de mais 28 elementos (alguns dos quais sem experiência) para "trabalhar" na emissora durante o período eleitoral ■ O matutino lisboeta "o diário" publica elementos comprovativos da dívida e fraudes para com a banca nacionalizada do actual Primeiro-Ministro, Sá Carneiro.

12
Sábado

1780 – Nasce em Castelo de Vide o estadista João Xavier Mouzinho da Silveira.

O Governo que se demita

O secretário-geral do PS, Mário Soares, reclama do Governo que este ponha a questão da confiança na Assembleia da República ou que se demita, por ter perdido a sua maioria parlamentar ■ A União dos Sindicatos de Lisboa, num "manifesto" dirigido à população do distrito repudiando o ataque lançado pelo Executivo Cameiro/Amaral contra as nacionalizações, considera que este Governo não governa – destrói ■ Durante a cerimónia de posse da direcção da delegação no Porto do Sindicato dos Trabalhadores das Telecomunicações, maioritário na RTP e RDP, é denunciada pela nova mesa da AG a utilização da RDP e RTP como "magafone do Governo".

13
Domingo

1975 – É assaltado o Centro de Trabalho do PCP de Rio Maior, que marcou o início da vaga terrorista e reaccionária do Verão de 75.

Termina no Alto da Ajuda a 5.ª Festa do "Avante!"; o secretário-geral do PCP, Álvaro Cunhal, discursando no comício de encerramento, afirma: "a Aliança reaccionária chega ao momento actual não com a sua maré a encher, mas com a sua maré a vazar, não em maré de vitória, mas em maré de derrota" ■ Helena Torres Marques, discursando na sessão de encerramento do "Encontro de Autarcas Socialistas", classifica como "uma vigarice" o anúncio, feito hoje pelo Primeiro-Ministro Sá Carneiro, segundo o qual o Governo irá "atribuir" às autarquias dois milhões de contos ■ A lista A (unitária de esquerda) vence as eleições para os novos corpos gerentes do Sindicato dos Magistrados do Ministério Público, com um total de 106 votos; a outra lista candidata, a B, que integrava elementos de várias tendências (do PS ao MIRN) registou 82 votos; encontravam-se inscritos 304 votantes.

14
Segunda-feira

1890 – É inaugurado o Coliseu dos Recreios, em Lisboa.

O Sindicato dos Pilotos (SPAC) levanta a greve na TAP-Air Portugal, na sequência de uma reunião entre o Presidente da República e todas as estruturas sindicais da transportadora aérea nacional; o Governo, por seu lado, já "criticou" a intervenção do PR e instruiu a Direcção-Geral da Aviação Civil no sentido desta fiscalizar as condições de segurança da TAP, nomeadamente das tripulações; somente após a confirmação destas condições os aviões começarão a descolar, pelo que a decisão pode resultar, na prática, um acto de sabotagem do recomeço das operações da TAP ■ Os trabalhadores despedidos da Standard Eléctrica regressam à empresa, dando assim cumprimento a um despacho do STA que suspendeu a execução do despedimento pretendido pela administração e autorizada pelo Governo "AD".

15
Terça-feira

1725 – Nasce em Lisboa o dramaturgo Manuel de Figueiredo.

A TAP começa a voar, após a mais longa greve jamais verificada na aviação civil portuguesa ■ Os Sindicatos dos Professores reúnem-se com o ministro da Educação, Pereira Crespo, para tratar de algumas situações profissionais classificadas de "urgentes" e estabelecer um calendário de reuniões acerca de outros problemas que necessitam de ficar resolvidos ou encaminhados até Outubro ■ Inicia-se na Voz do Operário, em Lisboa, o Congresso-80 do Movimento Escola Moderna (MEM) ■ Em conferência de imprensa, a Organização dos Trabalhadores Científicos (OTC) apresenta várias críticas ao projecto governamental sobre a carreira de investigação científica e desenvolvimento experimental na Função Pública, divulgando algumas reivindicações imediatas sobre questões profissionais do sector ■ O Conselho da Revolução considera inconstitucional o decreto registado na Presidência do Conselho de Ministros sob o n.º 224-G/80, que estabelece o novo regime jurídico do contrato de trabalho a prazo.

Aniversário da fundação da República Democrática de S. Tomé e Príncipe

O Comité Central do PCP enviou ao Conselho Coordenador do Movimento de Libertação da República Democrática de São Tomé e Príncipe a seguinte saudação:

Queridos Camaradas, por ocasião 5.º aniversário proclamação independência e fundação República S. Tomé e Príncipe, Comité Central do Partido Comunista Português envia MLSTP, seus militantes e povo S. Tomé e Príncipe fraternais saudações comunistas portugueses.

Estamos certos interpretar sentimentos trabalhadores o Povo português ao desejar-vos melhores sucessos edificação vossa pátria desde há 5 anos livre exploração e opressão colonial, nova sociedade próspera e progressista, orientada para bem estar material e cultural do povo trabalhador de S. Tomé e Príncipe para defesa da paz, libertação dos povos do domínio do colonialismo e do imperialismo.

Nesta data histórica para povo República Democrática S. Tomé e Príncipe expressamos nossa vontade continuar a agir para que se fortaleçam sempre mais laços de amizade, cooperação e solidariedade existentes entre PCP e MLSTP, no interesse nossos dois povos e países e causa comum liberdade, paz e progresso social.

Viva o 5.º aniversário proclamação República Democrática S. Tomé e Príncipe!

Viva a amizade fraternal entre Partido Comunista Português e Movimento Libertação de S. Tomé e Príncipe!

Lisboa, 10 Julho 1980

Saudação do PCP à Frente Sandinista

«O triunfo em 19 de Julho da insurreição popular nicaraguense, dirigida pela Frente Sandinista de Libertação Nacional que pôs fim à sinistra ditadura fascista de Somoza, ficará para sempre como um marco glorioso na história da luta libertadora dos povos, e em especial dos povos da América Central e das Caraíbas» — afirma-se numa saudação enviada pelo Comité Central do PCP à Direcção Nacional da Frente Sandinista de Libertação Nacional, por ocasião do 1.º aniversário da Revolução da Nicarágua. Prossegue a saudação:

«As forças que em todo o mundo combatem pela liberdade, pela paz, pela independência nacional, pelo progresso social e o socialismo, as forças que foram e são solidárias com a luta abnegada e heróica do povo da Nicarágua com a sua revolução, vêem na libertação da Nicarágua do jugo do fascismo e do imperialismo, simultaneamente um fruto e um estímulo poderoso à sua própria luta.

Nós, que em Portugal sofremos quase 50 anos de ditadura fascista, que conquistámos a liberdade e alcançámos profundas transformações revolucionárias, fazemos hoje frente, com determinação e confiança na vitória, às tentativas das forças reaccionárias e do seu governo para restaurar a ditadura dos monopólios e dos latifundiários. Nós, comunistas e trabalhadores portugueses, sentimo-nos particularmente próximos e solidários com a vossa luta.

Neste primeiro aniversário da revolução popular nicaraguense, o CC do PCP envia à Direcção Nacional da FSLN e ao Governo de Reconstituição Nacional da Nicarágua, a todas as forças revolucionárias e patrióticas e ao heróico povo nicaraguense as fraternais e calorosas saudações dos comunistas portugueses.

O CC do PCP deseja ao povo da Nicarágua revolucionária os melhores sucessos nas árduas tarefas de reconstrução nacional, para liquidar a pesada herança legada pelo fascismo e o imperialismo e pelo progresso social. O CC do PCP assegura-lhe a solidariedade dos comunistas portugueses face às manobras e conspirações das forças da reacção interna e do imperialismo contra o seu regime revolucionário.

Manifestando a nossa confiança no prosseguimento vitorioso da revolução da Nicarágua conduzido pelo FSLN, expressamo-vos, queridos camaradas, a nossa vontade de continuar a agir para que se estabeleçam entre os nossos dois partidos laços de amizade e solidariedade, no interesse dos nossos dois povos e países e da causa comum da paz e da libertação nacional e social de todos os povos».

Quinze jovens portugueses impedidos de irem às Olimpíadas

Realizando-se, por ocasião dos Jogos Olímpicos, o Acampamento Internacional da Juventude, previsto na Carta Olímpica, foi convidada pela entidade responsável pela sua organização uma representação de 15 jovens portugueses.

Respondendo a tal convite, algumas Federações propuseram jovens atletas que teriam, assim, uma extraordinária oportunidade de valorização desportiva e humana, pela possibilidade de recolha de ensinamentos técnicos e de convívio internacional.

Criadas todas as condições para a sua deslocação, a representação portuguesa de 15 jovens atletas aguardava, apenas, ser credenciada pelo Comité Olímpico Português.

Lamentavelmente, em manifesta contradição com a justa posição assumida quanto à participação dos Olímpicos Portugueses em Moscovo, o COP não assinou, ainda, a credencial que permite aos 15 jovens atletas portugueses indicados pelas Federações deslocarem-se ao Acampamento Internacional da Juventude, a realizar no âmbito dos Jogos Olímpicos.

Tão estranha atitude do COP, a prevalecer, tem de ser vivamente condenada. É incoerente com as posições anteriormente assumidas por se situar na área de condenáveis posições políticas afastadas do desporto e do olimpismo independentes de interferências ou pressões políticas.

Fere gravemente a possibilidade de uma rica e inesquecível experiência para 15 jovens atletas portugueses. Fere, ainda, os ideais olímpicos no sentido do que representam para valorização e enobrecimento dos cidadãos, ao serviço da paz e melhor conhecimento entre os homens, das suas aspirações de uma sociedade mais fraterna e mais justa.

A manter-se o impedimento à deslocação dos 15 jovens portugueses, o COP assume a responsabilidade de uma atitude que não corresponde aos sentimentos e vontade da maioria dos desportistas portugueses e do Povo português em geral, que se tem generalizadamente manifestado a favor da plena presença de Portugal nos Jogos Olímpicos, defendendo o olimpismo como ideal da paz e de progresso social e como meio precioso de amizade e cooperação entre os povos.

Lisboa, 9 de Julho de 1980.

A Secção de Informação e Propaganda do Partido Comunista Português

Acampamento juvenil em S. João da Caparica

De 26 deste mês a 17 de Agosto realiza-se em S. João da Caparica, junto ao campo de futebol da Trafaria, um grande acampamento promovido pela JCP do distrito de Lisboa.

Do diversificado programa fazem parte iniciativas culturais, desportivas e recreativas, como por exemplo sessões de Canto Livre, uma prova de atletismo, torneios de xadrez, damas e futebol de 5, concursos, «ping-pong», setas e tirinhos.

Haverá ainda exposições de carácter político e debates abertos com camaradas da direcção do Partido.

Estão asseguradas todas as estruturas necessárias aos campistas: restaurante «self-service», armazém com todos os géneros de mercearia, cozinhas, instalações sanitárias, etc.

Os interessados (e são já centenas os que «reservaram» lugar...) podem inscrever-se nas sedes da JCP e do PCP no distrito de Lisboa, ou na sede central da Juventude Comunista, na Rua Sousa Martins. Preço: 100$00 por pessoa, acrescidos de 15$00 diários para quem tem tenda e 20$00 para os que não têm.

Comissão Permanente do MURPI analisa situação dos reformados

A Comissão Permanente do Movimento Unitário de Reformados, Pensionistas e Idosos (MURPI), eleita no passado dia 10, analisou na sua primeira reunião a "preocupante situação em que vivem os idosos, inválidos e viúvas em consequência da política anti-social do Governo e estudou as acções a desenvolver a nível nacional pela melhoria das condições de vida e pela justiça social" dos que já não podem dispor da sua força de trabalho.

Considerando grave o desprezo a que foram votados mais de um milhão e duzentos mil reformados, pensionistas e idosos cujas pensões não são aumentadas desde Dezembro de 1979, o MURPI salienta que a injustiça infligida aqueles reformados é tão grave como a que atingiu a "maioria dos que beneficiaram do aumento de 10 a 850$00 concedidos pelo Governo, para fazer face a um agravamento do custo de vida que vem desde Julho de 1978".

Manter pensões no valor de 1800$00 como as dos rurais e as sociais, 2160$00 no caso das viúvas e 3100$00 relativamente às pensões mínimas, é atentar contra a vida de pessoas debilitadas pela idade, pelo trabalho passado e pelas péssimas condições sanitárias em que sempre viveram – faz notar o MURPI.

Num comunicado divulgado a propósito, a Comissão Permanente do Movimento sublinha que **cabe às organizações de reformados esclarecer a população em geral sobre as miseráveis condições de vida dos reformados e desenvolverem acções imediatas em todos os distritos exigindo a satisfação do caderno reivindicativo aprovado na II Conferência Nacional dos Reformados.**

As edições Avante!

acabam de lançar mais uma edição do

PROGRAMA e ESTATUTOS do PCP

As propostas e estrutura de um grande partido de massas

CDL a distribuição

Governo e «AD» invadem a RDP

A admissão, pela Comissão Administrativa da RDP, de 28 indivíduos para integrarem os serviços de Informação daquela estação, suscita nos trabalhadores e nos sectores democráticos em geral legítimas preocupações.

A admissão, feita à margem de qualquer consulta ao Conselho de Redacção e no desconhecimento dos delegados sindicais é, assim, ilegal.

A admissão é feita para trabalhos a realizar durante 3 meses. A admissão é feita, em grande parte, junto de redacções de órgãos reaccionários e os contratados têm, de um modo geral, escassa experiência profissional e **nenhuma** experiência de trabalho na Rádio.

São conhecidas as flagrantes violações à legalidade democrática, as sistemáticas ofensas dos princípios de isenção, pluralismo e independência que o governo Sá Carneiro e os seus mandatários na Comunicação Social têm perpetrando nos meses que vão levando de ocupação do poder.

Os objectivos reaccionários e golpistas dessa ofensiva são claros e atingem, com as referidas admissões na RDP, uma dimensão e um descaro porventura ainda não alcançados.

De facto, a ilegal admissão de 28 indivíduos, por 3 meses, recrutados em órgãos de direita, só pode corresponder ao desejo de colocar um sólido corpo de manipuladores capazes de, num meio nevrálgico de comunicação que tem penetração junto de milhares de ouvintes, cometer todos os actos de intoxicação ideológica, de subversão e desrespeito da legalidade democrática e constitucional, que a «AD» necessita de praticar no âmbito da sua grande operação de fraude eleitoral que prepara.

Contra este intolerável procedimento, erguem-se os trabalhadores da RDP que desmascaram, imediatamente e com firmeza, mais este acto de conspiração reaccionária que «AD» e seus agentes na RDP pretendem instalar naquele influente meio de comunicação social.

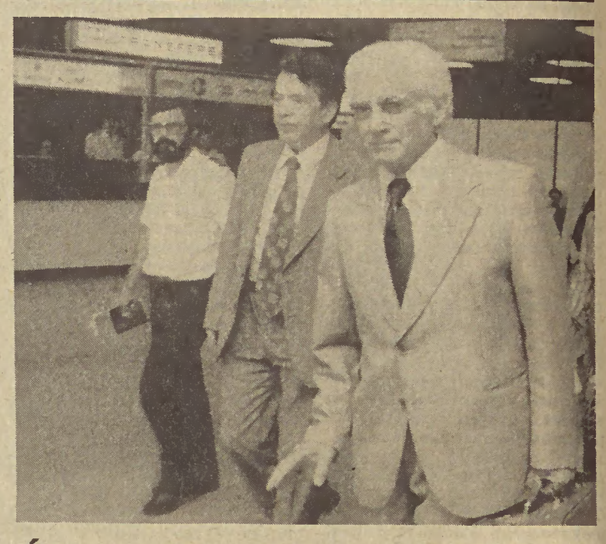
A SIP do PCP, sublinhando a importância da defesa que os próprios trabalhadores da Informação da RDP, no essencial, vêm fazendo de princípios éticos e deontológicos, da competência, da isenção e do pluralismo, faz notar a gravidade que reveste a admissão de 28 indivíduos nas condições já expostas, a justificar um enérgico protesto nacional, reclamando pronta rectificação desta situação.

A importância de que se revestem as próximas eleições para o futuro do regime democrático não consente tais situações que comprometem a seriedade e a democraticidade dos actos eleitorais, não permitindo ao povo português que possa formar a sua opinião livre de pressões, falsificações, distorções e mentiras.

Esta situação, agora verificada na RDP, vem acrescentar-se às razões que assistem a quantos, e constituem a maioria do povo português, vêm exigindo, com insistência a demissão do governo Sá Carneiro.

Lisboa, 10 de Julho de 1980

A Secção de Informação e Propaganda do Partido Comunista Português



Álvaro Cunhal na URSS

A convite do Comité Central do Partido Comunista da União Soviética, o secretário-geral do PCP, Álvaro Cunhal, partiu ontem para a URSS onde assistirá como convidado de honra à inauguração dos Jogos Olímpicos de Moscovo.

De Moscovo, Álvaro Cunhal partirá para a República Popular da Bulgária para descanso, a convite do Comité Central do Partido Comunista Búlgaro.

Plenário distrital de comerciantes e industriais

Realiza-se no próximo sábado, dia 19 de Julho, às 15,30 h, no salão do Centro Vitória, um plenário distrital dos camaradas comerciantes e industriais.

Na reunião, a que deverão comparecer todos os militantes daquele sector, será analisada a situação política e problemas dos comerciantes e industriais, pelo camarada Manuel Pedro, membro do Comité Central do PCP.

Ginástica Internacional

Os atletas de ginástica rítmica, desportiva e acrobática da URSS e RDA que participaram no programa desportivo da Festa do "Avante!" vão agora exibir-se em diversos festivais. Assim, **hoje**, às 21 e 30, no Pavilhão da Académica da Amadora, na Reboleira, apresentam-se ao público os ginastas da RDA; meia-hora antes começará no Pavilhão do Sacavenense um festival com a delegação soviética.

Amanhã às 21 horas, no pavilhão do Clube do Pessoal da Siderurgia Nacional, em Paio Pires (Seixal), realiza-se um festival com os ginastas da URSS e RDA.

No **sábado**, enquanto os atletas alemães estarão às 21 horas na Escola D. António da Costa, em Almada, os soviéticos deslocam-se a Évora para uma iniciativa a realizar a partir das 18 horas.

Entretanto, os halterofilistas polacos que participaram na nossa Festa, efectuam amanhã uma sessão de treinos e demonstrações, às 21 horas, na Sociedade União Artística Piedense (SFUAP), na Cova da Piedade.

Colóquio sobre a Olimpíada

Na próxima sexta-feira, a partir das 21 e 30, realiza-se na sede nacional da Associação Portugal-URSS, na Rua de S. Caetano à Lapa, n.º 30, em Lisboa, um colóquio sobre a preparação da **Olimpíada-80**, orientado pelo jornalista José Paulo Oliveira nosso camarada de redacção. O colóquio será acompanhado de documentários.

Camarada falecida

Faleceu na passada segunda-feira a camarada Ernestina Assunção Heitor Ferreira, de 75 anos. À família enlutada e em particular à nossa camarada Maria Rosália Heitor Ferreira, o colectivo do «Avante!» apresenta sentidas condolências.

Camões foi na Festa mais ele próprio hoje e na sua época

Um colóquio, uma exposição, o lançamento de uma revista, leitura de poemas, canções e outras iniciativas culturais não se limitaram a assinalar na Festa o IV Centenário de Camões.

O poeta foi na Festa mais ele próprio, hoje e na sua época.

Uma das surpresas mais inesperadas foi o colóquio. Se lá não esteve, o leitor dificilmente imaginará como, na noite quente de sábado e para mais ainda com tudo o que a Festa propunha e oferecia a dois passos dali, mais de um milhar de pessoas se juntou e manteve num local fechado para participar num colóquio com dois historiadores e professores universitários, os camaradas Borges Coelho e Armando Castro.

Mas essas coisas acontecem, quando o povo está de acordo e participa.

O poeta tinha grande espaço na Festa. Uma vasta exposição, que para ali transitara da Sociedade Nacional de Belas Artes, documentava a sua vida, a sua obra e o tempo em que viveu. Teve só para si o primeiro número de uma revista com o seu nome, editada pela «Caminho» sob a direcção de Óscar Lopes e cujos 20 mil exemplares não devem ter chegado para as encomendas.

Mas, no meio da diversidade e do grande número de espectáculos, por entre o entusiasmo e a euforia da Festa, Camões teve ainda muita gente que se deteve na noite repleta de solicitações para o recordar enriquecendo-o, para lhe abrir ainda mais as portas por onde, com mais de si próprio, entra num presente que nunca lhe fora aberto.

Quem fala de peso morto?

Bastava olhar para o público que enchia o Auditório A, na zona central da Festa, para ver, para confirmar com os nossos olhos, que o Camões dos cépticos não existe. Eles, sim, existem ainda, talvez movidos só por reminiscências sem crítica de um tempo passado.

Mas o velho do Restelo só ali foi comentado como voz que não ultrapassou a sua época, como senda desviada que a História apagou.

O interesse pelo colóquio, várias vezes manifestado no calor dos aplausos, é um sinal objectivo daquilo que Camões representa e virá a representar numa cultura dentro do espírito e dos objectivos da Revolução de Abril.

Camões não é um peso morto na consciência das massas populares, na consciência e nos anseios culturais do povo português.

Camões não vive apenas nos livros

O calor excessivo e a natural incomodidade de muitos que tiveram de sentar-se no chão depressa foram vencidos pelo decorrer do debate onde a polémica marcou presença e serviu para aprofundar temas e pormenores da História de Quinhentos e situações políticas, económicas e culturais de hoje, bem presentes na vida de todos. Serviu para comparar sem confundir, para abrir a História daqueles que a fizeram e a fazem diante dos nossos olhos. Não a História que o fascismo quis reescrever.

Os camaradas António Borges Coelho e Armando Castro escolheram bem as matérias das suas intervenções. O épico foi situado na época em que viveu não apenas como artista, mas como português do seu tempo, sofrendo-lhe as vicissitudes, mas erguendo contra elas e contra os poderosos de então a voz firme de um espírito novo, companheiro de outros bem conhecidos das páginas da História e da Literatura, entre os quais é justo salientar, como fez Borges Coelho, o nome de Fernão Mendes Pinto, amigo de Camões, como ele oprimido e frustrado pela sua incapacidade de lutar contra uma situação em que Deus coexistia com a Inquisição e com a mais arreigada injustiça, em que sete homens, sete escravos na força da vida e de boa saúde se trocavam por um cavalo velho, numa época que Marx caracterizou com a da acumulação primitiva do capital.

Lutas diferentes

A luta de hoje não é a do século XVI. Óbvia na aparência, esta distinção serviu, após algumas intervenções do público, para situar correctamente a acção do poeta na sua época e para salientar até onde chegou (até onde podia chegar) um espírito do Renascimento como foi Camões, designadamente na crítica aos reis e poderosos da era dos Descobrimentos e para recordar também o alcance restrito dessa crítica numa cidade dominada pelo medo como era a Lisboa do poeta regressado do Oriente.

Apesar das diferenças históricas entre épocas que distam mais de quatrocentos anos entre si, Camões não vive fechado nos livros. Continua vivo cá fora, porque, para além da beleza imortal de "Os Lusíadas" e da Lírica, estão patentes na sua obra as mais claras promessas de um futuro ainda por conquistar, as mais legítimas ambições que a Humanidade alcançará. Por cima das contradições e da violência, da injustiça de uma época bem caracterizada no colóquio e na revista que a «Caminho» lançou na Festa, está presente e bem viva na obra de Camões a contribuição histórica do povo português para o progresso de todos os homens.

Centrada na obra de Camões, mas iluminando vários aspectos do presente com a ajuda do passado, o colóquio que se prolongou por mais de uma hora, teria forçosamente de incidir nas lutas de hoje, para que não haja mais artistas banidos e violentados no seu espírito, na sua inteligência e na sua arte, para que a cultura seja, finalmente, um bem geral, um direito conquistado e exercido pelas massas populares. Inevitavelmente, isso passa pela luta contra os projectos daqueles que hoje pretendem herdar os privilégios modernos dos opressores de Camões e dos espíritos novos do seu tempo.

Da síntese possível do colóquio há que salientar, por último, a transparência com que foi denunciado o aproveitamento da figura de Camões pelo fascismo e a prova ali feita pelo número de presenças e pelo interesse manifestado de que Camões não está encerrado nas bibliotecas, nem a cultura será sempre um privilégio de élite alcançado apenas por quem possui os bens materiais para isso.

Quem dera ficar um pouco mais...

O Chico cantava a certeza da "semente" a germinar nalgum canto do jardim, dessa outra Festa ainda por fazer, cá e do outro lado do mar... e que ninguém vai poder estragar... Na noite amena de domingo apetecia pensar que a nossa Festa mal começara, esquecidos os cansaços, o calor, os pequenos e grandes problemas (mal) acabados de resolver, o trabalho anónimo que tornou possível os três dias inesquecíveis no Alto da Ajuda.

As luzes da cidade, lá do alto, só mostravam a beleza desta Lisboa à beira rio coroada de verde no Monsanto, rebrilhando na Ajuda com a alegria de ser livre dos que fazem o presente olhando o futuro. Ali, dominando a cidade, o rio, tão próximo da outra banda que a ponte parecia ao alcance da mão, as luzes iluminavam o país inteiro, galgavam as fronteiras erguidas pelos homens, mostravam os amigos vindos de todos os cantos do mundo, juntando na mesma alegria o novo e o velho continente.

Como o Poeta, também ali se cantava "a ditosa pátria minha amada". Nos poemas, nas canções, nos debates, nas exposições, na pintura, no simples gesto fraterno de estar presente. Que seria um mar de gente já se esperava; e também que seria a maior de sempre... Mas não se pode dizer que tenha sido igual aos outros anos a Festa que ainda guardamos nos olhos, nos ouvidos, no nosso cantinho de recordações.

O sentimento de progresso, da melhoria na forma e no conteúdo era visível em muitos aspectos. Pela primeira vez se conseguiu acabar com as grandes bichas nos bares e restaurantes este ano funcionando autonomamente em quase todas as organizações, com espaços reservados às refeições ao abrigo do sol; os diversos chafarizes de água espalhados pelo recinto da Festa permitiam matar a sede ao passeante encalorado, com água que até conseguia ser fresca graças aos canos instalados bem fundo; os colóquios e debates realizados ao ar livre, em pequenos auditórios à sombra do arvoredo, permitiram uma maior participação dos visitantes da Festa; o espírito de iniciativa e a saudável competição entre as diversas organizações contribuiu para a melhoria das decorações de cada stand.

Desde a "tenda do índio", como alguém chamou à torre da DORSA, à bem conseguida sinalização da DORL, tudo esteve este ano mais colorido, mais acabado, mais cuidado. Os grandes painéis que os artistas pintaram estavam por toda a parte, chamando a atenção do passeante mais distraído, contando sem palavras a vida e a luta do povo que ali se juntava numa afirmação de confiança no futuro.

Claro que nem tudo correu bem. Esgotos houve que entupiram, canos que rebentaram, som que por vezes não se ouviu... Mas isso que é, numa festa tão grande, para quem acima de tudo festeja a amizade e solidariedade entre os povos do mundo, entre os homens e mulheres do povo que somos?

Na amena noite de domingo, quando os últimos acordes da música popular brasileira ainda ecoavam no ar, apetecia ficar ali um pouco mais, olhando o Tejo e as luzes da cidade, saboreando a pausa na luta labuta de todos os dias, no conforto de quem semeia o trigo e vive no trigo o milagre do pão...

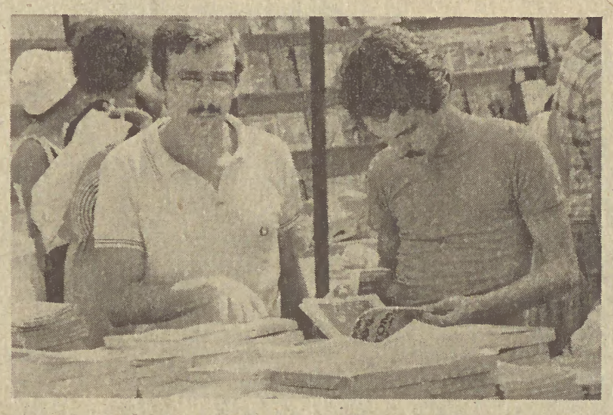
Na zona central como um coração vibrante

Os dois auditórios da zona central não pararam. Um ao ar livre, outro coberto, neles se sucederam ao ritmo da Festa colóquios políticos e culturais que incidiram nos aspectos mais variados da actual situação política com relevo para o programa eleitoral do PCP e para a escalada da "AD" contra as conquistas e o bem-estar do povo português.

A larga participação nos debates, a sempre concorrida "banca dos deputados" onde se vendia nomeadamente a revista sobre a actividade do Partido na Assembleia da República, a cidade do livro e do disco sempre a abarrotar de gente nos 3 dias da Festa, a arte, o artesanato, a literatura e a música aguentaram famosamente a concorrência dos espectáculos, o apelo da sede, a necessidade premente de ver tudo, de tudo provar e conhecer.

Não havia tempo. O sol exigia descanso. Era preciso parar de quando em quando. E o melhor era parar ouvindo, conversando, intervindo, comentando, nas dezenas de colóqios com membros da Comissão Política e do Comité Central, com deputados e elementos da organização das mulheres, dos jovens, do Movimento Sindical, da Reforma Agrária, das nacionalizações, da secção internacional.

Subindo e descendo aquele mar de gente sempre em movimento no meio da música e do colorido da Festa, parámos muitas vezes num e noutro local de encontro e debate. Parámos junto de artesãos e operários da madeira e do ferro, em volta da exposição de Camões, das exposições de arte popular e do património cultural do cinema. As pessoas renovavam-se de minuto a minuto diminuía a assistência a este



colóquio, crescia a daquele. Da Reforma Agrária, passava-se para as Liberdades, dos Pauliteiros de Ossela para os Ceifeiros de Cuba, do tocador de concertina para a fundição de medalhas por operários da Cometna, do disco e do livro para as ilustrações do "Até Amanhã Camaradas", das esculturas alusivas a Camões para os autógrafos dos camaradas escritores.

Passava-se da política para a Festa, da Festa para a cultura, no vai-vém de quem circula por um espaço que é seu, que pertence ao povo português, que ali se retrata com o seu País, o nosso País que luta, que trabalha, que canta.

Engana-se quem pensa que na ânsia de ver tudo alguns não teriam visto nada. Houve certamente quem programasse a Festa por sua conta. Quem tivesse a preocupação de se demorar mais neste pavilhão, de ver melhor esta ou aquela exposição, de assistir mais tempo a este colóquio, àquele debate. Está certo. Mas não foi errado também andar um pouco à deriva. Saltitar ao saber da onda humana. A Festa estava presente em todo o lado e o seu carácter acompanhava-a do Palco 1 às árvores do alto, do auditório A ao mercado da Reforma Agrária, da cidade internacional aos *stands* das organizações regionais, dos restaurantes e dos bares, ao desporto e ao artesanato.

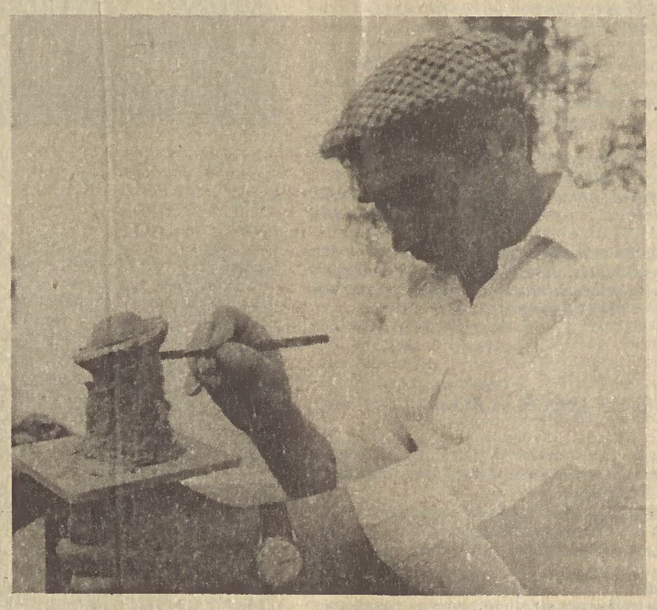
O movimento permanente da zona central acentuava, porém, a preocupação geral de conhecer o coração da Festa, ali onde o Partido concentrava melhor as suas propostas do futuro, as suas realizações do presente. Dirão que isso estava em toda a Festa, presente em todo o recinto. Sem dúvida. Mas permitam que o jornalista tenha visto aí uma ou outra síntese cheia de significado na voz dos que intervieram nos colóquios, nos grupos que actuaram nessa zona, na movimentação que lá havia como primeira e última paragem na Festa, como das que merecia mais demora e atenção.

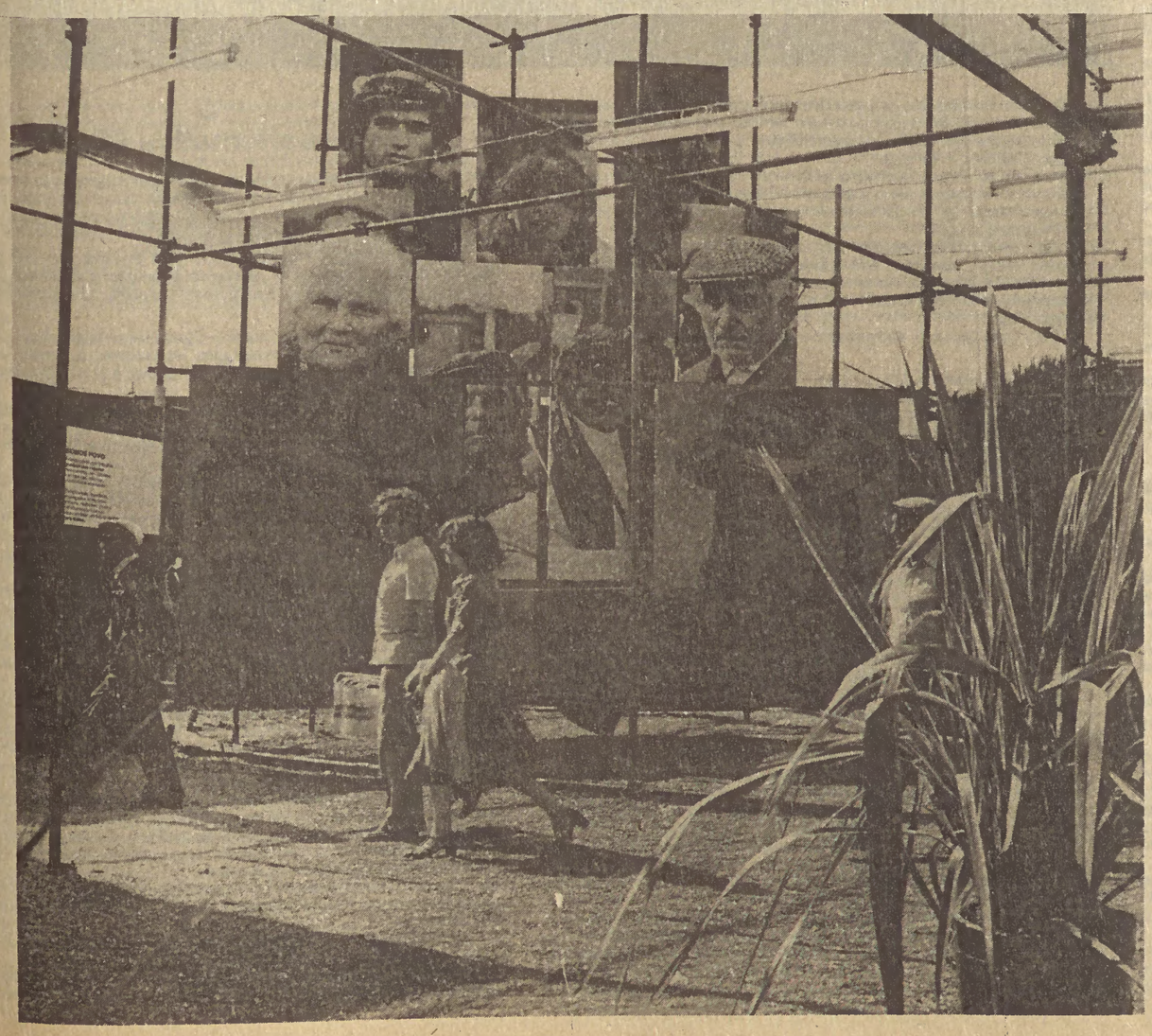
Auditórios, palcos, restaurantes, bares e pavilhões estiveram sempre cheios. A multidão sobrava. Mas em todo o lado se sentia que o grande fluxo da Festa partia das propostas da zona central, da zona onde numa grande placa de madeira estava escrito o nome do PCP, o Partido dos trabalhadores, da democracia e do socialismo.

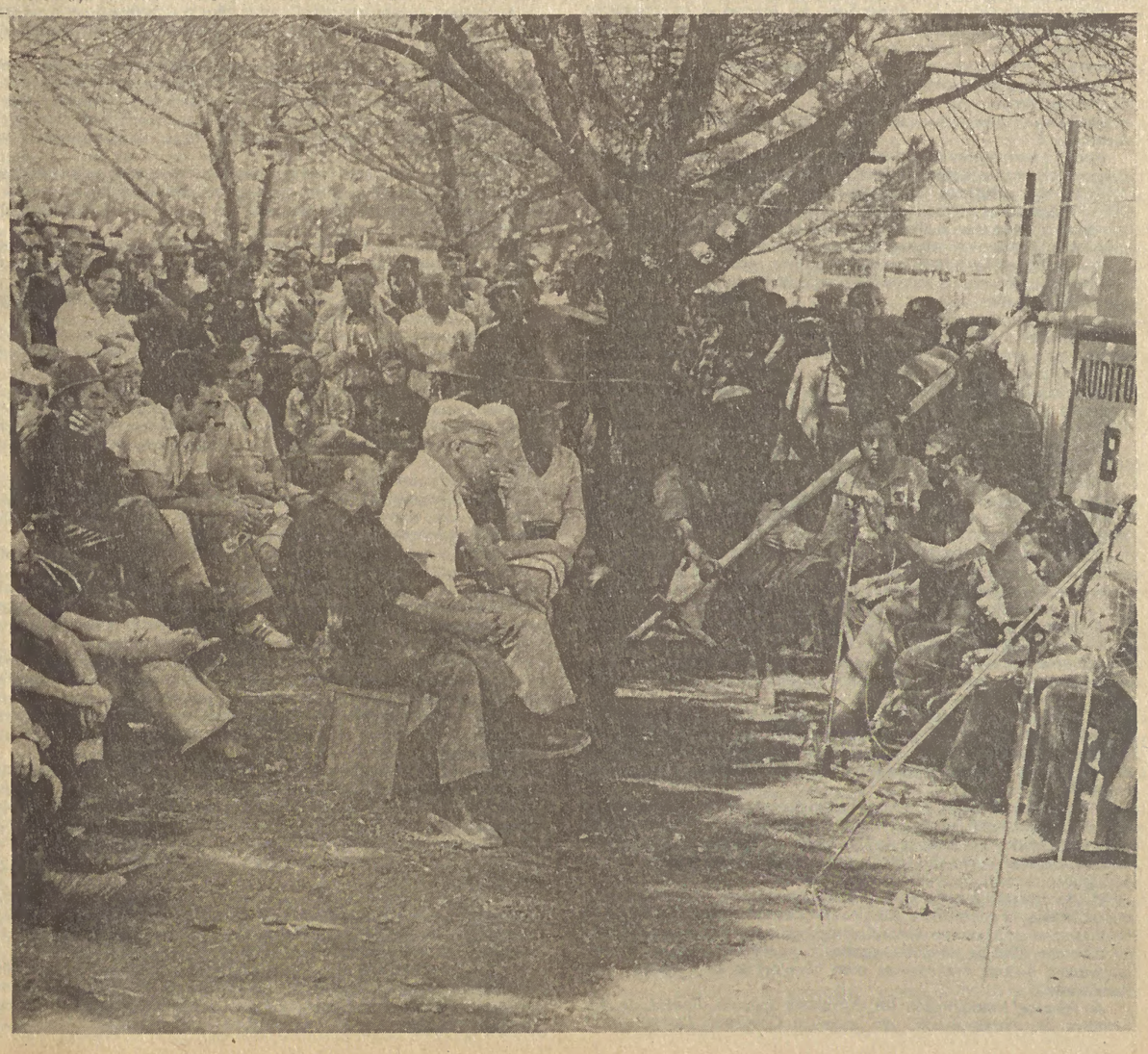
Brecht — outro épico no Auditório A

Em vez de um épico tivemos dois. Ao lado de Camões, Brecht esteve na Festa com as «unhas» do Campolide e de dois encenadores da República Democrática Alemã. Na noite de sábado, com a casa cheia, no Auditório A, antes do colóquio sobre Camões, outro épico subia à cena. Uma dezena de actores (Canto e Castro, António Assunção, Carlos Santos, Teresa Gafeira, Ema Paul, Mora Ramos, Alfredo Sobreira, Carlos Alberto Machado, Luísa Ortigoso, mais o músico Carlos Calazans) Joaquim Benite, director do Grupo, e os dois **Peters**, Kleinert e Schrot, encenadores do Palastheater de Berlim, penduraram três microfones à altura dos actores, colocaram outro mais à frente à boca da cena, montaram um quadro preto, ergueram uma bandeira, vermelha como a cor da Festa, e o palco iluminou-se com três cenas da epopeia popular que Bertold Brecht escreveu e encenou com base na «Mãe», célebre romance de Máximo Gorki.

Belo momento de internacionalismo e amostra brilhante de que pode o talento quando ligado à luta e aos anseios do povo, as cenas representadas pelo Grupo de Teatro de campolide só pecaram por serem poucas. Nas trocas de impressões finais, na altura do «gostou muito, pouco, nada» não era difícil conseguir a unanimidade a favor daquela pequena amostra do teatro popular, a favor do que já é e pode ser o Grupo de Teatro de Campolide (em breve com o novo nome de Centro Dramático de Almada) no avanço do teatro português.







Assim se vê a força do

Eram 19 horas exactas de domingo quando as delegações estrangeiras convidadas e todos os membros do Comité Central do PCP subiram ao Palco 1. Iniciava-se assim, pontualmente, o Comício que culminaria a 5.ª Edição da Festa do "Avante!".

Entretanto há muito que o vasto recinto frente ao palco se encontrava literalmente "esgotado", oferecendo à vista um espectáculo impressionante de gente emoldurando o ponto alto da Festa.

Todos os Comícios de encerramento das Festas do "Avante!" se têm caracterizado pela excepcional afluência e pela combatividade a um tempo serena e entusiasmada; naturalmente que o mesmo se verificou nesta 5.ª edição. Todavia algo de novo, ou talvez apenas mais acentuado, se desprendia das multidões que este ano subiram ao Alto da Ajuda: as invectivas à política fascizante deste Governo, a exigência da sua demissão imediata, os apelos à defesa da Reforma Agrária, da democracia portuguesa, do Portugal de Abril, eram clamores particularmente vibrantes, pulsando fortes e imparáveis ao ritmo dos dois discursos ali proferidos, um pelo camarada Dias Lourenço, director do "Avante!" e membro da Comissão Política do CC do PCP e o último pelo camarada Álvaro Cunhal.

Nem apenas comunistas se encontravam aguardando as palavras do secretário-geral do PCP. Gente havia que, circunspecta e atenta, ali estava para saber o que os comunistas pensavam do actual momento político, o que pretendiam fazer na complexa situação criada por este Governo fascizante. Podiam-se ouvir comentários do género "lá nisto tem ele razão" ou surpreender-se olhares impressionados, quiçá emocionados, regalando-se nos clamores que irrompiam regularmente da multidão.

Outro aspecto que saltava à vista era a alegria confiante que transbordava do Comício. "Ah esta gente parece que não tem nada a temer! Está aqui como a democracia não estivesse ameaçada!" comentava, boquiaberto, algém para o grupo que o acompanhava. Na verdade impressionava a confiança vigorosa da multidão. E a com-

Intervenção de Dias Lourenço

Queridos Camaradas e Amigos
Estimados convidados da imprensa operária internacional.

Cabe-me a honra de a todos vos saudar em nome da Comissão Coordenadora Central da Festa do "Avante!"

A todos vós, donde quer que viestes, que haveis trazido até nós o calor do vosso entusiasmo, alegria, solidariedade e confiança e que tornastes possível com a vossa presença o êxito deste magnífico convívio popular, democrático e internacionalista que é a Festa do "Avante!" manifestamos a nossa muita gratidão.

Aos amigos que este ano vieram até ao Alto da Ajuda será certamente grato saber que nas eleições de Dezembro último a APU se tornou a força maioritária desta laboriosa freguesia de Lisboa. A crescente unidade da população em torno da solução dos problemas locais mais agudos tornou possível a magnífica vitória unitária e democrática dos habitantes deste bairro. Aos eleitos APU do Bairro da Ajuda as nossas saudações pela confiança que mereceram da população local.

Se para tal vitória em alguma coisa contribuiu a Festa do "Avante!" — e nós cremos que sim — então isso significa que também aqui produzimos trabalho útil à democracia e que continuaremos colhendo novos êxitos e novas vitórias na defesa e consolidação dos ideais e das conquistas do 25 de Abril.

Queridos Amigos e Camaradas

Gostaria mais uma vez de reavivar nas nossas lembranças que uma realização com o carácter e a envergadura da Festa do "Avante!" seria inconcebível sem o trabalho abnegado e operoso de milhares de camaradas e ainda de Amigos que não sendo filiados no PCP com o PCP se sentem irmanados em objectivos comuns.

Nesta edição de 1980 mais uma vez foi posta à prova essa extraordinária abnegação e operosidade colectivas que são apanágio do nosso grande Partido.

Aqui nesta tribuna encontram-se camaradas que tiveram sobre si a responsabilidade central das numerosas frentes de trabalho. Entretanto, não chegariam nem uma centena de tribunas como esta para vos apresentar todo esse grande colectivo de trabalho que tornou possível mais uma vez este ano a realização da "Festa mais bela e mais humana de Portugal".

Este ano além de numerosos camaradas inteiramente afectos à realização técnica da Festa, entre eles um forte núcleo de funcionários do nosso Partido que asseguraram uma eficiente direcção dos trabalhos, participaram em jornadas voluntárias mais de 12500 camaradas que fomeceram mais de 100000 horas de trabalho concreto e não pago.

Nos trabalhos de implantação, montagem, decoração, limpeza, abastecimento, transportes, saúde, segurança, restaurantes e bares, oficinas, ferramentaria, acampamento e outros serviços, das tarefas mais simples às mais complexas, pudemos contar não somente com camaradas técnicos e artistas altamente qualificados como com centenas doutros camaradas — homens e mulheres, jovens rapazes e raparigas — que deram à Festa um contributo inapreciável.

Eles merecem de todos nós uma cálida palavra de reconhecimento, que é também de incentivo para os trabalhos imediatos e futuros que nos esperam. Decerto tarefas difíceis mas que se tornarão fáceis se atacadas com a mesma decisão e elevado espírito colectivo próprios do nosso Partido.

Nesta realização de 1980, certamente pela forma rigorosa como respeitámos os nossos compromissos de defesa das espécies florestais incluídas no perímetro da Festa, vimos alargada a área da concessão a novas zonas arborizadas, o que a tornou muito mais atraente e aprazível.

Para maior aproveitamento e ainda maior defesa da zona florestal, foi-nos preciosa a assistência dos Serviços Florestais do Parque do Monsanto aos quais aqui manifestamos público reconhecimento.

Aliás, a nossa Festa, como o comprova a experiência dos anos anteriores, não poderia ter o brilho e a funcionalidade que teve e vai ter até ao seu encerramento sem o trabalho extenuante mas eficiente de alguns serviços públicos e autoridades que puseram no cumprimento de complexas tarefas um aprumo que nos apraz registar.

À Corporação dos Bombeiros Voluntários de Campo de Ourique agradecemos penhoradamente o trabalho exaustivo que para nós implicou a concentração durante três dias no perímetro da Festa de centenas de milhares de pessoas entre as quais muitos milhares de crianças.

Nos transportes públicos a regularização do trânsito e necessário policiamento da zona apesar do comportamento exemplar e ordeiro dos visitantes da Festa, um papel de relevo coube à Carris de Lisboa, à Rodoviária Nacional, à CP, à Vieira e Trânsito de Carnaxide. Transmitimos e ainda à Divisão de Trânsito de Lisboa e outros departamentos da PSP, que igualmente apreciamos. Também, embora naturalmente paguemos os sempre pontualmente o abastecimento de águas e de energia eléctrica, estamos reconhecidos à EPAL e à EDP pela qualidade e presteza dos seus serviços

Intervenção de Álvaro Cunhal

Camaradas e amigos:

Brevemente será fixada a data da realização das eleições para a Assembleia da República.

O nosso Partido defendeu a data de 28 de Setembro, única que permite que sejam cumpridos os prazos constitucionais e legais relativos às eleições tanto para a Assembleia como para a Presidência da República.

A maior parte dos outros partidos pronunciou-se pelo 5 de Outubro. É possível que venha a ser esta a data escolhida.

Em qualquer caso estamos a pouco mais de dois meses das eleições.

É necessário que todos os portugueses tenham uma ideia exacta da transcendente importância das próximas eleições para a Assembleia da República.

Se acaso a Aliança reaccionária voltasse a alcançar a maioria de deputados, a situação tornar-se-ia ainda muito mais complexa e perigosa.

Sem dúvida que a luta continuaria, que o Povo português faria corajosamente frente à nova situação, que a reacção acabaria por ser derrotada.

Mas, no imediato, uma nova maioria "AD" na Assembleia significaria quase inevitavelmente a continuação do governo Sá Carneiro, o agravamento ainda mais veloz e cruel das condições de vida do povo, limitações progressivas das liberdades e direitos dos cidadãos, e uma ofensiva ainda mais violenta, para liquidar as conquistas democráticas, para restaurar o poder dos monopólios e latifundiários, para instaurar uma nova ditadura.

É pois tarefa imperiosa de todos os democratas actuar desde já, com todas as suas forças, as suas energias, a sua capacidade, para assegurar a derrota da Aliança reaccionária nas próximas eleições.

É possível alcançar este resultado?

Sim, **não só é possível, como é provável e quase certo**, se todos nós democratas portugueses o quisermos e se trabalharmos para isso.

As condições fundamentais estão criadas para afastar de vez do poder as forças antidemocráticas, reaccionárias e subversivas.

As condições fundamentais estão criadas para alcançar uma grande vitória da democracia nas próximas eleições. Vamos trabalhar e vamos alcançá-la.

1
AD – a derrota certa

É sempre perigoso subestimar a força do inimigo. Na situação presente, e ante as grandiosas tarefas que se nos colocam, ainda maior perigo é sobrestimá-la.

Se a subestimação da força do inimigo pode levar a um menor empenhamento na luta porque a confiança na vitória é excessiva, a sobrestimação da força do inimigo pode levar ao desânimo e ao afrouxamento da actividade, em virtude da falta de confiança na vitória.

Sem dúvida que a reacção tem ainda força e que as ilegalidades, as violências, as decisões arbitrárias, os ataques às conquistas democráticas do Povo português são um traço característico da situação actual.

Mas outro traço não menos característico da situação é o importante ascenso, a extensão, o vigor, a clareza de objectivos da luta da classe operária e das massas populares e os fracassos, os desaires e os recuos sucessivos da Aliança reaccionária e do seu governo, na política interna e na política externa.

A existência do governo Sá Carneiro/Freitas do Amaral deixa um rasto de destruição das conquistas democráticas, de violência, de despotismo, de miséria, de vergonhas, de escândalos, de corrupção.

Pela mão do governo "AD", os capitalistas, os agrários, o fascismo e a reacção reconquistaram terras, empresas, dinheiro, posições-chave no aparelho do Estado.

Se consideramos as direcções, as etapas e os objectivos fundamentais da grande ofensiva inconstitucional, ilegal e subversiva da "AD" para liquidar o regime democrático, vemos que o governo Sá Carneiro/Freitas do Amaral realizou uma parte do seu plano.

Atingiu profundamente os interesses vitais dos trabalhadores e das massas populares.

Aumentou brutalmente os preços. Provocou despedimentos em massa.

Reduziu à miséria as camadas mais desfavorecidas, designadamente as que auferem mais baixos salários, os reformados e os deficientes.

Restaurou latifúndios, roubando com a violência mais brutal às UCPs/Cooperativas, terras, máquinas, gados e instalações.

Agravou ainda mais a situação dos pequenos e médios agricultores e rendeiros. Procurou roubar os baldios aos povos.

Deu golpes sérios nas empresas e sectores nacionalizados.

Entregou centenas de milhões de contos do Estado ao grande capital e aos latifundiários.

Com a sua política visando a aceleração da exploração, concentração e centralização capitalista e a restauração do poder monopolista, a "AD" criou novas e grandes dificuldades aos pequenos e médios comerciantes e industriais.

Assaltou os meios de Comunicação Social e o aparelho do Estado.

Procurou reconduzir a escola e a cultura à situação anterior ao 25 de Abril. Destruiu o Serviço Nacional de Saúde.

Fez de novo da política externa portuguesa um instrumento do imperialismo.

Mas, apesar desses grandes, graves e dolorosos danos e malefícios que a maioria parlamentar e o governo "AD" trouxeram ao nosso povo, **o balanço geral mostra que a "AD" registou fracassos atrás de fracassos.**

A Aliança reaccionária foi derrotada quando, pelas grandiosas greves e manifestações e outras formas de luta, foi impedida de levar tão longe quanto projectava o agravamento do custo de vida, a congelação dos CCT, a fixação dos tectos salariais, a descida dos salários reais.

A Aliança reaccionária foi derrotada quando pelas greves e outras grandes lutas foi impedida de levar até ao fim o agravamento radical da situação dos trabalhadores e os despedimentos em massa, muitos dos quais pretextados pela declaração de "empresas em situação económica difícil".

A Aliança reaccionária foi derrotada quando a luta popular, os órgãos de soberania e as instituições impediram que se concretizassem os seus projectos de autorizar e promover a formação de bancos privados e os seus sucessivos projectos de lei de delimitação dos sectores público e privado.

A Aliança reaccionária foi derrotada quando a sua política externa de submissão servil ao imperialismo americano, de relançamento de guerra fria, de boicote aos Jogos Olímpicos, de integração imediata no Mercado Comum como "prioridade das prioridades" da política externa portuguesa, a conduziu a fiascos espectaculares.

A Aliança reaccionária foi derrotada quando pela luta popular, pelos outros órgãos de soberania e pelas instituições em geral, foi impedida de fazer aprovar uma nova lei eleitoral, uma nova lei do recenseamento, uma lei da nacionalidade, uma "lei quadro do referendo", que, se fossem aprovadas, seriam instrumentos para transformar as eleições numa mascarada.

A Aliança reaccionária foi derrotada quando, apesar da sua tentativa de monopolização do poder, a Comissão Constitucional, o Conselho da Revolução, o Presidente da República e também já os tribunais contrariaram com firmeza muitos dos seus principais projectos e decisões anticonstitucionais e golpistas.

A Aliança reaccionária foi derrotada quando, na própria Assembleia da República, se agravaram as suas contradições internas, se abriram dissidências e conflitos e se levantaram vozes e votos discordantes no seu próprio seio e, no final da sessão legislativa, desapareceu a sua tão apregoada "maioria".

Estes sucessivos desaires significam que a ofensiva da Aliança reaccionária e do seu governo perdeu velocidade, que **a Aliança reaccionária não conseguiu levar por diante a sua ofensiva tal como a projectava, que muitos dos seus objectivos não foram alcançados, que o seu plano subversivo de liquidação do regime democrático está seriamente comprometido.**

A Aliança reaccionária chega ao momento actual não com a sua maré a encher, mas com a sua maré a vazar, não em maré de vitória, mas em maré de derrota. **A Aliança reaccionária caminha inexoravelmente para a derrota final.**

Esta mudança da situação, desfavorável à reacção,e verificou-se porque as forças reaccionárias encontraram na sua frente a nova realidade económica, social e política criada pela revolução de Abril e à qual a sua política reaccionária se não adaptou nem podia adaptar.

Verificou-se porque, as instituições democráticas mostram a sua vitalidade e funcionam, apesar de a "AD" as ter querido paralisar e destruir, confirmando que a independência e complementariedade dos órgãos de soberania constituem um traço positivo e uma boa garantia para o regime democrático português.

Verificou-se (e aí reside a razão fundamental) porque a "AD" encontrou pela frente a luta firme, vigorosa, confiante e heróica da classe operária e das massas populares, determinadas a defender os seus direitos e liberdades, as conquistas democráticas, o Portugal de Abril.

É necessário ter bem presente a ideia de que, se não fosse a firme e heróica resistência popular, de há muito estariam totalmente destruídas as conquistas da revolução e o regime democrático.

É necessário ter bem presente a ideia de que a luta dos trabalhadores e das massas populares, a par do funcionamento das instituições, entravou de facto a ofensiva inconstitucional, ilegal e subversiva da Aliança reaccionária, contra as conquistas de Abril e contra o regime democrático.

Graças à heróica luta popular, a base de apoio social, político e eleitoral da Aliança reaccionária é cada vez mais reduzida.

Milhares e milhares de eleitores que enganados votaram na "AD" não repetirão o seu erro nas próximas eleições e votarão na democracia, votarão no PCP, votarão na APU.

Estão criadas as condições essenciais para derrotar a Aliança reaccionária nas próximas eleições, para reduzir a representação dos partidos reaccionários na Assembleia da República àquilo que esses partidos são no país — uma minoria.

2
Sá Carneiro para a rua!

O nosso Partido nunca negou a legitimidade institucional de se formar um governo com partidos que, nas eleições, obtêm uma maioria de deputados na Assembleia da República.

Não negámos a legitimidade institucional de serem chamados a formar governo os partidos da Aliança reaccionária depois de terem conseguido nas eleições intercalares de 1979 maioria, embora escassa e precária, na Assembleia da República.

Mas **a Aliança reaccionária perdeu a legitimidade para governar** na medida em que adoptou como norma de governo o desrespeito e a violação sistemática da Constituição, o desrespeito e a violação sistemática da legalidade e dos mais elementares princípios da vida democrática.

A Aliança reaccionária perdeu a legitimidade para governar desde que, a partir do governo, adoptou como programa e como prática política destruir as conquistas da revolução, praticar todas as violências e arbitrariedades, destruir bens e destruir vidas, e desenvolver uma acção subversiva contra o regime democrático, tendo como objectivo a sua liquidação.

Finalmente, **a Aliança reaccionária não tem qualquer legitimidade para estar no poder na altura de eleições,** uma vez que desrespeita os mais elementares princípios democráticos e quer fazer das eleições uma mascarada.

Por tudo isso, o PCP, com milhões de portugueses e portuguesas, reclama a demissão o mais rapidamente possível do governo Sá Carneiro/Freitas do Amaral.

"A luta continua, Sá Carneiro para a rua!", tornou-se uma consigna popular e nacional de Norte a Sul do país.

Após o termo da sessão legislativa da Assembleia da República, o PS passou, em palavras, a acompanhar esta reclamação do PCP e das massas populares.

Em 28 de Junho o secretário-geral do PS declarava que "o dr. Sá Carneiro não tem legitimidade para governar". Em 1 de Julho afirmava que o governo não tem "condições de isenção democrática para presidir a eleições verdadeiramente livres". "O PS (afirmou) pede a demissão do governo."

Ora bem, camaradas.

Se esta atitude do PS em relação à demissão imediata do governo Sá Carneiro era sincera e correspondia a um real propósito político, criavam-se condições para concretizar um tal objectivo.

Tendo isso em conta, o nosso Partido, no dia 3 de Julho dirigiu uma carta ao Secretariado Nacional do PS.

Nessa carta anotava-se "a coincidência de posições dos dois partidos e dos seus respectivos aliados". Sublinhava-se que "a partir de agora a demissão do governo é reclamada por um conjunto de forças políticas que representam folgadamente a maioria do eleitorado".

E propunha-se um encontro imediato de delegações dos dois partidos para uma **"troca de opiniões (...) sobre a eventualidade de actuações comuns tendo em vista a demissão do governo".**

Creio que estais todos de acordo, camaradas e amigos, em que esta iniciativa e a proposta feita pelo PCP ao PS foram justas, oportunas e necessárias.

Se o PS, como afirmavam os seus dirigentes, considerava que o governo não tinha mais legitimidade para governar; se o PS exigia a demissão imediata do governo — é ou não verdade que a acção conjugada do PCP e do PS, a que se juntariam todas as outras forças democráticas, com o apoio activo de milhões de portugueses, criava condições extremamente favoráveis para conduzir à demissão do governo?

É ou não verdade que, uma diligência comum, ou diligências convergentes dos dois partidos e de outras forças democráticas junto do Presidente da República, solicitando a exoneração de Sá Carneiro poderiam ter uma influência quiçás decisiva para uma tal decisão?

É ou não verdade que, dada a ruptura na escassa maioria "AD" verificada na última sessão da Assembleia da República, se poderia mesmo encarar em comum a convocação extraordinária da Assembleia da República para aí fazer votar uma moção de censura?

É ou não verdade que, ao nível das massas, o entendimento dos dois partidos exigindo em conjunto e com sentido prático a demissão do governo Sá Carneiro, daria um extraordinário impulso à luta popular?

Sim, tudo isso é verdade.

Mas qual foi a resposta do PS à proposta do nosso Partido?

Passo a ler integralmente a resposta do Secretariado Nacional do PS em carta datada de 7 de Julho (tenho-a aqui na mão):

"Prezados amigos:

"Acusamos a recepção da vossa carta de 3 do corrente, que mereceu a nossa melhor atenção. Sinceramente **não vemos vantagem no encontro proposto**, dada a autonomia das nossas posições publicamente expostas, **a que nada mais há a acrescentar** pelo menos do nosso lado.

"Sem outro assunto, subscrevemo-nos com saudações socialistas", etc.

Tal foi a resposta do PS.

Depois desta resposta, poderá acreditar-se na sinceridade dos dirigentes do PS, quando "exigem" a demissão do governo Sá Carneiro?

Não é lícito pensar que os dirigentes do PS se assustaram com a possibilidade de que a acção conjugada dos dois partidos levasse de facto à demissão do governo?

Há quem pense que a demissão imediata do governo Sá Carneiro/Freitas do Amaral lhe permitiria colocar-se na posição de "vítima" e fortaleceria as possibilidades da "AD" nas próximas eleições. E que a permanência do governo Sá Carneiro/Freitas do Amaral até às eleições mais desgastará, mais desprestigiará e desautorizará a "AD" e diminuirá as suas possibilidades eleitorais.

O nosso Partido tem defendido e continua a defender opinião contrária.

A existência do actual governo fascizante na altura das eleições significará a multiplicação de ilegalidades, irregularidades e fraudes accionadas ou protegidas pelo aparelho do Estado. Significará uma Comunicação Social ao serviço da mentira, da manipulação por supostas sondagens de opinião, da demagogia, da desinformação, da propaganda dos partidos reaccionários.

Ao contrário, a demissão do governo Sá Carneiro/Freitas do Amaral, seguida da formação de um governo de gestão que garantisse o carácter democrático das eleições, seria um sério golpe nas forças reaccionárias, daria um extraordinário impulso à vontade popular e democrática, e abriria caminho a uma derrota monumental da "AD" nas eleições.

Ao contrário do PS, que "exige" a demissão do governo, mas recusa a acção que conduza a esse resultado, o nosso Partido continuará a reclamar que se demita ou seja demitido o governo Sá Carneiro, que Sá Carneiro vá para a rua o mais depressa possível.

E se até às eleições para a Assembleia da República, o governo reaccionário não for demitido ou não se demitir, então é necessário, **que votando contra a "AD", votando nas forças democráticas, votando PCP e APU, colocando a "AD" em minoria e assegurando uma maioria democrática,** o povo português o demita de facto através do voto.

3
A falsa alternativa PS/FRS

A Aliança reaccionária parece querer ligar a campanha eleitoral para a Assembleia da República à pré-campanha para a Presidência.

Outras forças preparam a apresentação de candidaturas para as presidenciais antes das eleições legislativas.

Diferentemente, o nosso Partido tem insistido em que a tarefa **fundamental do momento presente é preparar a derrota da "AD" e a vitória democrática nas próximas eleições para a Assembleia da República.**

Como as candidaturas para a Presidência dependerão em larga medida dos resultados das eleições legislativas, o nosso Partido só depois das eleições legislativas definirá a sua posição a respeito de candidatura às presidenciais.

Continuam porém as especulações e são-nos feitas numerosas perguntas.

Por isso, foi resolvido aqui responder a algumas delas, esclarecendo a posição do nosso Partido.

Perguntam-nos: no caso do general Ramalho Eanes apresentar a sua candidatura, o PCP apoia ou não essa candidatura?

Para cortar quaisquer especulações, queremos confirmar: não **apoiamos.**

Perguntam-nos: e no caso duma candidatura de Mário Soares, de que se fala e que a "AD" estimula de todas as formas e feitios?

A nossa resposta é clara: o CC do nosso Partido já tornou público que o PCP não apoiará uma candidatura marcadamente partidária. Além disso, ninguém deve contar que, nas eleições presidenciais, na primeira ou na segunda volta, os votos comunistas vão para o seu candidato, se **a candidatura respectiva não tiver sido anteriormente examinada com o PCP e este não tiver dado o acordo a ela.**

Quanto a uma eventual candidatura de Otelo Saraiva de Carvalho, cujo balão cheio de ar esquerdista se esvaziou espectacularmente, mantemos que é uma candidatura que a confirmar-se só servirá para dividir as forças democráticas.

E é tudo sobre as presidenciais por agora.

Voltando às legislativas, a derrota da Aliança reaccionária, reduzida de novo a uma minoria na Assembleia da República, só por si, teria profundas consequências na vida política nacional. Representaria a demissão, sem apelo nem agravo, do governo fascizante PPD/CDS e até lá não se demitir nem for demitido.

Representará o fracasso da ofensiva global da reacção contra as conquistas da revolução, contra o regime democrático, contra a Constituição.

Representará uma grande afirmação da determinação do Povo português e um considerável reforço do Portugal de Abril.

Mas **a derrota da Aliança reaccionária nas eleições, só por si, não definirá qual a alternativa democrática que decorrerá das eleições.**

Ficando os partidos reaccionários em minoria na Assembleia da

do PC!

vidade com que exigia "Cameiro para a rua" ou a defesa da Reforma Agrária, ou a constituição de um governo democrático tinha a convicção alegre de quem sabe sua a vitória, de quem luta por ela na certeza de a alcançar. Historiamente o futuro é dos trabalhadores. Esta serena certeza explica o prodígio "desta gente" aparentando "nada ter a temer".

Quando às 19 h e 20 m, imediatamente antes de o camarada Álvaro Cunhal iniciar o seu discurso, muitas centenas de balões subiram os ares saudando a Festa, foi tempo de gritar, longa e comovidamente "Assim se vê a força do PC". Força que existe, não pára de crescer e que se explica muito simplesmente: ela vem e cresce duma luta justa, longa e tenaz, que pacientemente vai construindo o Futuro.

e o mesmo aos trabalhadores de algumas empresas de montagem de estruturas.

Aos serviços da CM de Lisboa agradecemos igualmente as facilidades que mais uma vez este ano nos foram concedidas na linha tradicional dos anos anteriores.

A todos que de uma forma ou de outra contribuíram para a boa execução de trabalhos e serviços indispensáveis ao êxito da Festa, os nossos agradecimentos.

Queridos Amigos
e Camaradas

Por si só a Festa do "Avante!" mostrou mais uma vez nesta quinta edição a sua excepcional qualidade e crescente importância, o seu carácter único como grandiosa manifestação democrática, popular e internacionalista de massas, como grande jornada política e de convívio, cultura, arte e desporto amplamente enriquecedora do nosso património nacional.

Jovens artistas e desportistas portugueses e estrangeiros, cultores da arte popular ou de renome internacional, trouxeram à nossa Festa com o valor excepcional da sua arte, uma extraordinária mensagem de juventude, amizade e paz.

Saudamo-los muito vivamente e queremos dizer-lhes que sem a sua participação a Festa do "Avante!" falharia nos seus principais objectivos.

Para todos o nosso "muito obrigado!"

Camaradas

A Festa do "Avante!" de 1980 representa uma concepção nova mais dinâmica e bela de exprimir a realidade dialéctica do nosso País, o carácter e a política do nosso Partido.

Os comunistas são por natureza inovadores. A busca de novas formas para transmitir ao nosso Povo propostas políticas com os pés assentes na terra, de afirmar a profunda inserção do nosso grande Partido na complexa problemática nacional — uma problemática que o Governo fascizante Sá Carneiro/Freitas do Amaral agravou de maneira excepcional — e por outro lado a força da nossa mensagem de confiança nos destinos do nosso Povo, o nosso optimismo de combatentes por uma causa justa e superior, marca cada realização da Festa do Avante, neste ano em tantos aspectos decisivo de 1980.

Sim, Camaradas, é o PCP o organizador desta magnífica iniciativa de massas, só a excepcional capacidade organizativa do PCP está em condições de levar avante uma realização desta ordem em Portugal.

Mas cada vez mais a Festa do Avante cumpre o objectivo de transcender as fronteiras partidárias para assumir uma dimensão verdadeiramente nacional nos domínios da Arte, da Cultura, de tudo o que há de mais significativo e elevado na grande luta popular pela Democracia e o Socialismo em que estamos empenhados.

Este ano um acontecimento ímpar de profundo significado nacional na vida e na História do nosso Povo marca um ponto alto nas manifestações culturais da Festa. Referimo-nos às comemorações do IV Centenário do desaparecimento do nosso imortal Épico nacional, Camões.

Os bonzos da "AD", da Aliança reaccionária do PPD, CDS & C.ª, do Governo antinacional Sá Carneiro/Freitas do Amaral impediram este ano comemorações verdadeiramente nacionais e condignas do grande Poeta do Povo e da Pátria.

Mas em oposição a este comportamento profundamente reaccionário, os comunistas, vanguarda dos trabalhadores portugueses e os mais legítimos herdeiros de tudo o que há de progressista e avançado na nossa História puseram precisamente Camões no centro das manifestações culturais da Festa do "Avante!"

Comemorar Luís Vaz de Camões, evocar a sua obra profundamente patriótica e universalista é uma iniciativa que honra a nossa Festa.

Camaradas e Amigos

O internacionalismo proletário é mais uma vez uma das características mais notáveis da Festa do "Avante!"

Temos mais uma vez entre nós representantes das forças revolucionárias de países de todos os continentes e de campos sociais e políticos diversos.

Da União Soviética e dos países socialistas estão entre nós ou representados camaradas dos partidos comunistas e operários das repúblicas: da Alemanha Democrática, da Bulgária, da Checoslováquia, da Coreia, de Cuba, da Hungria, da Jugoslávia, da Mongólia, da Polónia, da Roménia, além da representação da União Soviética.

Dos novos países que através da sua luta corajosa e patriótica se libertaram das algemas do imperialismo, do colonialismo e do racismo temos entre nós ou representados camaradas da República Popular de Angola (MPLA-PT), da República Popular de Moçambique (Partido FRELIMO), das RR da Guiné-Bissau e de Cabo Verde (PAIGC), de S. Tomé e Príncipe (MLSTP), também da Síria (P. Baas Síria), do Saraui (Frente Polisário) da OLP, do Congresso Nacional Africano (ANC); ainda os representantes dos partidos comunistas e operários de países capitalistas como da África do Sul, da Alemanha Federal, Berlim-Oeste, Chile, Espanha, Finlândia, França, Grécia, Itália, Japão, México, Suécia, Turquia, Uruguai, Sudão.

Está ainda connosco o representante da Revista Internacional.

Enviaram-nos saudações os camaradas dos PC da Áustria, Canadá, Etiópia, Frente Sandinista, Vietnam, PS Yemenita.

Escusado será salientar quanto nos sentimos honrados com a sua presença ou com as saudações amigas de tais forças revolucionárias.

Da situação actual do nosso País, das nossas tarefas actuais e das nossas propostas políticas ao Povo português irá falar-vos o camarada Álvaro Cunhal, secretário-geral do nosso Partido.

Até para o ano, Camaradas!

Viva a Festa do "Avante!"

Viva o nosso grande e glorioso PCP!

República isso quer dizer que os partidos democráticos ficam em maioria. Mas que maioria poderá constituir uma alternativa?

O conhecimento, por muito superficial que seja, do actual quadro político português, dos resultados das anteriores eleições e da evolução da situação política conduz a uma conclusão indesmentível: **nenhum partido democrático sozinho** (como nenhum partido reaccionário sozinho) **está em condições de alcançar nem a maioria absoluta dos votos nem a maioria dos lugares na Assembleia da República.**

Entretanto, o PS e a Frente Republicana e Socialista (FRS) que o PS lidera procuram fazer crer que o PS, a FRS, constituem sozinhos uma alternativa à maioria que a "AD" detinha na Assembleia da República, porque (segundo anunciam) alcançarão **"a maioria absoluta dos votos"** (30-6-80).

O secretário-geral do PS, vai mesmo mais longe, afirmando que, para quebrar a maioria "AD", "nem sequer era preciso constituir a Frente. Bastaria apresentarmo-nos às eleições como PS" (entrevista ao "PH", 3-7-80) (as palavras são dele)..

Trata-se de uma autêntica mistificação eleitoralista que o PS repete uma vez mais. Nas eleições para a Assembleia Constituinte em 1975 o PS afirmou também ir alcançar maioria absoluta: ficou em 38% e foi um grande resultado. Repetiu a afirmação em 1976: perdeu 250 mil votos e passou para 35%. Repetiu novamente a afirmação nas eleições de 1979: perdeu mais 260 mil votos e passou para 27%.

Consideramos que será um factor positivo para o reforço do regime democrático a recuperação pelo PS de parte do seu próprio eleitorado seja com votos socialistas seja com os votos (não são muitos mas sempre são alguns), da UEDS e da ASDI.

Mas proclamar que a FRS vai alcançar a maioria absoluta **é um logro colossal, em que o Povo português não se deixará cair.**

O logro não consiste porém só na impossibilidade de o PS, a FRS, alcançar sozinho a maioria absoluta.

Consiste também no facto de que **a política do PS sozinho não é em si uma alternativa democrática.**

Que garantias dá o PS de uma política realmente democrática, quando numa situação de ameaça iminente contra a democracia, dirigentes do PS insistem no seu anticomunismo primário e nas suas pontes em direcção à direita?

Lopes Cardoso, representante da UEDS na FRS, veio declarar no dia 30 de Junho que uma "aproximação pós-eleitoral com o PSD" é "uma hipótese que não se põe (...) que se encontra arredada à partida".

Mas Vítor Constâncio, da direcção do PS, mostrou que **tal "hipótese que se não põe", põe-se mesmo**, pois considera indispensável um acordo do PS com o PSD.

E, quando outros dirigentes do PS negam a pés juntos virem a fazer alianças com a direita, como podemos nós deixar de lembrar que precisamente o mesmo garantiu o secretário-geral do PS em 1976 logo depois das eleições, precisamente o mesmo jurou pela luz dos seus olhos outro dirigente do PS, e afinal foi o que se viu: aliança permanente com o PPD e CDS, que se traduziu na política de pacotes, na contra-revolução legislativa e mesmo na coligação governamental PS-CDS?

E o que significam os repetidos elogios mútuos entre os dirigentes da "AD" e os dirigentes do PS?

Como compreender que o dirigente do PPD Carlos Macedo classifique Mário Soares de "verdadeiro democrata" e que Soares Carneiro faça também elogios a Mário Soares? E como compreender que, ao mesmo tempo que atacam os comunistas de "totalitários", os dirigentes do PS façam elogios aos chefes reaccionários? E que Mário Soares diga que Sá Carneiro é "um homem adepto da via democrática"?

Não. Não só porque o seu apoio eleitoral não justifica, mas enquanto insistir na sua recusa sistemática em aliar-se com o PCP, enquanto insistir na sua aliança à direita, **o PS não pode pretender ser a alternativa democrática à maioria "AD" e ao governo "AD".**

Uma maioria democrática na Assembleia da República não é possível sem os deputados do PS. Mas também não é possível sem os deputados do PCP e será tanto mais possível quantos mais deputados o PCP tiver.

4
Alternativa democrática com o PCP e com a APU

Uma maioria democrática na Assembleia, que dê base de apoio para a formação de um governo democrático, terá necessariamente de compreender comunistas e socialistas.

E sendo assim, qual é o voto seguro, o voto certo, o voto útil, na democracia, na maioria democrática, na alternativa democrática?

Será no PS e na FRS como dizem os seus propagandistas?

Não. O voto no PS, na FRS não é seguro, nem certo, porque o PS se recusou até hoje a encarar a única maioria possível, a única alternativa democrática possível — a maioria e a alternativa com o PCP.

Se acaso (como pretendem os dirigentes do PS) o PS ganhasse votos à APU contribuiria esse facto para possibilitar uma alternativa democrática?

Não. Um tal resultado animaria tendências na direcção do PS para insistir na recusa de um entendimento com o PCP e para procurar novamente entendimentos e alianças com a direita, concretamente com o PSD.

O reforço do PCP e da APU, o aumento do número de votos e de deputados do PCP e da APU, é uma condição para impedir novas alianças do PS com a direita, para que o PS finalmente compreenda a necessidade de uma aliança à esquerda contra as forças reaccionárias derrotadas nas eleições.

Na maioria de deputados democráticos, **quanto mais forte for a APU relativamente à FRS, quanto mais forte for o PCP relativamente ao PS, maiores são as possibilidades de transformar a maioria numérica de comunistas, socialistas e outros democratas, numa maioria democrática real que sirva de suporte à formação de um governo democrático.**

Se alguém quer que o PS venha a constituir com outras forças democráticas (e é a única forma possível) **uma maioria democrática e uma alternativa democrática, o voto correcto, o voto seguro, o voto certo, o voto útil, o voto indispensável, para esse resultado é o voto no PCP, é o voto na APU.**

Ao contrário de outras alianças eleitorais, a Aliança Povo Unido (APU) é uma aliança sólida, do PCP com um outro partido sério e consequente (o MDP) que aqui saudamos cordialmente.

A APU está aberta a democratas independentes ou a outros que decidam lutar lado a lado com os comunistas.

Procuramos pela nossa parte, e de acordo com o MDP, que as listas de candidatos sejam elaboradas com grande abertura e espírito unitário **e estamos certos de que a dinâmica unitária da APU, ganha em eleições anteriores, se confirmará na próxima campanha e nas próximas eleições.**

A nossa vontade unitária, a definição da derrota da Aliança reaccionária como objectivo fundamental, a preocupação de que na próxima batalha eleitoral não haja votos antifascistas perdidos, levou o nosso partido a tomar **contactos informais e exploratórios com a UDP**, sem entretanto em nada modificar as suas opiniões críticas acerca da actuação esquerdista e divisionista desse partido. Como se sabe, nas eleições de 1979, a UDP teve 129000 votos mas elegeu um único deputado. Perderam-se assim cerca de 100000 votos que, se tivessem ido para a APU, teriam permitido a derrota de alguns candidatos da direita e a eleição de mais 3 ou 4 democratas.

Os contactos com a UDP tiveram lugar mas o resultado foi nulo.

Há agora quem diga que o PCP só queria vantagens e não queria fazer concessões.

Qual é a verdade?

A verdade é que a UDP (ao mesmo tempo que falava demagogicamente nas chamadas "listas únicas") pretendia apenas acordos com o PCP em dois distritos para a eleição de deputados independentes aprovados pela UDP, ficando em todos os outros distritos livre para apresentar os seus próprios candidatos, para fazer coligações com outros partidos, designadamente com o PS, e para conduzir campanhas contra o PCP e a APU!

Estais certamente de acordo em que tais propostas não podiam deixar de ser rejeitadas.

E qual foi a nossa resposta?

Queremos aqui revelar que **o nosso Partido propôs à UDP a eleição certa de 3 candidatos integrados nas listas APU**, desde que a UDP apelasse ao voto na APU à escala nacional e se empenhasse nessa direcção.

Parece-nos que, a fim de evitar votos perdidos, e de derrotar a Aliança reaccionária, isto era o máximo que podíamos fazer.

Que fique claro duma vez para sempre: o PCP está pronto a concluir acordos políticos responsáveis para derrotar a Aliança reaccionária e assegurar uma maioria democrática, mas **não aceita entrar em acordos sem princípio e no comércio de votos.**

A política consequente do nosso Partido tem cada vez um mais largo apoio em todo o País, mesmo em regiões onde, até há pouco, as forças reaccionárias conseguiam manter as populações quase inteiramente sob o seu domínio.

Conseguiam-no e conseguem-no ainda em vastas zonas, utilizando todas as formas de pressão e coacção. A pressão e a coacção económica. A pressão e a coacção física. A pressão e a coacção social. A pressão e a coacção moral. E também a pressão e a coacção religiosa.

Os partidos reaccionários procuram manipular os sentimentos religiosos de grande parte do Povo português. Conduzem uma campanha sistemática para pressionarem os eleitores católicos a votarem na "AD". Conduzem uma campanha sistemática para na base das mais infames mentiras e calúnias oporem os sentimentos religiosos dos crentes aos objectivos políticos do PCP e das forças democráticas.

Essas campanhas e essas pressões encontram cada vez menor eco. O Povo português vê na prática que o PCP respeita rigorosamente as crenças religiosas, a prática do culto, os direitos da Igreja.

O Povo português verifica que milhares de católicos são membros do PCP ou lutam a seu lado.

O Povo português verifica que os comunistas não roubam casas, nem terras, antes trabalham afincadamente para que todos os portugueses tenham habitações condignas e para que os pequenos agricultores, proprietários, rendeiros ou caseiros tenham plenamente garantido o seu direito à terra, para que todos os que trabalham a terra tenham terra suficiente para si e para os seus.

O Povo português verifica que os comunistas não comem crianças ao pequeno almoço antes tudo fazem para assegurar às crianças o bem-estar, a saúde, a instrução, a alegria e a felicidade; que os comunistas não matam os velhos com um tiro atrás da orelha, antes defendem constante e firmemente os direitos da terceira idade e tomam iniciativas e empreendem acções para garantir a todos os portugueses uma terceira idade prolongada, confortada e tranquila.

O Povo português verifica que os comunistas, ao contrário dos outros partidos, são lutadores incansáveis e dedicados pelas liberdades, incluindo a liberdade de consciência e a liberdade religiosa, pelo bem-estar do povo trabalhador, pelo desenvolvimento nacional e pela independência da pátria.

Entretanto, os partidos reaccionários não desistem, procuram apresentar-se como os "partidos da Igreja" e conduzem uma febril actividade com vistas à instrumentalização partidária da Igreja e do clero.

Tal é o significado do alarido que estão a fazer em torno da recente Nota Pastoral da Conferência Episcopal Portuguesa sobre as eleições, realçando algumas passagens e ocultando cuidadosamente muitas outras.

A Nota Pastoral contém a nosso ver várias afirmações que consideramos negativas. Mas contém também indicações que consideramos positivas.

Assim, se forem respeitadas com escrúpulo algumas das indicações dadas na Nota Pastoral, se, no concreto, a Hierarquia se abstiver (como aconselha a Nota Pastoral) de dar indicações sobre o partido ou a pessoa em que têm de votar; se o clero se abstiver (como aconselha a Nota Pastoral) de "utilizar o exercício do ministério sagrado" e consequentemente as igrejas e os púlpitos para fazer política partidária — **serão dados grandes passos para o respeito efectivo da consciência e da vontade dos eleitores e para a dignificação da Igreja na sociedade democrática portuguesa em construção.**

Milhares de católicos portugueses que ouviram na América Latina, o Papa levantar a voz contra as ditaduras reaccionárias, não votarão em partidos políticos que, em Portugal, procuram abrigar, à sombra da Igreja, o seu plano de instauração duma nova ditadura e votarão no PCP, votarão na APU — força determinante na defesa das liberdades e da democracia.

Milhares de católicos portugueses que ouviram o Papa dizer no Brasil que a terra deve ser entregue a quem a trabalha, não votarão em partidos políticos que em Portugal, numa vaga de ilegalidade e violência, roubam as terras aos que trabalham para a entregarem a latifundistas que nunca verteram na terra uma gota de suor e votarão no PCP, votarão na APU, força determinante na defesa da Reforma Agrária e das outras grandes conquistas da revolução portuguesa.

A Nota Pastoral fala na necessidade da livre opção dos eleitores.

Estamos certos de que **milhares e milhares de católicos, de Norte a Sul do país, votarão na APU, votarão no PCP, nas próximas eleições**, porque verificam e tomam consciência de que o reforço da APU, o reforço do PCP, constitui uma condição para a defesa eficaz dos interesses do povo e do País, para a consolidação e o prosseguimento do Portugal de Abril.

5
Avante, com Portugal de Abril

A Festa do "Avante!" **é um testemunho do que é, do que quer, do que representa, do que significa o Partido Comunista Português.**

As muitas centenas de milhar de pessoas, que vieram à nossa grande Festa, podem certificar como **os objectivos da luta presente e futura do PCP** são a própria substância informativa, política e ideológica desta nossa realização.

As liberdades democráticas (bem precioso) — pelas quais os comunistas sempre lutaram, mesmo nas condições mais duras e difíceis, dando a sua própria liberdade para que o Povo português viesse a alcançar a sua.

O bem-estar e a cultura do povo — da classe operária, de todos os trabalhadores, dos pequenos e médios agricultores e rendeiros, dos intelectuais e quadros técnicos, de toda a população laboriosa, das mulheres, da juventude — numa sociedade que queremos definitivamente libertada do capitalismo monopolista e dos latifundiários e caminhando para o socialismo.

O desenvolvimento do País — na base do aproveitamento e dinamização dos recursos e energias nacionais e da diversidade das formações económicas resultante da revolução.

As nacionalizações, que liquidaram os grupos monopolistas (suporte do fascismo) que exploraram e tiranizaram o nosso povo durante dezenas e dezenas de anos, e que tudo faremos para que não voltem mais.

A Reforma Agrária — a mais bela conquista da revolução, realização histórica dos trabalhadores portugueses, parte integrante do regime democrático e factor indispensável para o desenvolvimento da agricultura e da economia nacionais, realização que a reacção quer brutal e criminosamente destruir, mas que continua de pé, que está a ser heroicamente defendida e será defendida, que voltará à ofensiva e que será inteiramente realizada, com a liquidação total dos latifúndios, a consolidação e expansão das UCPs/Cooperativas e a entrega definitiva da terra a quem trabalha.

(As decisões e actuações ilegais dos governos reaccionários, designadamente dos governos Mota Pinto e Sá Carneiro, serão anuladas e rectificadas, e as terras roubadas serão recuperadas, e tudo o mais que foi roubado aos trabalhadores, ou o seu justo valor — as instalações, as máquinas, os gados, os frutos pendentes — voltarão para as UCPs/Cooperativas.)

A Festa do "Avante!" é um testemunho vivo de que os comunistas, não só conhecem profundamente o País, como, indissoluvelmente ligados aos trabalhadores da indústria, do campo e do mar, ligados às massas populares, contando com o dinâmico apoio das mulheres e dos jovens, se propõem e são capazes de transformá-lo.

Este nosso Partido, que vem de longe, caldeado, provado e experimentado em meio século de luta clandestina, vanguarda indiscutível da luta popular que conduziu às profundas transformações democráticas realizadas pela revolução portuguesa e que as defende palmo a palmo contra a reacção; este Partido cuja força vem do podo e cuja razão de ser é servir o povo; este Partido que vencendo dificuldades e provações se tem reforçado incessantemente e que — com 187000 militantes, não contando 36000 jovens comunistas — é o maior partido português; este Partido, que se insere na vida política nacional como verdadeiro partido do povo, **é a força mais sólida, mais consequente, mais capaz, mais mobilizadora do Portugal democrático em que vivemos.**

Conscientes da nossa força, não pretendemos porém poder garantir sozinhos a defesa e a continuação do Portugal de Abril, não pretendemos poder sozinhos ganhar uma maioria nas próximas eleições, não pretendemos poder sozinhos defender e construir a sociedade democrática.

A nossa política sempre tem sido e continua a ser uma **política de unidade dos trabalhadores, de unidade dos democratas.**

Por isso lutámos sempre pela unidade sindical que tem vitoriosa expressão no vigoroso movimento sindical português, na grande central sindical dos trabalhadores portugueses — a gloriosa CGTP-Intersindical Nacional.

Por isso lutámos sempre pelo carácter unitário das Comissões de Trabalhadores, das organizações de classe e de outras organizações de massas e pela sua vida democrática interna.

A Festa do "Avante!" é em si mesma um **incitamento e um apelo à unidade. O abraço fraterno dos comunistas a todos os que aqui vieram traduz o firme empenho do PCP em unir todos os trabalhadores, em unir todos os democratas na luta contra as forças do passado, contra as forças da reacção, contra a Aliança reaccionária, para assegurar o prosseguimento do Portugal da revolução dos cravos.**

A Festa do "Avante!" transcende, na sua realização e no seu significado, a afirmação do que é e do que representa o PCP.

A Festa do "Avante!" é um espelho e uma afirmação do Portugal de Abril em que vivemos, da sua realidade mais profunda, dos grandes valores da democracia portuguesa: a liberdade, o trabalho, a cultura, o progresso, a independência nacional.

A Festa do "Avante!" é uma poderosa afirmação da consciência, da vontade e da determinação da classe operária, dos trabalhadores, do Povo português em derrotar a reacção e defender e prosseguir o regime democrático consagrado na Constituição.

A Festa do "Avante!" é uma afirmação da força do presente democrático e da confiança no futuro democrático e socialista de Portugal.

A Festa do "Avante!" é um testemunho vivo de amizade e solidariedade entre os povos, duma política de paz, da associação do mais firme patriotismo com a solidariedade internacionalista.

A Festa do "Avante!" é uma afirmação do valor criativo do trabalho, do esplendor da cultura ao serviço do povo, do valor moral da militância e da dedicação às causas nobres, da profundidade dos sentimentos de fraternidade humana do humanismo comunista, da saúde, da beleza e da alegria como factores da felicidade do homem.

Ocasionalmente coincidente com um momento da vida política portuguesa dominado pela proximidade das eleições, a **Festa do "Avante!"** confirma que o PCP, partido do povo trabalhador, partido da unidade democrática, partido das nacionalizações, da Reforma Agrária e de todas as grandes conquistas da revolução, partido do presente democrático na luta contra a reacção, partido da verdade, da esperança e do futuro, **é um partido necessário e insubstituível na futura maioria democrática que sairá das próximas eleições; é um partido necessário e insubstituível em qualquer governo verdadeiramente democrático.**

Com o PCP, com a APU, avante para a derrota da Aliança reaccionária!

Avante para a vitória democrática!

Viva a unidade dos trabalhadores e de todos os democratas!

Viva Portugal de Abril!

Viva a amizade e solidariedade de todas as forças revolucionárias do mundo!

Viva o Partido Comunista Português!

O rosto, o trabalho, a luta da mulher comunista

Mais pequeno o pavilhão da Mulher Comunista. Mas mais denso. Não densidade maior na decoração, toda ela feita imagens e poucas palavras. Poucas mas desmistificadoras, alertas vivos a esta política de mentira, a esta política de engano e logro, onde as esperanças das mulheres e homens portugueses não podem naufragar. Daí o imperativo à luta: Luta pelo pão, pelo Trabalho, pela garantia do Emprego, pela baixa do Custo de Vida, pela Promoção e Formação Profissional das mulheres, pelo desenvolvimento intelectual e físico dos nossos filhos, Direito à Habitação, à Assistência Médica, Direito à Instrução, à Cultura; aos Tempos Livres, à Actividade Desportiva, a uma Velhice vivida com dignidade. E sobretudo o rosto das comunistas. A sua face no trabalho, na rua, nas compras, nas manifestações, no inclinar para os filhos, nas assembleias, nas autarquias, nos encontros, nos postos clínicos, em toda a parte. E ainda a banda desenhada, a ironia desmontando as promessas vãs com que a "AD" procurou "arrebanhar" as mulheres...

Sobretudo um apresentar, mais uma vez um dizer que as mulheres comunistas não são diferentes das outras mulheres: as que ainda não são comunistas mas cujos anseios, sonhos e desejos são semelhantes: uma vida melhor, dias plenos e felizes. Dizer que a vida das mulheres comunistas passa ao ritmo da vida de todas as mulheres: trabalho, casa, filhos, compras, mas mais ainda: luta! Um apresentar — somos cerca de 39 500 mulheres comunistas — e um apelo: "Vem ter connosco. Conhecer-nos. Ver como nos ajustamos no querer, para nos ajustarmos também no fazer, para fazermos mais rápido o que sem nós não pode ser feito: Construir Paz, Liberdade, Democracia, Saúde, Educação, Habitação."

Este rosto descoberto das mulheres comunistas muita gente que passou pelo "stand" o viu, ficou conhecendo algo mais de quem são e o que querem. E por isso mesmo, ficou mais perto, mais próximas as mulheres — e tantas que foram as que se detiveram pelo pavilhão, com olhos atentos a percorrerem vagarosamente, as que compraram produtos feitos pelas mãos das mulheres do Partido espalhadas por todo o país. E por que tanta gente que não é comunista, ali passou, ali ficando, trocando impressões, olhando, chegando a um reconhecimento mais profundo, se pode dizer que mais forte, mais firme ficou a defesa da Revolução, da "Revolução Portuguesa" que "não triunfará se não forem ganhos muitos e muitos milhares de mulheres para a luta, para o combate".

Sons de uma outra e diferente Festa

Foi festa de tantas e incontáveis coisas a nossa Festa! Mas também e talvez, sobretudo festa do Som. Não somente do som que se encontrou nos palcos e chegou a atingir momentos magníficos no Palco 1 e noutros. Não somente o som das palavras através dos colóquios sobre a vida e luta do nosso povo, os gritos de resistência, combate, confiança, certeza de vitória. Não somente este som. Não somente o som da confluência das conversas, as palavras trocadas num espaço feito fraternidade e alegria como outro não haverá. Não somente os risos das crianças na Cidade dos Pioneiros, o som dos seus passos em corrida, em folguedo, em jogos. Não somente o som das canções de raiva, ironia, força, batalha, amor, esperança das canções de Abril, a nova canção feita mensagem e luta. Não somente o som que nos veio de tantos e diversos países, e entre eles, o som do Brasil, fraterno, junto a nós, como quem comunga, a sério, a mesma experiência, como quem faz, na realidade, o oceano mais pequeno, a distância insignificância perante a identidade do nosso encontro: povos que se assumem construtores e os andaimes implantados no solo são já inabaláveis alicerces, promessas concretas de edifícios de liberdade, democracia e paz.

Não somente este som. Mas um outro que havia por toda a parte na festa. Impregnando o seu clima. Atmosfera desse mesmo clima. Brisa, vento, vendaval da gente que de todo o país veio e virá mais ainda para o ano. O som das cantigas que simultaneamente brotavam nos rios de gente, canções diversas, de tal modo várias que entre a mesma multidão, se encontravam diversos caudais musicais: aqui o Minho, um pouco mais abaixo o Alentejo, já a seguir "Venceremos", e mais em adiante "25 de Abril sempre", e depois um solista alentejano erguendo voz de uma pureza de planície, para encontrar, logo um pouco à frente um coro de mulheres, finas vozes, sons esguios na noite, "Oliveirinha da Serra". E durante os três dias, percorrendo os diversos espaços da Festa, impregnando a festa, invadindo-a, habitando-a, o som das bandas e ainda e sobretudo o som profundo, primitivo, agreste dos bombos manejados pelo masso certeiro dos homens. O suor inundando-lhes o rosto, sob a tarde fervendo, os músculos tensos pelo esforço, e cada vez mais intenso, feito de fúria e desafio, orgulho e confiança, o som do bombo como um respirar da festa, um respirar da multiplicidade da presença popular, e atrás, como se romaria fosse, a gente do Norte e Sul acompanhando os homens do bombo, passos soletrando o ritmo, atrás, presos pela magia deste e de todos os outros sons – sons do povo, sons do país, sons nossos, sons de luta presente, vitória futura. Sons de festa. Mas de uma outra e diferente Festa. Da que se não pode contar. Da que se vive com intensidade jamais experimentada e nos impregna para além dos dias, das ruas, do espaço e tempo do Alto da Ajuda. E fica em cada um de nós, marcando um ciclo – "Até para o ano camarada, amigo. Até à Festa de 1981" –, uma estação de combate, um sentimento de solidariedade internacional, um compasso de esforço e unidade até à conclusão de Abril. E mais ainda.

Cidade da Juventude: de tudo um pouco

Muitas iniciativas, alegria e aberta confraternização num espaço bem jovem – esta, em síntese, a imagem da Cidade da Juventude na Festa do «Avante!», uma Cidade construída pelo empenho dos camaradas da JCP.

Como nos diria um dos muitos jovens com quem tivemos oportunidade de contactar («olhe que eu não sou da JCP» – ouvimos de alguns) «encontramos aqui uma grande variedade de atractivos e iniciativas, que só numa Festa como esta seria possível oferecer aos visitantes».

Localizado junto do Mercado da Reforma Agrária, a Cidade da Juventude incluía pavilhões de todas as Organizações Regionais da JCP, com venda de artesanato, colóquios e debates, concursos, passatempos e os tradicionais comes-e-bebes. Através de exposições e outras iniciativas, era também dada a conhecer a imagem combativa e firme que caracteriza a luta dos jovens comunistas por esse país fora.

Os pavilhões centrais

Visitada por milhares de jovens, a Cidade da Juventude integrava alguns pavilhões centrais, de que destacamos desde já um auditório em que se realizaram debates e colóquios sobre temas de especial interesse para a juventude, espectáculos e encontros com diversos artistas, projecção de filmes, etc.

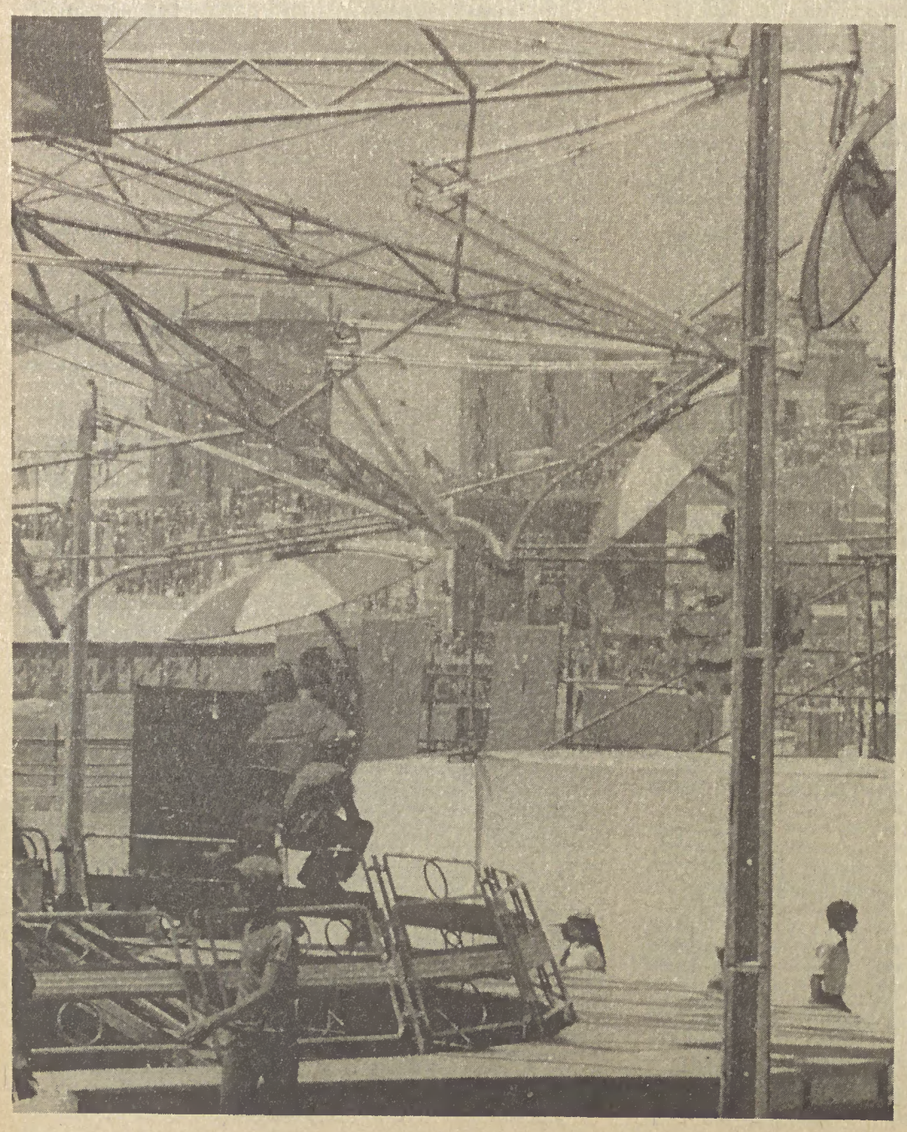
Uma exposição com fotos e outros materiais constituía o stand delicado aos Jogos Olímpicos de Moscovo, havendo ainda o pavilhão do «Juventude», órgão da JCP, onde foram vendidos centenas e centenas de exemplares daquele semanário e onde se dava uma breve mas significativa panorâmica da actividade e da importância da imprensa juvenil comunista.

As férias dos jovens, os problemas da escolha dos melhores locais aos preços mais acessíveis, os itenerários, os acampamentos, e outras notas de interesse mobilizaram as atenções de muitos jovens que passavam pelo pavilhão «Roteiro de Férias».

A presença da JCP e das organizações que a construiram (a UJC e a UEC) no plano internacional, em especial ao nível da cooperação com as organizações juvenis dos países socialistas e da solidariedade militante com a juventude que luta pela independência e a democracia nos respectivos países – foi também tema em foco num importante pavilhão da Cidade da Juventude, perto do qual se encontrava o dos estudantes comunistas portugueses nos países socialistas.

Numa discoteca, bem ao jeito da Festa e do convívio juvenil, houve música e entusiásticos momentos de dança, num ritmo vivo e bastante diferente daquele que animou os serões dançantes dos nossos avós...

O «twister» instalado na Cidade da Juventude não teve descanso nos três dias da Festa.



Cidade dos Pioneiros cidade do futuro...

Era ainda o início da Festa. O João Pedro, de 8 anos, apreciava com olhos críticos a Cidade dos Pioneiros, um gelado numa mão, uma bola na outra. E perante o seu ar atento, o olhar minucioso aqui e ali, perguntamos-lhe: "Então, gostas mais da Cidade dos Pioneiros este ano?" "Este ano tem coisas mais bonitas, mas gosto mais do ano passado. Era mais redondinha a Cidade dos Pioneiros."

Sábado já noite adiantada, toda a Festa acesa em luzes, cor e som, sob a circunferência negra dos pinhais e o traço luminoso da ponte, voltámos a encontrar o João Pedro. Num dos carrocéis que deleitaram as crianças — e fizeram alguns pais recorrer às suas reservas de paciência porque os miúdos não queriam arredar — lá estava ele, sentado numa galeche, manejando as rédeas de um cavalo branco, sonhando viagens, ao ritmo da magia do carrocel. "Então?! Como vai isso?" – dissemos em saudação. A resposta veio só na outra volta, quando o cavalo branco voltou a passar por nós. "Esta festa é muito mais bonita, muito 'mais boa' do que a do ano passado!"

Na realidade, a Organização dos Pioneiros de Portugal, com a experiência adquirida de festas anteriores, e sobretudo com uma criatividade mais solta, um conhecimento mais profundo do ser infância, fez da Cidade dos Pioneiros, um dos espaços mais completos, mais diversos, mais belos da Festa do "Avante!".

Através das Bancas Regionais e dos Bazares, as mostras do que é o trabalho criador dos Núcleos de Pioneiros, de como o trabalho manual é incentivado, de como é estimulado o amor à produção, de como sob a originalidade da arte infantil, a arte popular ganha uma outra dimensão. No parque infantil, nos carrocéis, no parque de diversões, a alegria autêntica à solta, as novas amizades florescendo entre uma brincadeira e outra. E depois os "ateliers": do nada, dos intrumentos musicais, do livro vivo, das máscaras. Máscaras — fantasias lúdicas através de matérias muito simples — que animariam o desfile dos Pioneiros no sábado à tarde até ao Palco II, onde o grande espectáculo para a infância, atraiu e mobilizou igualmente adultos, presos ao encanto do circo, das canções infantis do Barata Moura, dos números de diferentes núcleos.

E ainda o espaço do país — O Pioneiro ama Portugal — através de uma magnífica exposição sobre Camões onde alguns trabalhos revelavam tesouros de imaginação que colectiva e criativamente se expandem nos Pioneiros de Portugal. E ainda o espaço para a solidariedade internacional — O Pioneiro ama os Povos e as Crianças de todo o Mundo —, a campanha para com as crianças do Kampuchea, imagens de Pioneiros em diversos países do Mundo, imagens da infância feliz dos países socialistas — imagens da felicidade que há-de ser também pertença das crianças portuguesas, das crianças de todo o mundo.

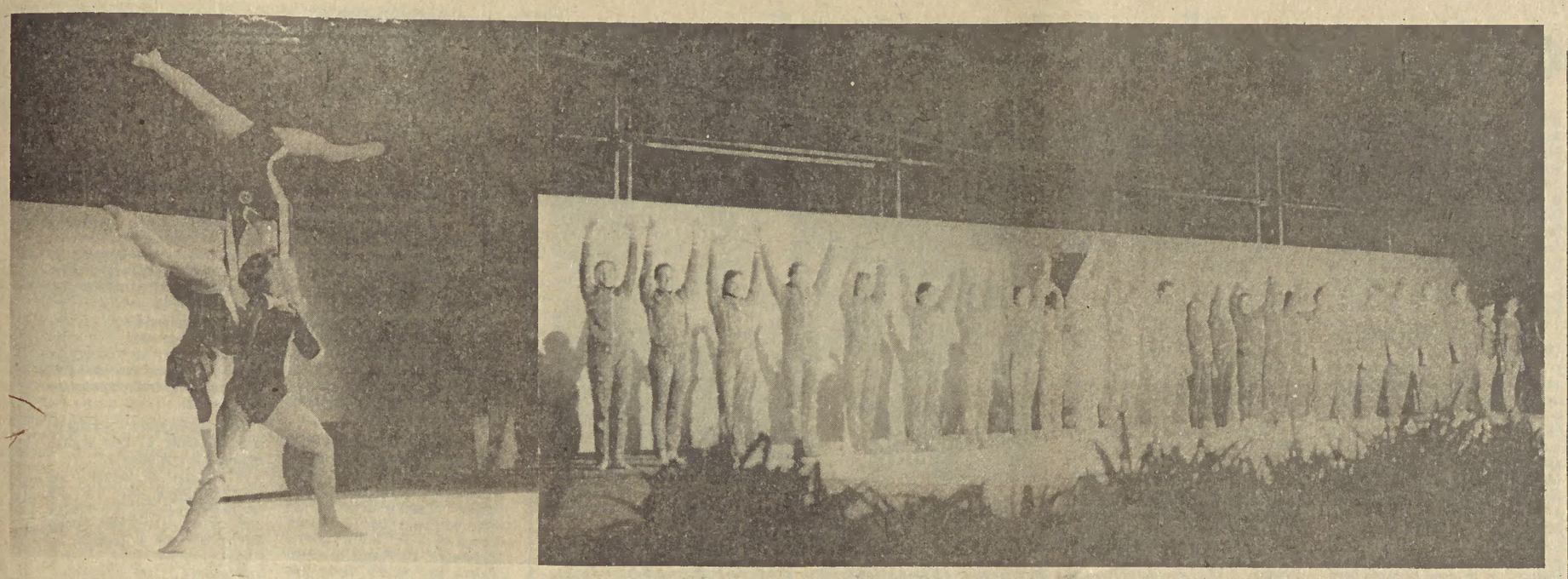
Houve também o espaço para o encontro entre os Pioneiros e os escritores e ilustradores de histórias infantis: Isabel Anjo, Carlos Pinhão, Teresa Dias Coelho, Maria Keil. As crianças disseram do que gostavam e não gostavam e, através das perguntas aos adultos presentes, ficaram sabendo bem mais, compreendendo melhor o que é escrever para elas e como infelizmente no nosso País, um escritor ou um ilustrador, por mais dotados, não podem viver unicamente do seu trabalho de criação.

Um adulto na Cidade das Crianças

Muitos foram os adultos constantemente presentes na Cidade dos Pioneiros. Entre o arvoredo muitos pais e outros familiares assentaram arraiais. Muitos outros, mesmo sem crianças, foram até à Cidade dos Pioneiros ver o que fazem e como fazem as crianças de Abril. Mas um adulto permaneceu sempre. Um adulto especial que trouxe consigo para a festa um pónei, duas cabras. E trouxe sobretudo uma exposição, feita por suas mãos, de antigos instrumentos do trabalho nos campos: as velhas charruas, o arado, as cangas das parelhas e muitos outros instrumentos do ofício de camponês. Chama-se Frederico Francisco Zagalo, natural de Veiros, Estremoz. Começou muito miúdo — como era uso e fatalidade em tempo de latifúndio — guardando gado. "O meu pai era seareiro. Tinha umas parelhas. Ensinava os filhos a guardar ovelhas. E depois íamo-nos empurrando uns aos outros. O mais velho saía para guardar gado por conta dos lavradores, ficavam os mais pequenos até que tudo ia para o agrário. Fui assim criado no campo a sofrer de dia e de noite. Até que veio a idade. Entretanto os lavradores foram vendendo o gado e eu que já me entretinha em tendo vagar a cortar a madeira e talhá-la com a navalha — está a ver, é esta — comecei mesmo a fazer disto um quase ofício. Comecei a talhar estas colecções de instrumentos de trabalho. Mas sinto-me quase desempregado. Sofri muito mas tenho saudades do trabalho no campo."

Frederico Francisco Zagalo, antigo pastor, é na Cidade dos Pioneiros a realidade de uma outra infância: a que trabalhava cedo e duro, a sofrida infância do tempo do latifúndio. As crianças que por ele passam e se detêm olhando a pequena carroça, as que chegaram a passear-se puxadas por cabras ou pelo pónei, não sabem da sua vida, é-lhes desconhecida "tanta tristeza" que habitava no nosso País — e há ainda résteas deste tempo. E ainda bem.

A Cidade dos Pioneiros prefigura um tempo futuro — em que mais não suceda assim: infância explorada, sobrevivência agreste, solidão, que nem o talhar na madeira, uma mostra de arte popular, desfaz.



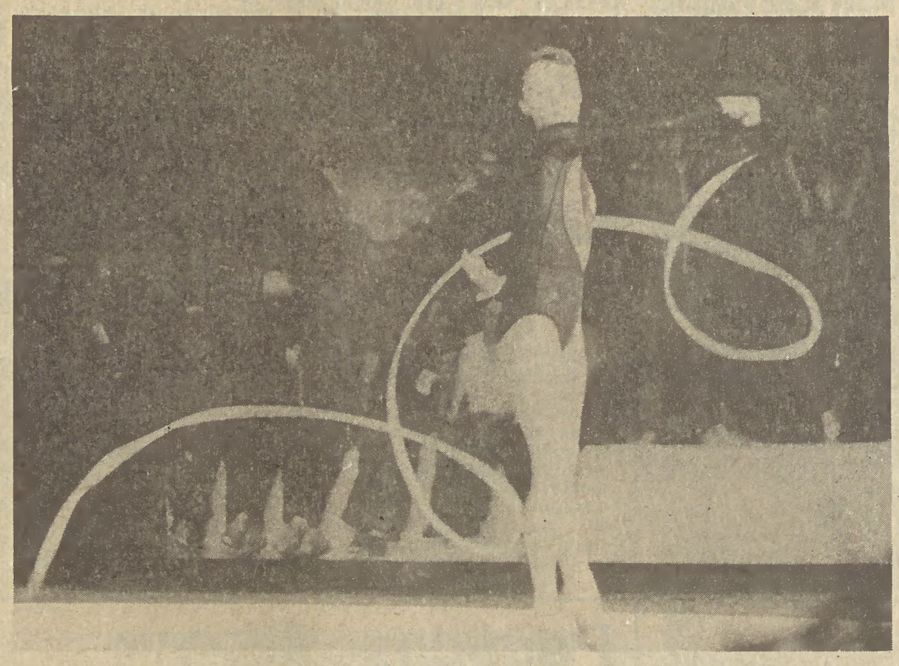
Festival de encerramento — um fim condigno

A encerrar três dias de festa desportiva na Festa do «Avante!», o polivalente da Cidade do Desporto foi cenário de um belo festival com os atletas estrangeiros e alguns portugueses, em duas horas seguidas de movimento, harmonia e cor, que reuniram um público entusiasta que de princípio a fim não deixou de aplaudir as diversas demonstrações.

O festival iniciou-se por volta das 20 e 30 e terminou às 22 e 30, já com as luzes do polivalente acesas.

A URSS apresentou variados números de ginástica rítmica, desportiva e acrobática. Actuaram também ginastas da RDA (desportiva), Bulgária (rítmica) e Portugal (rítmica e desportiva), além de quatro halterofilistas da Polónia, dois lutadores búlgaros e seis de Portugal.

As ginastas portuguesas que actuaram no Festival pertencem a classes de diversas colectividades populares.



No palco 1

O desporto foi também atracção na principal tribuna da Festa: o palco 1. Na noite de sexta-feira ali decorreu uma animada sessão de ginástica de alto nível com as delegações estrangeiras. No sábado, entre as 11 e as 13 e 30, realizaram-se naquele palco demonstrações de luta com atletas búlgaros e portugueses, além de números variados de ginástica, executados pelas equipas da URSS, RDA, Bulgária e também por algumas ginastas portuguesas pertencentes a colectividades populares. Especial efeito tiveram, sem dúvida, os exercícios de acrobacia e os de ginástica rítmica e desportiva.

O público, tanto na noite de sexta-feira, como na quente manhã de sábado, dispensou calorosas ovações aos desportistas.

Halterofilia: Expectativa e entusiasmo no Portugal-Polónia

No sábado, da parte da manhã, a halterofilia foi sensação no Auditório A da Festa. Ali se realizou um breve encontro internacional **Polónia-Portugal**, que teve dois momentos de grande entusiasmo e expectativa: a tentativa para bater um *record* polaco; e um levantamento *record* por Jorge Soares, que no entanto seria anulado uma vez que o atleta, embora levemente, tocou com um joelho no chão.

A Polónia — uma grande potência na modalidade, conforme o encontro evidenciou — venceu, mas os halterofilistas portugueses evidenciaram um confiante trabalho de aperfeiçoamento, para o qual terá sido sem dúvida positivo o contacto com os atletas polacos.

Acompanharam o encontro três árbitros portugueses, dois deles de categoria internacional.

«Avante com Sesimbra de Abril» venceu o Torneio de Futebol

A equipa representante da Organização Regional de Setúbal, «Avante com Sesimbra de Abril», foi a vencedora do torneio de futebol de salão, ponto saliente do programa desportivo da Festa.

No jogo final, assistido por numeroso público e dirigido pelo árbitro Vítor Lopo, o «team» sesimbrense derrotou a equipa representante do distrito de Lisboa, a EPI (Empresa Progresso Industrial), por 5-0.

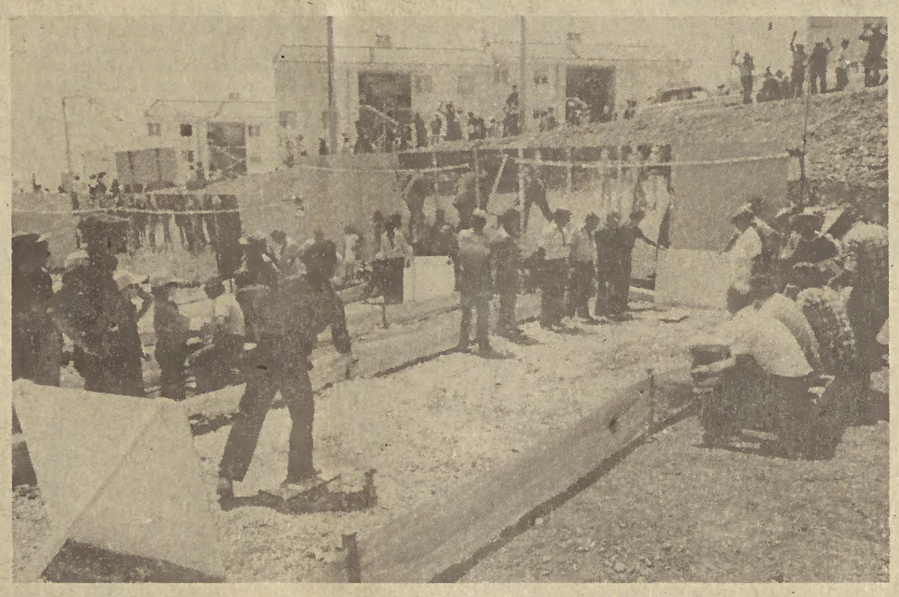
O primeiro jogo do torneio disputou-se na sexta-feira e pôs frente-a-frente as equipas do Alentejo («Abril Vencerá», de Estremoz) e do distrito de Santarém (Centro Desportivo do Cartaxo). Apitou Rui Antunes. Vitória do «cinco» escalabitano por 4-0.

Nos restantes encontros registaram-se os seguintes resultados.

«Barcelos Vermelho» (Minho) perdeu com «Avante com Sesimbra de Abril» por 0-5 (árbitro: Artur Naia); «Activos de Pigeiros» (Beira Litoral) foram derrotados por 6-2 pela equipa de Lisboa (apitou Vítor Lopo); «Bairro dos Anjos» (Leiria) venceu por 4-0 o «team» representante do distrito do Porto («Os Canetas»), com arbitragem de João Boaventura; os «CUBS» (Beira Interior) levaram de vencida a equipa representante da Emigração (Suécia) por 11-1; o «team» da Beira Interior venceu a de Leiria por falta de comparência, mas perdeu depois com a equipa de Setúbal por 7-2 (apitou João Braz), que viria a triunfar no encontro final com o «cinco» de Lisboa.

Foram entregues taças a estas duas equipas e medalhas e galhardetes a todos os participantes no torneio.

A nível nacional, nas fases de apuramento, estiveram presentes mais de 500 equipas.



Cerca de 150 jogadores nas provas de chinquilho

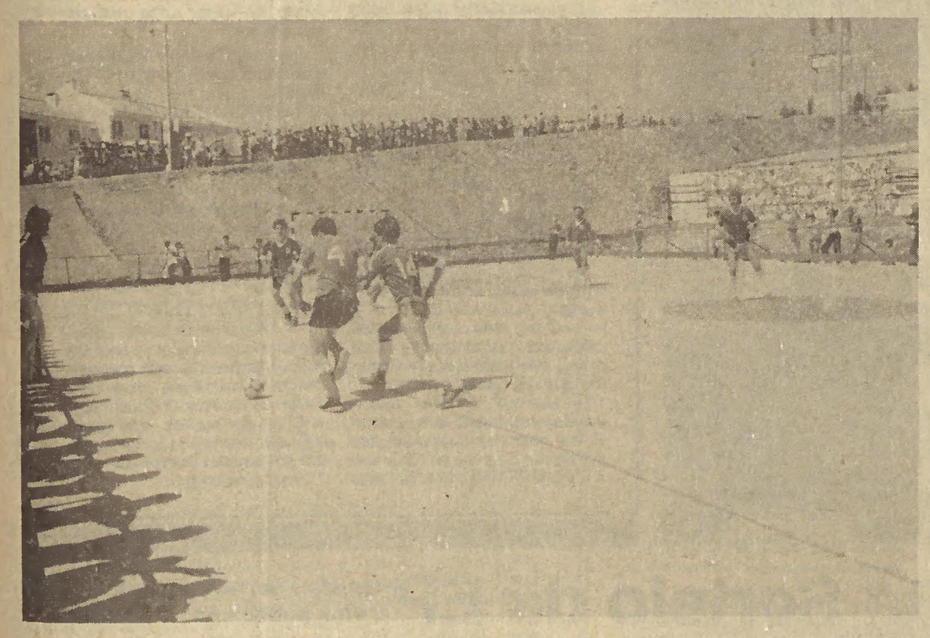
O chinquilho, com provas de malha grande e malha pequena, também mobilizou o interesse e em certos casos a curiosidade de muitos camaradas e amigos ao longo da Festa.

Na malha grande participaram 10 equipas: Pinheirinho A e Pinheirinho B (Chameca da Caparica), Zambujalense, Amigos do Chinquilho (Setúbal), Pombalense (Almada), Chinquilho Junqueirense (Lisboa), Santa Eulália (Vila Franca de Xira), Futebol Clube Jardiense (Montijo), Chinquilho Lavradiense e Os Parras (Monte da Caparica).

Nas meias-finais defrontaram-se Pinheirinho A-Pombalense (campo 1) e Pinheirinho B-Os Parras (campo 2). As duas formações da Charneca da Caparica conseguiram chegar à final, ficando no 1.º lugar do torneio o Pinheirinho A e no 2.º o B.

Entretanto, as provas de chinquilho-malha pequena foram disputadas por 8 equipas: 4 no grupo A e outras 4 no grupo B. Tanto num como noutro, venceu o «1.º de Janeiro», do Barreiro.

Como salientou à nossa reportagem o camarada Matos Gago, que foi o responsável pelo desenrolar das provas, os jogadores (cerca de 150 no total) asseguraram um bom nível de participação, num ambiente de amizade e camaradagem, esperando-se para o próximo ano um reforço da presença do chinquilho e da malha na Festa do «Avante!».



Andebol, basquetebol para deficientes e futebol feminino marcaram presença

● Homenagem ao andebolista Brito

No segundo dia da Festa, no recinto polivalente da Cidade do Desporto, muitos dos visitantes acompanharam com entusiasmo dois jogos de andebol. O primeiro (masculino) reuniu a equipa "Panteras Côr-de-Rosa", vencedora de um torneio preparatório da Festa em Almada, e uma selecção de Lisboa que integrava jogadores de várias equipas, encontrando-se entre estes os conhecidos andebolistas Brito (Sporting), Florêncio (Belenenses) e Armindo (Benfica).

O jogo, apitado por Nuno Pinho e Joaquim Mateus, terminou com um empate a 22 golos.

Após o encontro, numa homenagem simples mas significativa, foi entregue a Manuel Brito, jogador internacional e figura prestigiada do andebol português, uma placa oferecida por "um grupo de andebolistas afectos ao PCP".

O outro jogo pôs frente a frente duas equipas femininas, constituídas por algumas jogadoras internacionais do Almada e de clubes de empresas (como a Rodoviária Nacional), organizações populares e núcleos desportivos, além de jovens estudantes.

Ainda no polivalente da Cidade do Desporto decorreram demonstrações de outras duas modalidades: basquetebol praticado por deficientes (região de Lisboa) e futebol feminino com um "team" da Marinha Grande e outro dos CTT (Lisboa), tendo o resultado final sido favorável à primeira equipa por 2-1.

A todos os participantes nos jogos de demonstração, de que aqui demos uma breve panorâmica, foram distribuídas recordações da Festa desportiva da Festa do "Avante!"

A Festa do Desporto

PELA terceira vez consecutiva, o desporto, através de diversas iniciativas e expressões, assumiu presença destacada no grande convívio popular do Alto da Ajuda, centralizando este ano as suas actividades na Cidade do Desporto, uma velha ideia que foi realidade nesta 5.ª edição da Festa do «Avante!».

Abrangendo uma área significativa (correspondente a um campo de futebol), em que os visitantes – e muitos foram os que de forma espontânea deram um «perninha» com alguns amigos – encontravam, nomeadamente, um recinto polivalente, dois campos para o chinquilho, uma zona de exposições (em que a Olimpíada-80 foi tema saliente) e outra de vendas (bebidas, camisolas com o lema «Desporto Direito do Povo», etc.) e o pavilhão conjunto xadrez/damas, a Cidade do Desporto da Festa do «Avante!» foi sem dúvida o reflexo do impacto e da importância que o trabalho relacionado com a cultura física e o desporto vai adquirindo na actividade das organizações do Partido, num exemplo firme de incentivo à dinâmica popular neste sector.

E não estamos a exagerar se dissermos que, de facto, a Cidade do Desporto e o programa desportivo em geral foram uma autêntica Festa dentre da Festa do «Avante!». Mais: apesar do intenso calor que se fez sentir nos três dias e que prejudicou naturalmente a maior parte das iniciativas (estamo-nos a recordar, por exemplo, dos jogos no recinto polivalente entre as 11 horas e o fim da tarde) e, por outro lado, de alguns imprevistos de última hora, a verdade é que a participação desportiva deste ano no âmbito da maior Festa do Portugal de Abril foi assinalada por um salto qualitativo de realce. De sublinhar, a propósito, o espírito de iniciativa, a dedicação e o esforço de vários camaradas, e neste capítulo é justo referir a excelente colaboração de camaradas de Almada e da organização Regional de Setúbal em geral.

Incluindo a III edição da Corrida e Marcha da Saúde e da Alegria, realizada no dia 29 de Junho, junto à Torre de Belém, em Lisboa, foram quase mil os participantes no programa desportivo da Festa do «Avante!»1980, e isto sem contar com as diversas iniciativas e fases preparatórias dos torneios realizados nos últimos meses pelas Organizações Regionais. Números que falam por si...

Lutykov (URSS) e Forintos (Hungria) à frente no Torneio de xadrez

A par de alguns especialistas portugueses, os grandes mestres A. Lutykov, da URSS, e G. Forintos, da Hungria, foram os animadores das provas de xadrez na Cidade do Desporto.

No torneio internacional, que se realizou no sábado e no domingo, em cinco sessões, participaram 22 jogadores: os xadrezistas estrangeiros, alguns convidados especiais e os apurados nos torneios efectuados a nível das organizações regionais.

No final apuraram-se as seguintes classificações: **1.º**, A. Lutykov (4,5); **2.º**, G. Forintos (4,0); **3.º**, João Nunes, individual (4,0); **4.º**, Rui Silva Pereira, Sporting (3,5); **5.º**, Vasco Santos, Benfica (3,5).

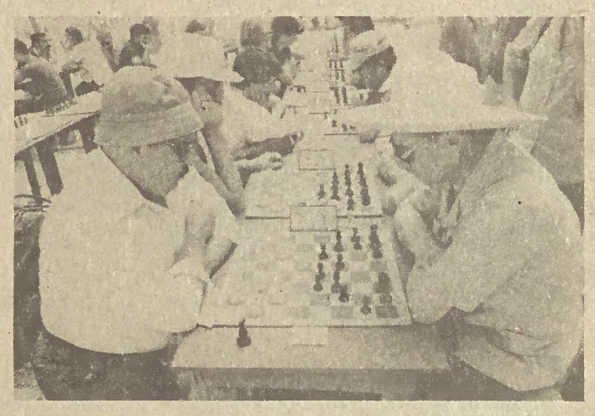
Entretanto, na sexta-feira à noite, Rui Silva Pereira realizou uma simultânea com 13 jogadores, empatando uma partida e ganhando o resto, e Lutykov participou noutra simultânea com 25 tabuleiros, que decorreu em apenas hora e meia. O grande mestre soviético empatou uma partida (com José Pinheiro) e perdeu outra (António L. Ferreira), tendo vencido no resto dos tabuleiros.

No sábado efectuaram-se outras duas simultâneas: Lutykov jogou com 20 xadrezistas, tendo empatado três partidas (com Vasco Gonçalves, do F.C. Lisboa, Joaquim Pereira, individual e Manuel Valadares, Clube Alekine); e Forintos jogou em 25 tabuleiros, perdendo um (Mezio Sanches, de Setúbal) e empatando dois (Plácido de Sousa, Sporting, e João Leonardo, individual).

No domingo, o pavilhão de xadrez acolheu ainda mais três simultâneas. Assim, Lutikov empatou três partidas em 20 tabuleiros (Hugo Moreira e João Marques, ambos do Belenenses, e Luís Marino, individual;) Forintos perdeu um (Correia Lopes, do clube Alekine) também em 20 tabuleiros; e Fernando Silva, figura de destaque nos meios xadrezísticos nacionais, venceu os seus 22 opositores.

No sábado à tarde, os grandes mestres estrangeiros deslocaram-se ao local onde decorreu a final da Taça de Portugal (Benfica-Sporting) em Xadrez, tendo estabelecido vivo diálogo com alguns dos melhores especialistas nacionais.

No pavilhão de xadrez da Cidade do Desporto, visitantes de diversas idades tiveram oportunidade de jogar as partidas que entenderam, já que ali estiveram ao seu dispor vários tabuleiros, por iniciativa da organização, onde mais uma vez fomos encontrar o camarada João Reis, que salientou à nossa reportagem o interesse dos xadrezistas portugueses em contactar sempre que possível jogadores de nomeada no plano internacional, como foi agora o caso dos grandes mestres Lutykov e Forintos.



Torneio de damas: Medalha da Silva volta a vencer

Oriundos de vários pontos do País, como por exemplo da Guarda, Covilhã, Viana do Castelo, Porto, Peniche, Pinhal Novo, Setúbal, Barreiro e Almada, 52 jogadores disputaram em seis eliminatórias o torneio de damas da Festa do «Avante!», concluindo assim uma iniciativa nacional que movimentou ao todo mais de duas centenas de damistas.

Hermínio Medalha da Silva, à semelhança do ano passado, foi o vencedor do torneio, defrontando na derradeira «etapa» Jacinto Ferro (2.º classificado). Para encontrar o vencedor foi necessário realizar dois jogos após as quatro partidas previstas no Regulamento. Esta «finalíssima», que terminou com 1-0, foi bem disputada e teve abertura sorteada com relógio, como nos sublinhou Diniz Vaz, antigo campeão de damas de Almada, responsável pela secção da modalidade no jornal «o diário» e que na Cidade do Desporto do Alto da Ajuda foi, como no ano passado, o camarada que assegurou um excelente trabalho de organização do torneio da Festa.

Em terceiro lugar ficou Vítor Dias e em quarto José Silva Pereira. Como nota de curiosidade, é de referir que no primeiro dia das provas o sorteio pôs frente a frente Medalha da Silva e o actual campeão de Almada, Artur Carvalho Gomes.

Além de medalhas aos finalistas, foram entregues galhardetes alusivos à Festa a todos os participantes no torneio, que se disputou num pavilhão conjunto xadrez/damas.

O maior espectáculo

Um "show" de alta qualidade apresentado por Chico Buarque, Simone, Edu Lobo e MPB 4 (acompanhados por músicos de excepcional craveira), a presença da canção de intervenção de Soledad Bravo e Maria Farantouri, o reencontro com a sonoridade da música "folk" norte-americana dos anos sessenta com Tom Paxton, um autêntico festival de jazz tradicional trazido por 4 grupos de países socialistas, a voz e o virtuosismo da soviética Larissa Kandalowa, o impacto das actuações dos grupos Merengue, de Angola, e 5-U-4, de Cuba, a actuação do grupo de mineiros da RDA, ao lado do desfile dos maiores nomes da música portuguesa, transformaram os cinquenta espectáculos realizados no âmbito da Festa do "Avante!" num acontecimento inesquecível e de um nível artístico dificilmente atingido no nosso país, tudo isto aliado ao facto de ter como moldura humana sempre entusiástica, uma plateia que, nos pontos altos, chegou a ultrapassar as 150 mil pessoas.

O encerramento do programa de espectáculos da Festa deste ano foi um dos mais emocionantes momentos vividos certamente por artistas e público: quando Chico Buarque se retirou do palco, acompanhado pelo cineasta Ruy Guerra (que dirigiu o "show" dos artistas brasileiros), por Simone, por Edu Lobo, por Rui, Miltinho, Aquiles e Magro, do MPB 4, e ainda pelos músicos Novelli, Nelson Ayres, Firmino Ricardo, Elsio, Luís e Zé Carlos, a emoção e o entusiasmo atingiram o rubro: mais de uma centena de milhares de vozes exigiam a Chico e seus companheiros mais uma canção. Era já a segunda vez que regressavam dos bastidores ao palco, reclamados insistentemente.

O "show" dos artistas brasileiros, meticulosamente preparado com intensos ensaios realizados tanto no Brasil, como já em Portugal – sob a direcção de Ruy Guerra – tinha-se iniciado com um instrumental a cargo dos 6 músicos que acompanharam durante quase duas horas todos os artistas brasileiros. Depois, as vozes de Rui, Miltinho, Magro e Aquiles, cantando o conhecido "Vira Virou" deram início à apresentação do MPB 4: era a emoção da apoteose final que se começava a instalar no vasto recinto do Palco 1, sem um único lugar disponível. Ao MPB 4 sucedeu-se Edu Lobo, entusiasticamente aplaudido no final da sua primeira canção: "Upa Neguinho". O mesmo, aliás, viria a acontecer com Simone, a ex-vice campeã do mundo de basquetebol e que é hoje uma das principais intérpretes da música popular brasileira: assim que acabou de cantar "Que Será", milhares de braços ergueram-se no ar, porque o espaço era nenhum para as palmas que o público lhe queria tributar.

Veio, então, o grande momento: Chico entrou no palco e iniciou a sua actuação. E foram ouvidos atentos e olhos crescentemente comovidos que foram ouvindo e vendo Chico Buarque de Hollanda, ora sozinho com os músicos, ora acompanhado pelo MPB 4, cantar "Homenagem ao Malandro", "Morena de Angola" (feita já depois da sua deslocação à RP de Angola), "Linha de Montagem" (dedicada à greve dos metalúrgicos de S. Paulo), "Roda Viva", "Construção/Deus lhe Pague" e a sua homenagem à nossa revolução – "Tanto Mar".

A partir desta altura, tudo ficou incontrolável pela emoção que tomava conta da multidão: Edu, Simone e o MPB 4 regressaram ao palco e com Chico homenagearam Vinícius de Moraes cantando "Se Todos Fossem Iguais a Você". As lágrimas que toldavam os olhos de muitos dos assistentes "pegavam-se" também aos intérpretes.

E estes anunciavam o que ninguém queria aceitar: o fim da sua actuação. Mas, respondendo aos apelos, melhor dizendo à exigência de mais de cento e cinquenta mil pessoas, ainda cantavam "O Cio da Terra", uma composição que fala dos camponeses e de trigo. Era a despedida, que no entanto se adiava por mais alguns minutos: os suficientes para cantar "Cálice" e para, depois, todos os artistas presentes nos bastidores, cantarem de mãos nos ombros "Grândola Vila Morena", acompanhados por um gigantesco coro de dezenas de milhares de vozes.

O espectáculo de encerramento, entretanto, foi o culminar de dezenas de horas de espectáculos, pequenos e grandes, animados por centenas de artistas portugueses, incluindo os nomes mais conhecidos da nossa música ligeira e de intervenção.

Com o trabalho, a alegria e a qualidade de todos eles se construíu também o êxito da Festa. Nos grandes palcos ou nos mais recônditos, eles lá estiveram sempre, transmitindo através das palavras e do som a sua arte e o seu entusiasmo, conquistando a multidão – dando corpo, enfim, ao maior espectáculo musical e artístico jamais realizado em Portugal.

● Na pág.12: alguns dos artistas da Festa.

«Nunca tínhamos cantado para tanta gente!»

Foi para nós extremamente emocionante ter participado na vossa Festa. Nunca tínhamos cantado para tanta gente, tanta gente unida por um sentimento comum e tão bonito – foram estas as significativas palavras com que Chico Buarque se despediu do "Avante!", já na manhã de segunda-feira, no aeroporto de Lisboa, na hora da sua partida.

Para as mais de cento e cinquenta mil pessoas que stiveram na Ajuda a ouvir o abraço de solidariedade dos artistas brasileiros ao povo português em forma de canção foi também emocionante ter tido a oportunidade de apreciar, a elevada craveira artística, o alto grau de profissionalismo e o empenhamento cultural dos artistas brasileiros. Por isso, em resposta, na despedida, lhe dissemos: **obrigado por teres vindo à nossa festa, pá!**

A carrinha da TV

TERMINAVA o espectáculo do Palco 1 na tarde de sábado. A múltidão saía lentamente. José Afonso, com um coro que nunca teve, acabava de entoar a Grândola com os outros artistas que actuaram nessa tarde. O ambiente não era propício a um símbolo tão preciso da Televisão de hoje como o que estacionava à saída do recinto na forma de uma carrinha amarela com dois funcionários no banco da frente.

O protesto foi pronto, mas restrito. Alguém dobrou e ergueu o programa da Festa e bateu com ele duas vezes no "capot". À altura da janela, fez uma pergunta que era uma acusação. Não pela "cobertura" da Festa, que não pudera ver na TV, mas que muito bem imaginava. O protesto, que saíu espontâneo e curto, era afinal (e como tal se sentia na multidão compacta) não contra a presença da Televisão, mas contra o que a Televisão costuma fazer das presenças fugidias que transmite, quando transmite, das grandes manifestações de massas e de acontecimentos nacionais como a Festa do "Avante!"

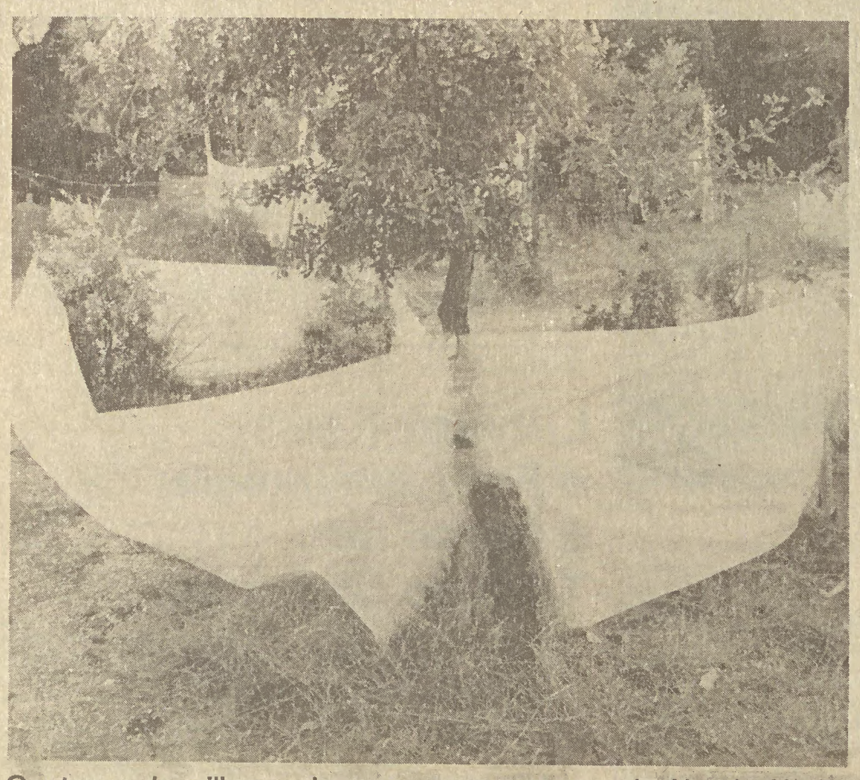
Um dos funcionários da TV saíu imediatamente da viatura. O outro, com um sorriso contrafeito, ou comprometido, ficou.

Mas o caso não era, evidentemente, com eles, nem com a carrinha da TV. Não houve mossas, nem incidentes. Houve apenas um protesto que ficou por aí.

Mas a pergunta – acusação era legítima. O que estava aquele carro a fazer ali?

A TV que aí temos e se prepara para pior não dá respostas a perguntas dessas com os meios que tem. Pouco lhe interessa a beleza ou o significado da Festa. Os seus interesses – os interesses, acentue-se, dos que nela mandam – não se conjugam, nem se tocam em ponto nenhum com os interesses e os anseios do povo trabalhador que faz da Festa um acontecimento nacional.

Por que iria então a TV tratar como tal a Festa do "Avante!"?



Centenas de milhares de pessoas passaram pelo Alto da Ajuda. Em todas elas, a compreensão e a correspondência justa aos cuidados desde sempre manifestados em preservar a beleza natural do terreno, nomeadamente quanto à protecção à vegetação. A este respeito, a foto dispensa quaisquer comentários...

Um caso exemplar de confiança no Partido

Não é fácil a vida dos pastores da Serra da Estrela, palmilhando quilómetros e quilómetros para alimentar o gado, tendo por única companhia os animais e a beleza agreste da serra, vivendo sempre na incerteza do dia de amanhã. Ganhando mal, vivendo mal...

Dessa vida falaram os pastores do Grupo Folclórico de S. Romão durante a sua actuação na Festa do «Avante!» onde vieram como amigos que são dos comunistas. Disseram das agruras das suas vidas, entre uma canção e outra lá da Serra — que nunca é demais dar a conhecer o muito que há a fazer para que todos tenham direito a uma vida digna.

A maneira simples e sincera com que falaram esclareceu e comoveu o público que os ouvia no Auditório A, que num gesto de espontânea solidariedade fez uma colecta em dinheiro que entregou aos pastores, num gesto simbólico do seu apoio à luta por uma vida melhor.

Mas essa luta, que tem de ser de todos, tem no PCP o seu expoente máximo. Assim o entenderam os pastores de São Romão, que decidiram entregar a dádiva do público à organização da Festa, ao Partido.

Um caso exemplar de confiança!

Perdidos e achados

Como já vem sendo hábito, muitos são os objectos perdidos e achados no decorrer da Festa do "Avante!", que camaradas e amigos fazem chegar à organização do Partido.

Para facilitar a procura desses objectos e evitar a sua dispersão pelos vários Centros de Trabalho, informam-se todos os interessados — os que encontraram e os que perderam coisas — que a secção de "perdidos e achados" funciona no Centro de Trabalho Vitória, na Avenida da Liberdade, em Lisboa.

Eficiente estrutura de assistência médica

O intenso calor que se fez sentir durante os três dias da Festa causou, naturalmente, incómodos a muita gente, e muitos houve que foram obrigados a receber assistência.

Aliás, as estruturas estavam montadas para todas as eventualidades. Manteve-se em serviço permanente um pequeno hospital que, no total, incluindo médicos e enfermeiros, envolveu cerca de 150 camaradas e amigos, tendo prestado assistência a cerca de 3 mil pessoas.

Por outro lado, os serviços de socorros eficientemente montados pelos Bombeiros Voluntários de Campo de Ourique, com postos fixos e ambulâncias, tiveram igualmente grande procura. As ambulâncias atenderam ou transportaram para o hospital da Festa perto de 600 pessoas, enquanto perto de 2 mil foram assistidas nos postos fixos.

A RTP e a Festa

1. Ao ilustrar as suas referências ao comício da Festa do "Avante!" apenas com *slides*, a RTP fez ontem no Telejornal das 20 horas uma nova demonstração sobre até onde pode ir a sua orientação sectária e discriminatória em relação ao PCP.

2. Negando a milhões de portugueses a possibilidade de verem as imagens daquele grande comício do PCP, os responsáveis da RTP comprovam inteiramente que o seu enfeudamento em relação à "AD" assume proporções de tal modo vastas que perante ele até a normal cobertura de acontecimentos políticos de indiscutível relevo é sacrificada.

3. A opinião pública nacional não deixará de constatar que a RTP anda sempre ocupadíssima com reportagens das digressões de propaganda eleitoral da "AD" feitas à custa dos dinheiros públicos e a pretexto de deslocações oficiais; que a RTP se esfalfa laboriosamente para fixar em filme cada penoso momento da difícil campanha de promoção de Soares Carneiro, mas que, em contrapartida, o comício da Festa do "Avante!" não mereceu, segundo os critérios da RTP, a deslocação de uma equipa de reportagem.

4. Sabendo que, em eleições realizadas em condições de seriedade, será seguramente derrotada, a "AD" e os seus homens-de-mão na informação estatizada intensificam os processos de manipulação da opinião pública e as discriminações contra as forças democráticas, aproximando-se de métodos de verdadeiro gangsterismo político.

Mas actos de tão grosseira e insolente discriminação política como o que a RTP acaba de praticar em relação a um grande e importante comício do PCP, acabarão por se voltar contra os seus próprios autores, acabarão por fazer um número cada vez maior de portugueses partilharem da justa convicção de que o Governo Sá Carneiro não reúne de facto condições para garantir a realização de eleições sérias e livres.

A vontade e a determinação democrática do povo português acabarão por derrotar as manobras da "AD" para se manter ilegítima e fraudulentamente no poder.

Lisboa, 15 de Julho de 1980

A Secção de Informação e Propaganda do Partido Comunista Português

«Não compro a candongueiros!»

*— Acredita no que te estou a dizer, homem! Esta coisa é uma EP, quer dizer **Entrada Permanente** e portanto não há problemas!*

*— Entrada permanente? — respingava o outro volteando o bilhete com feroz apreensão, rosto couraçado, absolutamente impermeável a explicações. — Mas o que é isso de **entrada permanente?** Eu quero é um bilhete desses com que se pode entrar e sair à vontade...*

— Mas é isso mesmo, c'um raio! Bolas, que és desconfiado até à quinta casa! Então julgas que as pessoas ali na bilheteira te iam enganar?! Já não compraste bilhete àquele ali atrás e agora...

— Não compro bilhetes a candongueiros!

— A candongueiros...?! — gritou o outro, sufocado. — Eh pá (vira-se para o terceiro elemento do grupo), já viste este gajo?

— Julga que isto aqui é a Luz — gargalhou o terceiro jovem.

Mas o nosso homem insiste:

— A candongueiros, pois!!! Julgas que enfio barretes a cento e quarenta paus?

— Ó pá, mas o tipo ali atrás pertencia à organização desta coisa, não viste o saco vermelho que ele trazia, e tudo?

— Sacos? Ó filho, sacos também eu tenho lá em casa! E eu quero é saber se isto é válido e dá para entrar e sair à vontade! Pago o que for, mas quero um bilhete desses!

Entrámos na conversa. Após laborioso diálogo assentou-se que "aquilo" era mesmo uma EP, um dos tais bilhetes válidos para todos os dias da Festa, com entradas e saídas à discrição. Assentou-se igualmente que não podia haver bilhetes falsos nem candongueiros na Festa do "Avante!" porque os bilhetes estavam todos entregues à própria organização, ostentando preço fixo e bem visível. Mas quando tudo parecia já apaziguado, o desconfiado jovem volta-se, fulminante, coruscando no fundo do olhar uma malícia arrasadora:

— Afinal, quem é você, que está para aqui a saber tanto disto?

Identificámo-nos. De imediato o esforçado amigo do desconfiado jovem dá-lhe uma palmada triunfal, atirando-lhe em rosto:

— É do "Avante!", 'tás a ver? Ainda vais desconfiar, ó parvalhão?

Olhou-nos com curiosidade, devolveu o "parvalhão" ao companheiro e rematou:

— Você desculpe, mas a gente nunca sabe... olhe que eu até tenho um certo respeito pelos comunistas, mas não posso com os candongueiros...

E lá foram os três para a Festa, acenando jovialmente um adeus sem fronteiras.

Nem candongas.

A Festa terminou no domingo, mas o trabalho continua pela semana fora. A Festa não foi só prazer. Milhares de horas de trabalho voluntário tornaram possível uma realização como sempre sem paralelo no nosso País. Mas agora é preciso desmontar com cuidado, limpar o terreno, guardar os materiais, enfim tornar mais fácil o trabalho e a Festa do ano que vem.

3.º Sorteio da EP

realizou-se, no passado dia 13. E aqui publicamos o resultado:

1.º Prémio	— Viagem à URSS para 2 pessoas	no valor de	100 000$00 — 011152
2.º	— Frigorífico de 180 litros	" " "	15 000$00 — 139785
3.º	— Aparelho de TV	" " "	10 000$00 — 056381
4.º	— Grelhador de frangos	" "	5 000$00 — 130572
5.º	— Fogão de 2 bicos c/ forno	" "	4 800$00 — 154361
6.º	— Saco de dormir	" "	1 715$00 — 020204
7.º	— Saco de dormir	" "	1 715$00 — 191280
8.º	— Grelhador eléctrico	" "	1 500$00 — 018016
9.º	— Panela de pressão	" "	1 000$00 — 018231
10.º	— Fiambreira	" "	900$00 — 136368
11.º	— Livros CDL	" "	1 000$00 — 104780
12.º	— " "	" "	1 000$00 — 173894
13.º	— " "	" "	1 000$00 — 120926
14.º	— " "	" "	1 000$00 — 133172
15.º	— " "	" "	1 000$00 — 133180
16.º	— " "	" "	500$00 — 121494
17.º	— " "	" "	500$00 — 103994
18.º	— " "	" "	500$00 — 121657
19.º	— " "	" "	500$00 — 007986
20.º	— " "	" "	500$00 — 169026
21.º	— Assin. da rev. "Vida Soviética"	" "	120$00 — 051348
22.º	— " " " " "	" "	120$00 — 206923
23.º	— " " " " "	" "	120$00 — 135975
24.º	— " " " " "	" "	120$00 — 091458
25.º	— " " " " "	" "	120$00 — 078848

Semana

9
Quarta-feira

1944 – Massacre de operários em San Pedro Sula, nas Honduras, nas plantações da multinacional norte-americana da "United Fruit".

Vinicius de Morais

Em entrevista publicada pelo jornal norte-americano "Washington Post", o ministro dos NE vietnamita, Nguyen Co Tach, afirma que os dirigentes de Pequim levaram mais três divisões de infantaria para a fronteira com o Vietnam, com o objectivo de prosseguirem as agressões armadas contra este país ■ Morre no Rio de Janeiro, com 66 anos de idade, o compositor e poeta brasileiro Vinícius de Morais, vítima de um edema pulmonar ■ Um porta-voz do Ministério dos NE brasileiro, Bernardo Percias, afirma que o governo do Brasil é contrário à criação de um pacto militar no Atlântico Sul ■ A polícia racista sul-africana lança uma nova ofensiva contra os estudantes das escolas secundárias que continuam a boicotar as aulas como forma de protesto contra o sistema de "apartheid" existente no ensino ■ Uma onda sísmica atinge a parte oriental da Grécia, causando pelo menos um morto e 17 ferido, além de grandes danos materiais ■ A embaixada da França em Santiago do Chile é ocupada temporariamente por um grupo de estudantes universitários chilenos para protestarem contra a repressão exercida pelo governo fascista de Pinochet ■ O jornal soviético "Pravda" revela uma série de factos acerca do apoio que os governos do Paquistão e de outros países prestam às forças que combatem o governo da República Democrática do Afeganistão, e levanta novamente a questão da necessidade de uma solução política para a situação existente naquela zona.

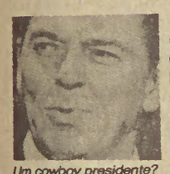
10
Quinta-feira

1973 – Independência das Bahamas.

O presidente Bani-Sadr e o Chefe da Força Aérea iraniana anunciam o esmagamento de uma tentativa de golpe de Estado envolvendo planos para atacar à bomba a casa do "ayatollah" Khomeiny e outros locais-chave de Teerão e da cidade santa de Qom ■ A União Soviética propõe, em Viena, retirar 20 000 dos seus soldados da Europa Central, se os EUA reduzirem em 13 000 as suas forças na área ■ Considerando que o Ocidente deve continuar a dialogar com a URSS, o presidente francês Giscard d'Estaing e da RFA, Helmut Schmidt, iniciam conversações em Bonn sobre os próximos passos na sua posição comum de diálogo com a União Soviética ■ As autoridades militares brasileiras recusam ao dirigente sindical Luís Inácio da Silva ("Lula") passaporte para a Nicarágua, onde deveria participar nas comemorações do primeiro aniversário da revolução sandinista.

11
Sexta-feira

1954 – O ditador fascista Alfredo Strossner sobe ao poder no Paraguai através de um golpe de Estado.



Um cowboy presidente?

O governo do Kamputchea anuncia que está disposto a negociar com a Tailândia, sem condições prévias, sobre problemas bilaterais ■ O chanceler Helmut Schmidt manifesta o seu apoio à proposta de Giscard d'Estaing sobre uma política europeia comum, durante uma conferência de imprensa conjunta realizada antes do regresso do presidente francês ao seu país, após uma visita oficial à RFA ■ A polícia racista sul-africana faz centenas de prisões e ataca com granadas de gás lacrimogéneo e bastões operários e estudantes que se concentravam em quatro bairros negros, em protesto contra o "apartheid" ■ No último dia da sua visita ao Brasil, o papa João Paulo II recebe uma comissão de chefes índios, que lhe entregaram um documento denunciando o massacre sistemático dos índios no "maior país católico do mundo" ■ Nos EUA o Partido Republicano inicia os preparativos para a sua convenção, onde o ex-mau actor de filmes de *cowboys*, Ronald Reagan, será nomeado candidato republicano às eleições presidenciais norte-americanas.

11
Sábado

1536 – Morre em Basileia o humanista e filósofo holandês Erasmo.

O ministro da Defesa afegão, Mohamad Rafie, declara a correspondentes em Cabul que a actuação do exército afegão contra as forças contra-revolucionárias melhorou nos últimos seis meses graças ao auxílio soviético, infligindo pesadas derrotas aos bandos armados apoiados pelo Ocidente ■ A Comissão Executiva Nacional do Partido Trabalhista britânico, dominada pela "ala esquerda", apresenta um manifesto eleitoral como forma de pressão para o que chamam "reformas radicais" ■ O Comité de Defesa da Democracia boliviano adverte, em comunicado, que o povo boliviano resistirá a qualquer intenção de quebrar o processo de democratização, no caso de um golpe de Estado ■ A RP de Moçambique abre concurso para a segunda fase de construção do gigantesco esquema de inergia hidro-eléctrica de Cabora Bassa.

12
Domingo

1974 – O imperador da Etiópia, Hailé Selassié, é deposto por um golpe militar progressista; era o início da Revolução etíope.

Thatcher mentiu

O dirigente sindical Clibe Jenkins anuncia que o número total de desempregados na Grã-Bretanha é de 2,4 milhões, em vez de 1 659 676 declarados pelo governo de Margaret Thatcher ■ Morre, com 59 anos de idade, o presidente do Botswana, Seretse Hhama ■ Citando fontes oficiais, o diário "El País" informa que o governo espanhol poderá solicitar este ano um crédito de dois mil milhões de dólares (cem milhões de contos) ao Fundo Monetário Internacional (FMI) ■ O presidente do Tribunal Militar Revolucionário Islâmico anuncia que foram presos dois antigos generais como cabecilhas de um planeado golpe de Estado no Irão, os quais confessaram que tinham ligações directas com o antigo primeiro-ministro exilado, Shahpour Bakhtiar.

14
Segunda-feira

1933 – Hitler suprime todos os partidos políticos na Alemanha, com excepção do partido nazi.

A polícia de El Salvador revela que foram mortas pelo menos 45 pessoas na onda de violência política que dominou as principais cidades do país nas últimas 24 horas ■ Recomeçam as "negociações" israelo-egípcias sobre a questão palestiniana, iniciadas em Camp David, nos EUA ■ O chefe do Estado-Maior General das Forças Populares de Libertação de Moçambique, Sebastião Mabote, apresenta à população da capital da província de Manica mais de 500 elementos contra-revolucionários capturados nas províncias de Manica, Inhambane e Gaza, entre os quais se encontra um soldado de Abel Muzorewa; a Frelimo decidiu aplicar a sua antiga política de clemência e obter a regeneração dos rebeldes pelo trabalho, em vez de recorrer às penas de morte.

15
Terça-feira

1958 – Os EUA invadem o Líbano.

O Partido Democrático Liberal (PDL) do Japão escolhe Zenko Suzuki para suceder a Masaioshi Ohira no cargo de primeiro-ministro do país ■ Rádio Teerão anuncia o encerramento imediato das fronteiras terrestres e aérea do Irão durante uma semana com o objectivo de evitar que os conspiradores da recente a abortada tentativa de golpe de Estado possam sair do país ou praticar sabotagens ■ Os serviços secretos norte-americanos concluem que um clarão misterioso registado em Setembro último sobre o Atlântico Sul foi "provavelmente" causado por uma explosão nuclear clandestina do regime racista sul-africano ■ Athos Fava, de ascendência grega e antigo trabalhador da indústria metalúrgica, é o novo secretário-geral do Partido Comunista da Argentina, substituindo no cargo Gerónimo Arnedo Alvarez, falecido no mês passado com 83 anos.

Paz e fraternidade na Cidade Internacional

O comício de encerramento, ponto culminante da festa política, iniciou-se com uma largada de pombos, símbolo da paz. A faixa mural que assinalava e definia a cidade internacional, era decorada com o símbolo da pomba e do punho e em várias línguas uecedia-se a palavra paz. A par da solidariedade internacional, a par do internacionalismo proletário, foi a exigência de paz, batalha imperiosa e vital na nossa época, o traço determinante da vida, das exposições; dos diálogos encetados nos stands, do contacto vivido na Cidade Internacional.

A prioridade das prioridades

Num curto diálogo com a camarada do DKP presente entre nós, que afirmou ser a **luta pela paz**, contra a corrida aos armamentos, contra o deliberado crescendo de tensão que tem vindo a ser fomentado em vários pontos do mundo de par com uma cerrada campanha anti-soviética, a prioridade das prioridades no programa político do seu partido. «Já se iniciaram duas guerras mundiais em território alemão. É preciso impedir que comece aí outra». Esta posição dos comunistas da RFA ilustra uma política comum a todos os partidos irmãos, a todos os países socialistas.

Em diversos stands, esta prioridade da época actual estava bem assinalada na imagem das manifestações em diversas partes do mundo capitalista, contra a corrida aos armamentos em que os EUA e a NATO estão empenhados; no destaque dado a iniciativas da comunidade socialista, em particular da URSS, para que finalmente se reabram os caminhos da paz e que o complexo financeiro-militar, com os governos, órgãos e personalidades que controla, se esforça por obstruir.

O sentido do socialismo

«O sentido do socialismo é fazer tudo para o bem-estar do povo» – esta uma afirmação que encimava parte da exposição no stand da RDA. Afirmação profusamente ilustrada quer com os dados da própria realidade da RDA, quer nos elementos inseridos nos stands dos outros países socialistas. Saúde, ensino, cultura, tempos livres, assistência social, de par com os avanços técnicos e científicos, os recentes voos cósmicos multinacionais, com soviéticos, um húngaro e um búlgaro eis factos realçados nos stands dos países socialistas. Uma realidade que vem de par com os avanços no domínio económico.

No stand da **Polónia**, destacava-se que, em **1985, em dez dias, a produção nacional será igual à produção anual de antes da Segunda Grande Guerra, no ano de 1938**. Este o saldo possível – em menos de 50 anos – com o socialismo, e só com o socialismo. Salto não típico da Polónia em particular, mas que se repete por toda a comunidade socialista, com as variações ligadas ao seu quadro histórico-geográfico.

Dois mundos – e não um – estiveram assim claramente reflectidos em três dias de festa. Somando ao entusiasmo de melhor poder apreender o que será o nosso próprio futuro, comentários dispersos da mágoa do socialismo não ser já presença também aqui. Uma batalha a travar com a confiança própria de revolucionários, batalha onde a desilusão não tem lugar, antes a certeza de que o futuro está nas nossas mãos. E não foi dado de mão beijada a nenhum dos povos que hoje vivem o socialismo e trabalham arduamente para que a sociedade comunista seja também, não só um ideal, mas uma realidade.

Calor da solidariedade

Da multidão compacta que permanentemente ocupava a Cidade Internacional, dimanava não só uma viva curiosidade, mas também a compreensão, a solidariedade, para com os povos em luta. Camaradas chilenos afirmaram-nos: «Não sabemos se se trata de reacção emotiva, de quem há muito pouco viveu o fascismo, se é fundamentalmente o fruto da educação internacionalista do PCP, mas a verdade é que a reacção dos visitantes do nosso stand era não só de interesse, mas de profunda solidariedade, de amizade. Queriam contactar connosco, e exprimiam de forma directa que estavam ao nosso lado. Não só com palavras, como com o abraço quando sabiam que éramos chilenos».

Uma verdade que é mútua. A corrente de solidariedade não teve um sentido único. Não se afirmava em exclusivo a de portugueses com povos estrangeiros em luta, mas também o inverso. A própria crescente presença de delegações no nosso país o confirma. Como a sua emoção face à multidão presente. **«A força do PCP é o elemento que mais se destaca aqui»**, afirmaram-nos. «É uma festa profundamente popular», constataram com a alegria de camaradas que vivem também a luta do povo português em defesa das suas conquistas revolucionárias, pela democracia.

Na multidão imensa que esteve no comício, um casal da RFA, com três crianças, ouviu, em pé, intervenções que não compreendia, pelo prazer do espectáculo da força do Partido, do pulsar das massas que fazem a revolução no nosso país. Conheciam uma única expressão – PCP – que gritavam de punho no ar, como nós. Um pequeno pormenor na grandiosidade de uma festa inesgotável. Mas um pormenor significativo. Da solidariedade que se amassa nestes momentos vividos em comum. E se constrói também com pequenos factos: a lembrança que se leva, os doces regionais, a broa e o caldo verde que se comeu ao fim da cansativa bicha ao sol. Uma solidariedade que une massas imensas em todo o mundo na construção de uma nova vida e tem a sua mais completa expressão no internacionalismo proletário.

Festa é também contacto com a vida e a luta de outros povos

A Festa é sempre uma oportunidade, anualmente renovada, de contactos múltiplos com representantes de povos e de forças revolucionárias de outros países. Oportunidade que o «Avante!» não pode deixar de utilizar, pelo que traz para todos nós de enriquecedoras experiências de luta e trabalho, de melhor compreensão – que o contacto pessoal mais fortalece – entre comunistas e outros revolucionários de diversos países e continentes.

Cada revolução, cada processo histórico de desenvolvimento é uma experiência única. Mas também uma vivência que se desenvolve segundo leis comuns. E que tem muito a ver com o quadro mundial em que se processa, numa bela interacção entre a luta dos vários povos. Interacção em que se insrem factos bem concretos. Não por acaso os camaradas chilenos consideram a solidariedade com a luta do povo de El Salvador, como prioridade absoluta da solidariedade à América Latina. Não por acaso as forças revolucionárias sul-fricanas reforçam a sua luta também em função da necessidade de acabar em definitivo com um foco de tensão e agressões, a Angola, a Moçambique, ao Zimbabwé, à Zâmbia, que é o governo de Pretória.

Dentro do que nos foi possível, o «Avante!» contactou algumas das delegações presentes entre nós. Camaradas que vêm de países com situações bem diversas, diferentes formas de luta, mas vivem a batalha comum pelo futuro, pelo socialismo.

DKP – três direcções de luta

«O DKP (Partido Comunista da RFA) aponta como direcções prioritárias de luta, a defesa da paz, a defesa dos interesses das massas trabalhadoras, a luta contra a prática das interdições profissionais», declarou a camarada Erika Herzog, da redacção do «Onsere Zeit», órgão central do DKP, ao «Avante!»..

Defesa da paz, na RFA, representa a batalha para que não mais seja possível uma guerra, para que o território alemão, onde germinaram já duas guerras mundiais, não possa ser berço de uma aniquilante terceira. Isto significa uma luta de todos os dias, contra a implantação de novas armas nucleares, contra as manobras da NATO em que a RFA surge como uma das pontas-de-lança. Significa não permitir que armas atómicas que, pela primeira vez, podem atingir directamente Moscovo, Kiev, Leninegrado, não sejam jamais disparadas de solo alemão. Significa um difícil e tenaz combate contra a campanha anti-soviética que na RFA atinge proporções ainda mais acentuadas que no conjunto da Europa capitalista.

As **interdições profissionais** – outra grande direcção de luta – surgem como uma questão com crescente acuidade. Como salientou Erika Herzag, tal prática antidemocrática sofreu agora um agravamento qualitativo. Trata-se não só de lançar no desemprego o professorado progressistas, como nos primeiros tempos da sua aplicação, mas, particularmente a partir do caso Hans Peter, funcionário dos Correios levado a julgamento por activa militância como comunista, atingir todo e qualquer funcionário público, e mesmo todo o trabalhador, militante activo do DKP. Recentemente um camarada foi expulso de um jornal burguês particular. Permanecendo subjacente a ameaça de ilegalização do DKP, o objectivo imediato é claro – através desta forma de repressão limitar a acção e a amplitude do Partido Comunista.

Neste contexto, a ida de **Schmidt a Moscovo**, inserindo-se embora numa realidade complexa e contraditória – a RFA não deixa por isso de ser um dos bastiões do militarismo – surge como um dado positivo, não só na cena política internacional, mas também a nível interno.

Reflexos no Chile da nova situação na América Latina

A nova situação gerada na América Latina – segundo nos declarou o representante do PC do Chile na Festa –, com os diferenciados processos que se vivem na Nicarágua, na Bolívia, em El Salvador, a par da luta do povo chileno, tem os seus reflexos na situação política interna do Chile e nas tácticas utilizadas pela Junta fascista. Apesar dos apoios externos à Junta serem uma realidade, Pinochet está empenhado em sair do não menos real isolamento internacional, que em qualquer dos casos limita tais apoios, e simultaneamente consolidar o seu próprio poder.

Vive-se portanto uma fase de «liberalização». Uma «liberalização» a seco, ou seja, sem quaisquer concessões, mesmo que demagógicas, longe, por exemplo, do processo brasileiro. Uma «liberalização» que se traduz em legalização do arbítrio. Institucionalização do fascismo, através de uma «nova» Constituição. Um «legalíssimo» plano de pulverização sindical, para que a crescente luta dos trabalhadores esbarre com o poderoso obstáculo do divisionismo. «Legalização» da repressão.

O caso concreto da «legalização» da repressão, é significativo. As expulsões, a deportação de comunistas e outros democratas para regiões isoladas do país, tem sido sempre uma prática corrente. Ultimamente essas práticas – como a repressão de uma forma geral – não só se agravou como é acompanhada de publicidade. Assim, uma recente deportação de estudantes universitários foi anunciada no jornal oficial «Mercurio» em títulos de primeira página. Um golpe de aparente força, que na verdade se prende à debilidade e crescente isolamento do regime. A Junta de Pinochet manobra a todos os níveis para garantir uma sobrevivência que lhe espapa.

Ascenso de luta na África do Sul

«A explosão numa das maiores refinarias da Áfricas do Sul foi um grande acontecimento da fase actual da nossa luta» – declarou ao «Avante!» o camarada Francis Meli, director da Propaganda e Informação da ANC, movimento de libertação da África do Sul, em Londres.

Esta acção armada surge num momento em que se verifica um claro ascenso na luta de massas. Por um lado a luta estudantil, hoje assumindo uma dimensão nacional, por outro a luta das massas trabalhadoras, praticamente ignorada pelas agências burguesas de informação. Depois das greves da indústria alimentar na Cidade do Cabo, estão neste momento em curso greves dos operários da indústria automóvel em Port Elizabeth. Simultaneamente desenvolve-se uma outra importante frente de luta – pela libertação de Mandela, dirigente da ANC; pela libertação de todos os presos políticos. Milhares de assinaturas são recolhidas em todo o país. Há comités pela libertação de Mandela em todas as regiões da África do Sul. A questão é discutida na imprensa, nas igrejas, no Parlamento. O regime de Pretória já não o pode impedir, pela dimensão atingida por este movimento.

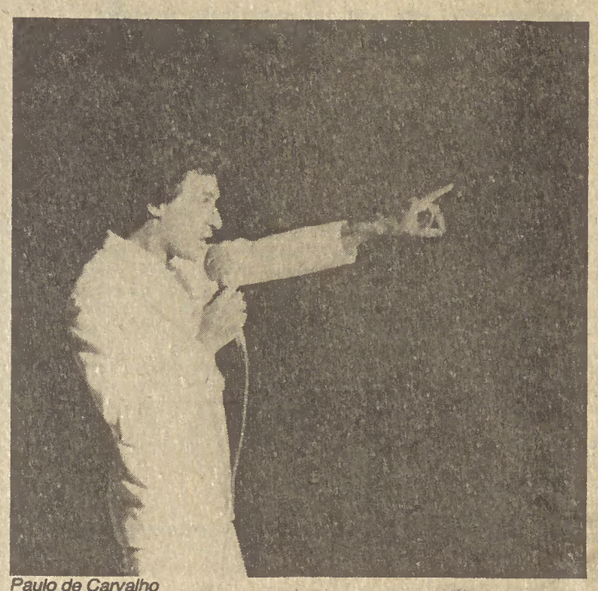
«Toda a gente sabe que Mandela é dirigente da ANC. Este poderoso movimento significa que o povo sul-africano se identifica com a ANC» – destacou Francis Meli.

●

Breves declarações de camaradas que estiveram entre nós, reflectindo realidades diferenciadas – Europa, América Latina, África – mas com um elo comum: a luta popular contra a opressão e a exploração, contra o imperialismo. Breves exemplos da solidariedade possível e da solidariedade necessária: mais uma vez, presença e estímulo na Cidade Internacional.

OS ARTISTAS DA FESTA DO «AVANTE!»

MPB-4


Paulo de Carvalho

Colectivo onde actuaram Zeca Afonso, Carlos Paredes, Fernando Alvim, Fausto, Adriano Correia de Oliveira e Alfredo Vieira de Sousa

Benko Dixieland Band

Metropolitan Jazz Praha

Colectivo em que actuaram Manuel Alberto Valente, Maria do Amparo, Manuel Branco, Carlos Alberto Moniz, Helena Isabel e Nuno Gomes dos Santos

Maria Farantouri

Soledad Bravo

Fernando Tordo, Helena Isabel e Ary dos Santos

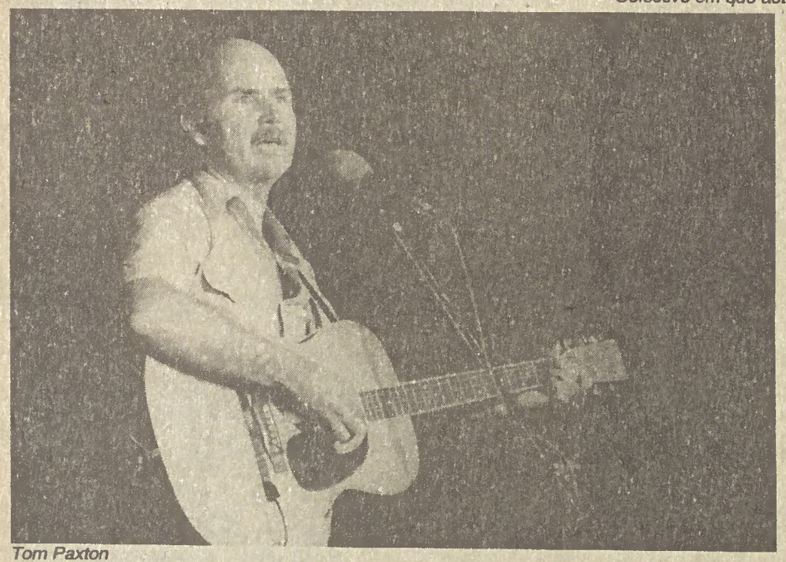
5 – U – 4

Edu Lobo

Colectivo em que actuaram Maria Dulce, Joaquim Pessoa, JJ Letria e Carlos Mendes

Barata Moura

Merengue


Tom Paxton

Chico Buarque

Erzgebirgs Ensemble

Sérgio Godinho

Simone

Luís Cília

Circo Soviético